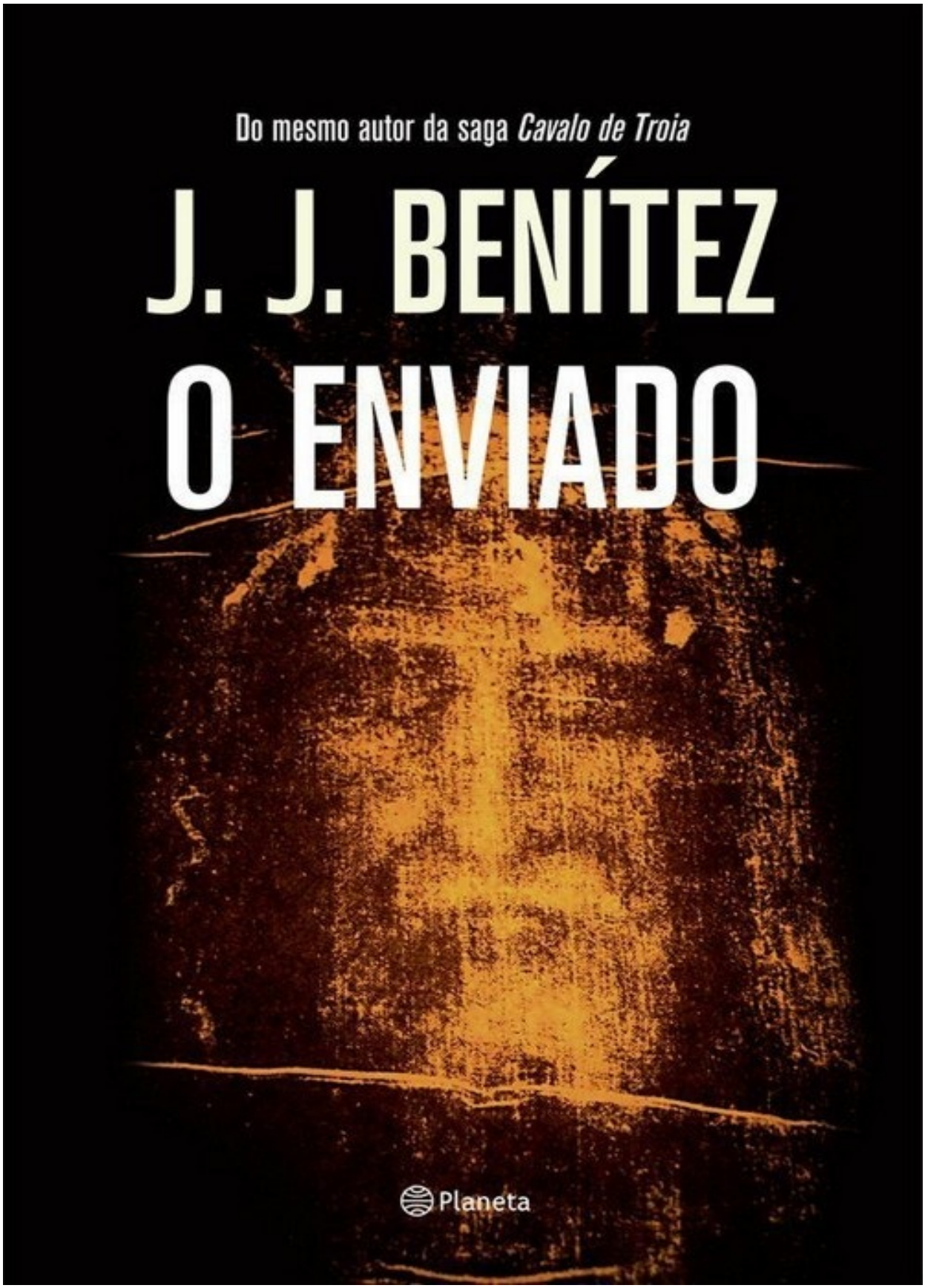

Do mesmo autor da saga *Cavalo de Troia*
J. J. BENÍTEZ
O ENVIADO
Planeta

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

J. J. BENÍTEZ

O ENVIADO

Tradução
Sandra Martha Dolinsky



Copyright © Douglas Kennedy, 2001
Título original: El enviado

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
http://www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

XXXX
Benítez J. J.

O Enviado / J.J. Benítez; tradução Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo : Planeta, 2011.

Tradução de: The pursuit of happiness

ISBN 978-85-7665-942-6

1. Jesus Cristo 2. Jesus Cristo - Miscelânea I. Título.

11-06271 CDD: 232

A Iván, Satcha, Lara e Tirma, meus filhos,
com a esperança de que não levem tanto tempo quanto eu
para "descobrir" Jesus de Nazaré.

Se o termo "extraterrestre" define alguém ou algo como "vindo de fora da Terra", Jesus é um dos poucos extraterrestres de que temos registro histórico.

Apenas uma reportagem

Toda vez que eu tentava começar esta reportagem sobre Jesus de Nazaré de forma profunda, erudita e complexa, as páginas acabavam no cesto de lixo. Assim, instintivamente, eu me deixei levar. Também não entendo por que estou metido nesta aventura. Sempre pensei que falar sobre Cristo era coisa de sacerdotes. Mas, antes de prosseguir, considero absolutamente necessário advertir o leitor sobre algumas questões.

Por um lado, até muito pouco tempo atrás, minha fé nesse personagem – Jesus – não era muito firme. Aos 33 anos, depois de ter passado por uma família cristã, por um colégio cristão, por uma universidade cristã e por uma sociedade que se qualifica como cristã, havia de tudo em meu coração, menos cristianismo. E durante anos o ritmo intenso do jornalismo – da vida em si – acabou por congelar essa fé.

Não me envergonho de confessar: durante anos, não me importei nem um pouco com Jesus de Nazaré. Mas, um dia, em minha tenaz perseguição aos óvnis, por "acaso" (?) cruzou meu caminho o quase esquecido personagem: Jesus de Nazaré. E eu caí na armadilha. A pior em que pode cair um repórter cuja curiosidade é ainda insaciável.

A armadilha – como não! –era uma simples notícia: "Uma equipe de cientistas vinculada à Nasa – não católicos – provou, depois de três anos de pesquisas, que o indivíduo enterrado há dois mil anos em um túmulo próximo a Jerusalém, e que foi conhecido pelo nome de Jesus de Nazaré, emitiu – 36 horas depois de morto – uma misteriosa e desconhecida radiação que 'chamuscou' o sudário que o cobria."

Como jornalista, a notícia me pareceu bastante sensacionalista. O que eles queriam dizer com "chamuscar o sudário que o cobria"?

E foi então que tudo começou. Pelo menos para mim. Hoje, depois de ter pesquisado o tema com toda a profundidade de que fui capaz, decidi organizar as ideias. E tentei – com este livro-reportagem – transmitir ao leitor o que conheci

e, acima de tudo, senti.

Essas anotações não devem ser vistas como uma tentativa teológica ou dogmática. Seria tão ridículo quanto presunçoso de minha parte. Limitei-me a juntar, como licença pessoal, alguns fatos – cientificamente comprovados pela ciência ultramoderna – com algumas hipóteses de trabalho sobre um personagem que comecei a respeitar.

Primeira parte

As sensacionais descobertas de técnicos da Nasa sobre o chamado “Santo Sudário de Turim”

1. Com eles chegou o escândalo

O incrível “escândalo” estourou em uma manhã de setembro de 1977. Os melhores especialistas do mundo no chamado Santo Sudário de Turim haviam se reunido em Londres para participar do primeiro simpósio sobre esse enigmático e polêmico lençol. A assembleia se agrupava sob os auspícios da organização anglicana Institute for Christian Studies. No total, eram cerca de 200 sumidades da ciência moderna, correspondentes estrangeiros, repórteres da televisão londrina e um personagem pequeno, de corpo enxuto – mas não de espírito –, que, ainda por cima, era navarro.

José Luis Carreño Etxeandía – velho missionário nas terras da Ásia, cabeça-dura, segundo suas próprias palavras, como a jumenta de Baal, paupérrimo e um dos homens mais sábios e santos que já conheci – não resistiu à tentação e pediu a palavra no meio do congresso.

Quem estava falando naquele momento era o jovem doutor Eric Jumper, da Academia das Forças Aéreas de Colorado Springs, nos Estados Unidos. Em pé no meio da sala, Carreño, que dedicou seus quase 70 anos de vida ao estudo e à pesquisa do Sudário de Turim, perguntou ao norte-americano:

– Doutor Eric, o senhor deve saber que uma das conclusões mais sólidas da Comissão de Especialistas de Turim é que se deve descartar a hipótese de que as imagens se formaram por contato. Pode nos dizer se seus estudos tridimensionais levam à mesma conclusão?

O jovem cientista, escandindo e parodiando jovialmente as palavras do navarro, replicou:

– Na minha opinião, deve ser absoluta e definitivamente descartada a possibilidade de as imagens do Sudário terem se formado por contato.

Um aplauso ensurdecedor encheu a sala, enquanto o velho missionário murmurava um feliz *thank you*.

E o “escândalo” não se conteve na garganta dos ilustres agnósticos que assistiam à palestra naquele momento. “Uma imagem tridimensional no lençol

conservado em Turim?” “Uma radiação poderosa e desconhecida que saiu do corpo do falecido?” “Mas que monte de insensatez era aquilo que a equipe da Nasa estava dizendo?” “Desde quando um cadáver pode imprimir – praticamente queimar – um lençol?”

A agitação logo alcançou os cinco continentes. Não se tratava de uma afirmação gratuita, fruto da febre ou da imaginação de um cientista. Ao lado do Dr. Eric Jumper, havia uma equipe que foi contando, com a maior simplicidade, o fruto de seus estudos durante os últimos três anos. E, para isso, haviam lançado mão dos mais depurados e sofisticados aparelhos. Um instrumental nascido, curiosamente, à sombra da corrida espacial, da conquista do espaço.

Os norte-americanos se referiam com especial orgulho ao denominado VP-8, um analisador de imagens utilizado para examinar as fotografias que haviam chegado de Marte. Em suas horas livres – com o mesmo entusiasmo de rapazes que constroem um barco –, os capitães, cientistas e especialistas da Nasa usaram esse mesmo VP-8 em uma fotografia de tamanho natural da imagem que aparece no Sudário de Turim. Analisaram as marcas seguindo o mesmo método empregado nas fotos de Marte, ou seja, decompondo-as em milhões de pontinhos microscópicos. E cada ponto foi classificado por três números, que expressavam suas duas coordenadas cartesianas e seu grau de iluminação.

Essa informação – segundo explicaram no congresso de Londres – foi submetida a um computador, que, por fim, reconstruiu a imagem. O resultado foi uma surpreendente revelação: as imagens do Sudário são tridimensionais.

Mas essa descoberta seria só o início de uma longa série de fascinantes e até agora ignorados detalhes da vida, paixão e morte daquele impressionante “homem” chamado Jesus de Nazaré.

2. Autenticidade: eis a questão

Creio que, como muitas outras pessoas, em algum momento eu já havia ouvido falar do Sudário de Turim. Entretanto, nunca tinha dado a esse assunto mais atenção do que aquela que teria dedicado ao braço de Santa Teresa ou ao crânio de São Cirilo. Para mim, essas relíquias não tinham o menor valor. E, embora sempre tivesse procurado agir com respeito quando se falava do assunto, no fundo de meu coração eu não enxergava as coisas com clareza.

O obscurantismo, a morbidade ou a rigidez acabavam sempre aparecendo diante de meus olhos quando eu deparava com qualquer um desses relicários, na maioria das vezes até antiestéticos. Por que o tão falado Santo Sudário de Turim seria uma exceção? Além disso, quantos santos sudários já conhecemos?

Em muitas de nossas catedrais, igrejas ou simples capelas conservam-se exemplares desses lençóis "sagrados", e os habitantes locais juram e perjuram que o seu é o autêntico. Portanto, meus primeiros passos na investigação foram direcionados à busca de dados que esclarecessem essa pretensa autenticidade.

Um dos mais espinhosos obstáculos foi a aparição tardia do Sudário em relação à morte de Jesus. Segundo os dados históricos, o lençol só veio a público cinco séculos depois, em 525. Então, era lógico pensar que alguém poderia ter falsificado o Sudário, por motivos tanto econômicos quanto religiosos.

Até muito pouco tempo atrás, esse fato colocou em situação embaraçosa todos aqueles que se empenhavam em defender a autenticidade do referido lençol. Os agnósticos e hipercríticos encontravam nisso um motivo mais que suficiente para tachar o assunto de simples superstição. E não lhes faltava razão.

A História afirma que, até a destruição de Jerusalém, o Sudário ficou escondido e manteve-se em mãos cristãs, que ignoravam o tabu hebreu sobre lençóis que houvessem tocado um cadáver. E dali – afirmam os eruditos – o pano passou à cidade de Edessa, na Síria (hoje conhecida como Urfa, na Turquia).

Os historiadores não sabem quando esse traslado pode ter ocorrido. O mais provável é que, com a apostasia de um dos reis de Edessa, os cristãos tenham

escondido o Sudário em um vão das muralhas.

Em 525, o lençol foi novamente descoberto e venerado. Mas, ao contrário do que ocorre atualmente, não foi enrolado em um pedaço de madeira, e sim dobrado em quatro partes. Além disso, só se podia contemplar a face, que era conhecida como Mandylion.

Quatrocentos anos depois, em 944, foi cedido ao imperador bizantino e levado a Constantinopla, onde permaneceu até 1204, na Igreja de Santa Maria de Blanquerna. Nesse ano, o contingente da erroneamente denominada IV Cruzada, ávido por pilhagens, saqueou Constantinopla. E o Santo Sudário desapareceu misteriosamente, reaparecendo quatro anos depois em Besançon (França), em poder do pai de Otto de la Roche, que “por acaso” era responsável pela defesa da referida igreja de Blanquerna.

Após várias vicissitudes, o lençol chegou ao poder dos príncipes de Saboia. Em 1578, para tentar suavizar o difícil voto feito por São Carlos Borromeu de ir a pé de Milão a Saboia para venerar o Sudário, em ação de graças pelo fim da peste em sua arquidiocese, o príncipe Filiberto o levou a Turim, ao encontro do santo peregrino, no meio do caminho. E ali o lençol ficou, em uma maravilhosa capela construída por Guarini. Foi enrolado em um cilindro de madeira e colocado em uma urna de prata, guardada em uma pequena arca de madeira protegida por uma grade de ferro dupla.

Se me estendi na árida exposição histórica da rota que, ao que tudo indica, o Sudário seguiu, foi com dupla intenção. Pois – ah, que surpresa! –, com a chegada do século xx e de seus conhecimentos revolucionários, os especialistas em palinologia – moderno ramo da microbotânica – descobriram entre as fibras do linho a melhor prova da verdadeira idade do lençol.

Vejamos.

Em 23 de novembro de 1973, por desejo do cardeal Pellegrino, o Sudário de Turim foi exposto e também mostrado aos italianos pelas câmeras de televisão. Nessa noite, um criminologista de renome internacional, o doutor Max Frei, diretor do laboratório científico da polícia suíça, teve acesso ao Sudário em companhia de outros cientistas. E, em algumas tiras de fita adesiva, Max recolheu uma amostra do pó existente na borda do lençol. Depois, dirigiu-se a Neuchâtel com seu humilde tesouro, onde submeteu a amostra a seus microscópios eletrônicos.

Sua descoberta seria decisiva. No tecido, apesar do tempo decorrido, havia grânulos de pólen de plantas desérticas típicas da Palestina. Mas isso não era tudo. Max Frei comprovou também que o pólen mais presente no Sudário era idêntico ao que se encontra comumente nos estratos sedimentares do lago de Genezaret, que existe há dois mil anos.

E, como se não bastasse, o palinologista mostrou ao mundo que entre as fibras do tecido havia amostras de pólen de plantas presentes na Ásia Menor, e, mais precisamente, nas imediações de Constantinopla. Também havia grânulos de origem francesa e italiana. Ou seja, das regiões por onde o Sudário havia peregrinado.

Max Frei então acrescentou àquela declaração histórica de 8 de março de 1976: "A presença de pólen pertencente a não menos de seis espécies de plantas palestinas, uma turca e oito mediterrâneas permite-nos, a partir de agora, mesmo antes de se completar a identificação de todos os microfósseis, chegar à seguinte conclusão definitiva: o Sudário não pode ser uma falsificação. Zurique".

No ano seguinte – no citado primeiro simpósio de Londres –, o erudito respondeu às perguntas de um cientista de Cambridge: "É absolutamente certo que o Sudário estava na Palestina no século I".

Para Max Frei, a grande dificuldade dessa importante investigação recaía na identificação dos grânulos de pólen que hoje estão extintos. Como comentou Max, "quando esses grãozinhos microscópicos de pólen provêm do paletó de um criminoso, é relativamente fácil determinar em quais paragens ou países ele esteve, porque o pólen de plantas da atualidade já está catalogado. Mas, quando se trata de pólen antigo – já desaparecido – e de regiões remotas, seria necessário consultar incontáveis livros, que não foram escritos ainda".

Apesar disso, Max Frei percorreu o Chipre, a Palestina, o deserto Negev, Edessa, Anatólia, Istambul etc., identificando mais de mil grãos de pólen. Cinco anos depois daquela primeira e definitiva descoberta, Max Frei tornou a se dirigir aos estudiosos do Santo Sudário, no segundo congresso internacional, realizado em 1978 em Turim, e ofereceu uma lista com 48 espécies de pólen descobertas até então no tecido do Sudário.

O lençol – definitivamente – esteve exposto ao ar na Palestina. E há exatos dois mil anos. Assim mostra categoricamente a palinologia.

Mas as perguntas continuavam fluindo em minha mente. Por exemplo, como um microscópico grão de pólen poderia resistir à passagem do tempo e permanecer ali durante dois mil anos?

3. Uma pintura de Zurbarán sobre dácron

Quem poderia suspeitar que, dois mil anos depois, os especialistas em botânica iam fornecer uma das provas decisivas da autenticidade do Sudário de Turim? Quando, movido pela curiosidade, eu me tranquei na biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade de Bilbao em busca de novas informações sobre o – para mim – recém-descoberto mundo da palinologia, encontrei um dado que esclarecia minha dúvida sobre a resistência do grânulo de pólen ao longo dos séculos.

A ciência explica que os grãos de pólen, que tendem sempre a formas esféricas ou elípticas de diâmetro entre 10 e 200 micras, têm seu tecido fértil revestido por uma membrana protetora (esporoderme), composta por substâncias de altíssima inércia química. Pelo microscópio, podemos observar estruturas variadíssimas e elegantes, o que facilita o reconhecimento da espécie.

Quando essa formidável resistência da "couraça" que cobre cada grânulo de pólen se une à sua fossilização, a conservação do espécime é quase ilimitada. E foi justamente isso que aconteceu com os restos de pólen encontrados no tecido em questão.

Mas "minhas" descobertas não pararam aí. Ao estudar o pólen, soube, por exemplo, que o planeta inteiro (seres vivos, campos, montanhas, edifícios, máquinas) está coberto por mantos de pólen. A produção anual de pólen das plantas atinge valores impressionantes. Na catalogação realizada por Erdtman consta, por exemplo, a *Calluna vulgaris* (urze), com 4,06 bilhões de grãozinhos de pólen por metro quadrado de bosque. O amieiro, ou *Alnus glutinosa*, atinge igualmente 2,16 bilhões de grânulos.

São números tão astronômicos – apesar da simplicidade dessas plantas – que, se fôssemos dotados de visão microscópica, a imagem que temos do mundo mudaria. Veríamos tudo, até o interior de nossa casa, coberto por um manto vegetal de pólen, cuja cor mudaria segundo a planta dominante e a estação.

O pólen é tão importante que, para os paleontologistas e antropólogos, constitui

uma parte vital da história de um território, tornando-se, assim, um precioso documento das variações do conjunto vegetal. A denominada Revolução Neolítica, (transição da cultura nômade do homem caçador para a sedentária do homem agricultor) por exemplo, ficou registrada pelos índices de pólen: a curva de vegetação florestal declinou, enquanto a curva de plantas herbáceas, sobretudo as gramíneas, ascendeu a olhos vistos.

Mas, como em uma cadeia inesgotável, a descoberta do pólen mostrou aos cientistas outro fator importante, que reforça a autenticidade do lençol. Eu me refiro à estrutura e à idade do tecido em si.

Em sucessivos estudos, foi possível verificar que o Sudário era formado por um tecido cuja fibra era de linho e, segundo o professor Raes, uma ou outra raríssima fibra de algodão. Sua textura foi ampliada até cinco vezes, e jamais se encontrou o menor traço de tinta.

No último congresso sobre o Sudário, realizado em Turim, outros dois professores – Baima Bollone e Ettore Morano – mostraram ao mundo que a sarja em “espinha de peixe” que compõe o Sagrado Lençol é idêntica à de outro tecido encontrado em uma sepultura egípcia que data do ano 137 de nossa era. E o mesmo se aplica à urdidura e à composição.

Isso também não deve nos maravilhar, posto que em qualquer museu egípcio ou pré-inca, por exemplo, há tecidos que remontam a 4 ou 5 mil anos antes de nossa era, e sua perfeição surpreende, hoje, nossos melhores fabricantes.

Entretanto, o tecido em trama de sarja só apareceu na Europa semibárbara quando o século xiv já estava bem avançado.

Como entender, então, o já mencionado absurdo de uma falsificação? Pensar, enfim, que a imagem do Sudário de Turim é produto de uma manipulação com tinta no século xiii – como argumentaram os detratores – é agregar o disparate ao absurdo. Algo como afirmar que alguém descobriu uma pintura de Zurbarán feita sobre dácron.

Como se sabe, historicamente, a indústria têxtil era fundamental na vida social e econômica do Egito. O jovem aprendiz de tecelão era subvencionado, e sua preparação técnica podia durar até cinco anos. A cidade de Palmira, por exemplo, empório da sarja de linho, ficava a alguns dias de caravana de Jerusalém. Não deve ter sido muito difícil para José de Arimateia encontrar esse nobre lençol em qualquer loja judaica.

Mas as descobertas da ciência ultramoderna – que foi posta a serviço do estudo do Sudário de Turim – estão apenas começando. No simpósio de 1978, Max Frei e Aurelio Ghío deram início a uma experiência que poderia ser revolucionária para a época. Esses cientistas introduziram entre o forro e o lençol uma espécie de aspirador em miniatura, absorvendo o pó que estava no Sudário. Esse material

foi depositado sobre lâminas e analisado com os mais potentes microscópios eletrônicos. A finalidade do experimento era isolar os microcristais e confrontá-los com aqueles que se encontram no interior das cavernas do Monte Gólgota. Mas esses resultados ainda não se tornaram públicos.

O que intuímos é que Jesus de Nazaré “sabia” que vinte séculos depois de sua morte uma curiosa invenção chegaria às mãos do ser humano: a fotografia.

4. Um “ás” na manga de Jesus de Nazaré

Quando consultei meus amigos e colegas – os profissionais da fotografia Fernando Múgica, Manu Cecilio, Gianni Ferrari, Alberto Schommer e outros –, todos acabaram dando de ombros. Ninguém compreendia como a imagem que aparece em um tecido de 4,36 m × 1,10 m pode ser, na realidade, um negativo fotográfico. E, assim como aconteceu com outras revelações sensacionais, por ora não temos explicação para essa característica do Sudário de Turim.

Mas vamos voltar um pouco na História.

Imagino a cara de surpresa do bondoso e esforçado Secondo Pia, um advogado e aficionado da nova arte da fotografia, quando, na noite de 28 de maio de 1898, teve em suas mãos o verdadeiro rosto de Jesus de Nazaré.

O Sudário de Turim não costumava ser exposto à curiosidade das pessoas. Mas, na primavera de 1898, por ocasião das bodas do futuro rei Vitor Manuel iii, ocorreu uma exceção. O lençol seria exibido por um período de oito dias e contemplado por nada menos que 800 mil peregrinos do mundo todo.

Mas aquela nova ostentação teria um caráter especial. Mais precisamente histórico. E o protagonista seria o advogado Secondo Pia, o primeiro ser humano que contemplaria o “autorretrato” de Cristo.

Eis aqui, em síntese, sua peripécia.

Pia havia herdado tanto amor por sua linda terra, Piemonte, que desde jovem percorria os vales de Asti, lápis na mão, e entrava nos templos e mosteiros para admirar os afrescos, colunas e grades e fazer esboços deles. De modo que, ao completar 20 anos, na década de 1870, e saber das maravilhas que começavam a se realizar com a fotografia – inventada cerca de 30 anos antes por Daguerre –, viu abrir-se um mundo de possibilidades para registrar suas descobertas artísticas diárias. Já em 1876, elaborava ele mesmo, em casa, seus próprios negativos em placas de cristal, e produzia excelentes fotografias.

Claro que, embora ele tivesse se formado em Direito, seu coração estava determinado a seguir seu objetivo. E, com isso, crescera nele uma energia

indomável para vencer obstáculos. Muitas vezes, por exemplo, tendo de retratar o interior de templos, ao ver que a luz solar não chegava até aquilo que ia reproduzir, montava um jogo de espelhos que refletiam a claridade exterior. Outras vezes, enfrentava a rude hostilidade dos aldeões e dos donos de terras. E isso era mais difícil de domar que as leis da natureza.

Porém, de qualquer maneira, de uma coisa pôde se orgulhar a vida inteira: jamais retocou um negativo. Era natural, então, que a Associação de Aficionados da Fotografia de Turim o elegesse presidente.

E prosseguem as "casualidades".

Naquela primavera das bodas reais, diz-se que um grande venerador do Sudário de Turim – o sacerdote salesiano Noguier de Malijay, professor de Física no Liceu de Valsálice – estava acalentando uma ideia: aproveitar aquela ocasião para fazer uma fotografia do lençol. E, sem rodeios, levou sua proposta ao palácio. Mas Sua Majestade, o rei Humberto i, chefe da Casa de Saboia e, por extensão, proprietário da relíquia, não gostou da ideia. "Não seria isso – pensou – uma desrespeitosa intrusão no sacrossanto? As cópias feitas seriam tratadas com veneração? Não era sórdido venderem-se no mercado fotografias de algo sagrado?"

Uma vez mais, o progresso tropeçava nas paredes refratárias do tradicionalismo mal-entendido.

Foi o barão de Manno que se encarregou de aquietar a perplexidade da consciência real. Não seria um dever manter a imagem do Sudário em fotografias, caso um dia perecesse sem deixar cópia fidedigna? O Sudário não estivera, efetivamente, a ponto de sucumbir aos vários incêndios de sua história? E quem poderia garantir que, enquanto centenas de milhares de pessoas passassem diante dele durante os oito dias de exibição, um fotógrafo sorrateiro não conseguiria fazer uma cópia clandestina ruim que o desprestigiasse?

O rei se convenceu. E o nome de Pia foi indicado como o profissional mais honesto e capacitado para fazer as primeiras placas fotográficas do Sudário.

Ninguém podia suspeitar, então, o que adviria daquela audácia. Mas o que Secondo Pia também não imaginava era a sucessão de obstáculos que enfrentaria para realizá-la. Ele mesmo contou essa história nove anos depois em seu livro *Memoria sulla riproduzione fotografica della Santissima Sindone*.

Em primeiro lugar, a Catedral de São João Evangelista, onde o Sudário ficaria exposto, era muito escura. "Como obter luz para a impressão das placas?", foi a primeira pergunta que o fotógrafo se fez.

Passariam por ali 800 mil pessoas em 8 dias. Uma vez que cada grupo – sem contar os empurrões – teria seus minutos de marcha e contemplação estritamente determinados, como ele poderia ter um intervalo de sossego para sua complicada

operação?

Nem ele nem ninguém em Turim tinha, naquela época, experiência no uso da eletricidade para fotografar interiores. Além disso, nem na catedral nem na cidade existia rede elétrica, privada ou pública. A esse problema somava-se a necessidade de montar – e desmontar imediatamente depois – uma plataforma em frente ao Sudário onde coubessem ele e seu enorme equipamento, posto que o lençol estaria elevado para a massa vê-lo. Ele teria tempo para isso?

Homem de luta, Pia começou a se preparar para a tarefa. Como não havia instalação elétrica em sua casa, ele fez experiências nos laboratórios de Física: retratava objetos à luz do dia e depois tornava a retratá-los sob a luz elétrica dos laboratórios, anotando a intensidade de luz, o tempo de exposição, a sensibilidade das placas etc. E, em meados de maio, julgou-se já suficientemente preparado para a tarefa.

Mas as coisas não seriam tão simples. Ele descobriu, examinando o programa, que na apertada ordem de acontecimentos haviam restado apenas dois pequenos intervalos que poderia aproveitar: um de meio-dia e pouco até as três horas de 25 de maio, e outro na tarde do dia 28.

A primeira tentativa foi no dia 25. Ele tinha pouco mais de duas horas para montar a plataforma, instalar sua enorme câmera fotográfica, acionar os dínamos, estender a linha elétrica, fixar as luzes, verificar todos os detalhes, expor as placas e depois desmontar todo aquele aparato para deixar a multidão devota entrar. Sua câmara escura para a revelação já estava instalada na sacristia, atrás da catedral, pois ele tinha urgência em ver os resultados.

E então chegaram os momentos dramáticos. Avançando lentamente com uma carga de tábuas de vários tamanhos e formas, ferramentas, parafusos e porcas, os ajudantes de Pia cruzaram a porta do comungatório e entraram no presbitério, onde o lençol estava exposto.

Primeiro, colocaram uns trilhos de madeira, como uma pequena ferrovia, e depois começaram a parafusar o estrado construído dias antes e posteriormente desmontado para o transporte. Terminada essa operação, estava pronta a plataforma de 1,5 m × 2 m onde seria instalada a câmera fotográfica.

Os pés que sustentavam a plataforma, de 1,70 metros de altura, tinham rodinhas que permitiam que ela fosse deslocada para a frente ou para trás sobre os trilhos. Além disso, na plataforma havia outro suporte de madeira, atrás do qual Pia se posicionou.

Então, seus ajudantes lhe passaram a volumosa câmera fotográfica de madeira, com alças de metal, que Pia colocou cuidadosamente sobre o suporte. Já continha a placa sensível, que media 51 cm × 63 cm. A lente Voigtlander focava diretamente o centro do sudário.

Acenderam-se os dois refletores de ambos os lados da plataforma e a relíquia foi inundada de luz viva. Mas a corrente era irregular, e as luzes se avivavam e enfraqueciam quase a cada minuto. Cada lâmpada era alimentada por seu próprio gerador, e logo Pia pôde notar que a esquerda era mais brilhante que a direita.

Ele já havia preparado filtros translúcidos de vidro esmerilhado e ordenou a seus ajudantes que os fixassem diante dos refletores, enquanto colocava outro filtro fino amarelo na lente. Minutos depois, anunciou que estava pronto. E, após uma oração em silêncio, expôs a placa. Pegou seu relógio de bolso e começou a cronometrar. Havia decidido, depois de suas experiências, fazer duas exposições: uma de 14 minutos e outra de 20.

E lá estava Pia, em pé em sua plataforma, atrás da enorme câmera, penosamente consciente de que a intermitência daquela corrente fazia os arcos voltaicos pulsarem de modo desigual. Mas não havia mais nada a fazer para remediar a situação. Deu uma olhada no relógio: mais nove minutos e sua primeira placa estaria pronta para a revelação. Exporia ainda a segunda, enquanto começava a revelação da primeira em seu quarto escuro na sacristia.

De repente, um estalo, como de um vidro que se racha, o fez levantar os olhos, sobressaltado. Com o enorme calor das luzes, os filtros haviam se quebrado, ficando inutilizados.

Pia parou um momento. Por fim, deu de ombros e desceu da plataforma. Já não havia nada a fazer. Era inútil continuar tentando sem os filtros. Não restava tempo para arranjar outros. Já passava das duas, e logo a catedral se abriria de novo ao público.

Pia teria de esperar três dias para a segunda e última tentativa. Mas, afinal de contas – pensou, para se consolar –, resolveria alguns problemas. Por exemplo, durante aqueles três dias de intervalo, seus eletricistas regulariam a corrente dos geradores. A próxima tentativa tinha de ser impecável.

Mas Pia não contava com outras nobilíssimas interferências. Na vez seguinte, quando focasse sua lente na relíquia, a luz de seus refletores teria de atravessar uma grossa parede de cristal.

O que havia acontecido? A princesa Clotilde, que havia chorado ao beijar aquele lençol, ficara horrorizada ao ver como estava exposto – dizia ela – a contaminações e fragmentos. A fumaça das velas, o incenso que pairava no ar e, acima de tudo, aqueles refletores do fotógrafo vertendo um jorro de calor e luz sobre o tecido desprotegido a deixavam desassossegada. Era preciso tornar a pôr o vidro grosso e a moldura de proteção. Clotilde tinha uma veneração muito ardente e personalíssima pelo Sudário.

E, de fato, ela havia sido a escolhida – depois da exibição de 1868 – para trocar o velho forro gasto de trás do Sudário. E havia realizado toda aquela tarefa de

joelhos. Enfim, o grosso cristal protetor foi colocado de novo sobre o lençol.

Às 21h30 do dia 28, Secondo Pia chegou à catedral e descobriu que haviam roubado as porcas que guardara na sacristia junto com a plataforma desmontada. Com um profundo suspiro, ordenou a seus ajudantes que montassem a plataforma com qualquer material que encontrassem.

Logo ele notou que o grosso cristal que protegia o Sudário funcionava como um espelho para seus dois refletores e os ornamentos dourados do presbitério.

Às 22h45 a plataforma já estava montada, mantida em pé por cordas e arames. Para dar à sua lente uma visão mais límpida, Pia puxou a plataforma para trás, fazendo-a deslizar sobre os trilhos até uma distância de 8,5 metros. Assim, os dois refletores davam uma iluminação constante, enquanto os novos filtros de vidro esmerilhado suavizavam seu brilho.

Já eram 23h quando Pia abriu a lente, expondo sua primeira placa por 14 minutos. Depois do fracasso do dia 25, havia desistido de instalar seu quarto escuro na sacristia. Faria a revelação em casa, a cinco minutos de carruagem.

Devia ser meia-noite quando, terminada a segunda exposição de 20 minutos, o advogado recolheu as duas placas e correu para casa. Os ajudantes ficaram para trás, desmontando a plataforma.

E surgiu o inesperado.

Havia apenas uma luzinha vermelha brilhando na câmara escura quando Pia depositou com extremo cuidado as duas enormes placas na solução de oxalato de ferro. E começaram a aparecer umas linhas tímidas.

Pia soltou um suspiro de alívio. Tinha conseguido pelo menos algo. A primeira coisa que viu naquela primeira placa que pingava diante de seus olhos ao levantá-la para a luz avermelhada foi a parte superior do altar e, sobre ele, a imponente moldura que continha a relíquia. Mas aquela grande mancha parda correspondente à marca do corpo começava a assumir um caráter inesperado. Então, girou a placa e passou a observar o rosto.

Santo Deus! Suas mãos de repente tremeram. E a grande placa, ainda úmida e escorregadia, quase caiu no chão.

Aquela imagem, mesmo com os olhos fechados pela morte, era real. Espantosamente, aquele era o verdadeiro rosto do chamado Jesus de Nazaré. E Secondo Pia era o primeiro ser humano que o contemplava depois de 19 séculos.

Isso significava que a imagem no lençol era um negativo fotográfico em tamanho natural. Assim, a placa fotográfica em negativo de Secondo se transformava em um retrato em positivo.

Pia escreveria mais tarde: “Trancado em meu quarto escuro, totalmente concentrado em meu trabalho, senti uma intensa emoção quando, durante a revelação, pela primeira vez vi o Santo Rosto surgir na placa, com tanta clareza

que gelei.”

E, claro, quando a notícia – uma das mais sensacionais que já se soube – saiu nas primeiras páginas dos jornais, os agnósticos, desmancha-prazeres e afins repudiaram o assunto afirmando categoricamente que aquele negativo era, sem dúvida, obra de algum falsificador.

Nesse caso, a argumentação dos céticos era frágil como um recém-nascido. Todos os estudiosos, e especialmente os técnicos e profissionais da fotografia, afirmaram ser inconcebível que, 19 séculos antes, “alguém” pudesse ter criado um negativo fotográfico, e em tamanho natural. Mesmo hoje, com as sofisticadas técnicas fotográficas de que dispomos, seria difícil produzir, em negativo, uma imagem igual à daquela trama de tecido.

Como podemos recordar, o primeiro negativo fotográfico produzido pela humanidade em laboratório foi feito 1.800 anos depois do Sudário. E isso graças ao trabalho de diversos cientistas: uns, melhorando a câmara escura, outros, aperfeiçoando as lentes; uns, pesquisando sobre os sais de prata sensíveis à luz, outros, tentando encontrar o jeito de eliminar os sais não afetados, e outros, ainda, tentando fixar aqueles modificados quimicamente pelo feixe de luz.

Foi só em 1841 que o grande astrônomo, matemático, químico e humanista inglês sir J. W. F. Herschel pôde batizar sua criatura pela primeira vez com o nome de “negativo”, coroando, assim, as descobertas de Niepce, Daguerre, Talbot etc.

O assunto era de enlouquecer. Na investigação sobre o Sudário de Turim, os mistérios se encadeiam às surpresas, e estas, como em um jogo, a eles. E eu comecei a acreditar, em vista do que já havia estudado, que Jesus de Nazaré – que devia levar em conta também os homens cáusticos da atualidade – havia guardado um ás na manga.

5. A imagem não tem origem química

O caso é que, como se não bastasse a confusão dos cientistas, nas últimas análises óticas do lençol, os pesquisadores observaram outro detalhe surpreendente: enquanto a imagem do rosto está em negativo, os filetes de sangue aparecem em positivo. É como se o sangue houvesse se colado ao tecido pelo contato, ao passo que o rosto mal deixou sua marca.

Mas, ao saber desse ponto, lembrei-me das palavras de Eric Jumper, o jovem capitão da Nasa: “Uma hipotética ação química ou bacteriológica fica excluída na formação da imagem no lençol. Ou seja, deve-se descartar a formação das marcas por contato”.

Eu não entendia. Ali, em minha opinião, existia uma contradição. Se a imagem era o resultado misterioso de uma radiação ou energia, como diabos haviam se formado os fios e as manchas de sangue? Porque, afinal, eram marcas de sangue. Ou não eram?

Vejamos as provas e opiniões dos mais célebres especialistas em sangue.

Com a colaboração de religiosas especializadas, foram retirados alguns fios curtíssimos do lençol. Os professores Giorgio Frache, da Universidade de Modena, Eugenia M. Rizzatti e Emilio Mari, ambos assistentes de cátedra, submeteram dez desses fios a testes hematoscópicos. Os resultados foram negativos: nenhuma das reações químicas acusou a presença de sangue.

Longe de desanimar, eles examinaram as fibras com um aumento de 285 vezes e iluminação de luz ultravioleta, para tentar descobrir alguma fluorescência, característica de todos os derivados da hemoglobina. O resultado foi igualmente negativo.

Provocaram também uma reação com benzidina. Não houve nenhuma transformação da cor. Resultado negativo. Além disso, fizeram um exame microespectroscópico, em busca do hemocromogênio. Resultado absolutamente negativo. Cromatografia de estratos ultrafinos. Negativo.

Resumindo: as marcas pareciam corresponder a filetes e acúmulos de sangue.

Porém – e depois de minuciosas análises, inclusive com microscópios eletrônicos –, não havia o menor vestígio orgânico de sangue.

Como entender um mistério como esse?

Talvez a resposta tenha sido apontada pelo citado Dr. Frache: “Se as proteínas específicas do sangue e de sua correspondente pigmentação forem submetidas, por diversas causas, a processos de desnaturalização, poderão perder as características que costumam nos permitir identificá-las”.

Em outras palavras: onde realmente houve sangue, não há mais, mas, por uma razão que ainda ignoramos, restou a marca. Essa é uma teoria em consonância com as últimas descobertas da Nasa e que acabou “derretendo” o “circuito” mental de muitos cientistas...

Em 11 de outubro de 1978, a imprensa italiana publicava a seguinte manchete: “Incrível revelação: a marca do Sudário de Turim não tem origem química”.

O experimento foi realizado por uma equipe de mais de 50 cientistas – italianos e norte-americanos – diretamente no lençol. Essa descoberta tinha uma importância enorme porque fazia desmoronar a velha teoria de que as marcas haviam se formado pela reação química ocorrida entre a mirra, o aloé e o suor do corpo do homem crucificado.

Mas vejamos com detalhes o experimento feito pelos cientistas.

Após ter sido examinado por meio de diversos sistemas, o lençol foi explorado com um feixe de raios X, de modulações dirigidas. Trata-se, na prática, de um aparelho bastante similar àquele utilizado na medicina para fazer radiografias do corpo humano, com a diferença de que possibilita que as imagens, uma vez gravadas em uma placa fotográfica, sejam visualizadas em um monitor especial de televisão.

A experiência durou três horas. As primeiras imagens mostraram os grãozinhos de pó depositados no tecido. O pó é constituído por microcristais opacos aos raios X. Sucessivamente, os cientistas conseguiram tornar opacas as manchas de sangue impressas na sarja.

Nos monitores foram aparecendo, mais tarde, halos indistintos, que os pesquisadores – por meio de computadores – identificaram rapidamente como restos da água utilizada para apagar o incêndio ocorrido em Chambéry em 1532. A água contém sais dissolvidos, que permaneceram no tecido de linho quando o líquido evaporou.

Já nesse ponto começou-se a obter resultados práticos. Apesar das diversas variações na modulação dos raios X, não surgiram outras marcas. Da imagem do corpo propriamente dita não foi possível encontrar um único vestígio orgânico ou inorgânico. Nem um sinal. Nem uma mancha.

Qual era a explicação? Só uma. A marca do Sudário não tem origem química.

A imagem não se formou sobre o tecido por uma transposição de matéria. Assim, não pode ter sido formada por um acontecimento externo, como a tinta. Também não é – afirmaram os cientistas – resultado de uma reação química.

Conforme apontei anteriormente, essa última tese havia sido, até aquele momento, a explicação total para a formação das marcas no lençol de Turim. O primeiro cientista que estudou a gênese das marcas de caráter fotograficamente negativo foi o biólogo Dr. Paul Vignon, adjunto do professor Yves Delage, um acadêmico francês da Sorbonne. Estudando as propriedades químicas do aloé, ele constatou que este se oxidava facilmente na presença de substâncias alcalinas, e dessa reação resultava uma matéria parda que penetrava com facilidade as fibras de um tecido, aderindo-se tenazmente a ele.

E que reagentes alcalinos havia no cadáver de Jesus de Nazaré? Emanações amoniacais – concluiu Vignon – provenientes do suor, e, principalmente, do sangue, ambos líquidos orgânicos que contêm ureia e, portanto, amoníaco em estado potencial.

O Dr. Vignon aplicou panos de aloé encharcados em solução oleosa sobre moldes de gesso umedecidos com uma solução de carbonato de amônio e obteve, assim, marcas que apresentavam certa analogia com as do Sudário. Vignon deu o nome de *processo vaporigráfico* a esse procedimento para obter imagens negativas. A inevitável objeção a essa hipótese foi que a difusão dos vapores não é ortogonal[1]. Os gases amoniacais não teriam se elevado em ângulo reto; teriam se espalhado em todas as direções. E isso por mais límpida que estivesse a atmosfera da gruta.

Além disso – objeta o Dr. Dezani, da Universidade de Turim –, para obter uma imagem tão uniforme como a conservada no Sudário, seria necessária uma emanação regular de amoníaco, o que é biologicamente difícil de explicar.

De fato, a distribuição das glândulas sudoríparas não é uniforme no corpo humano, tampouco sua atividade ou a composição do líquido secretado. E, ainda, “o suor de sangue de Jesus no Getsêmani e a caminho do Calvário deve ter sido absorvido pela túnica, no que diz respeito à hipótese de Vignon”, prossegue o Dr. Dezani.

Por fim, “o suor do crucificado exposto nu ao sol e ao ar por várias horas deve ter se evaporado, cristalizando a ureia”. Ou seja, a ureia passou a um estado físico no qual o processo de fermentação seria difícil. A fermentação se verifica facilmente a uma temperatura superior a 20 graus, mas torna-se lenta a temperaturas inferiores. E devemos recordar que a morte de Cristo ocorreu, ao que parece, em abril, próximo ao entardecer e a uma altitude similar à de Madri. Ou seja, abaixo dos citados 20 graus.

No entanto, antes de passar para o excepcional capítulo da radiação misteriosa

que ocorreu na gruta escura onde aquele cadáver descansava, quero expor o resultado das averiguações dos médicos sobre a tortura e morte do chamado Jesus de Nazaré. Detalhes impressionantes que só pudemos conhecer agora, estudando o lençol de Turim. Um capítulo que me encheu de horror e de espanto.

---

1 Diz-se daquilo que forma um ângulo de 90 graus.

6. Os evangelistas, “repórteres” medíocres

Depois de 17 anos na fascinante profissão de jornalista, creio que aprendi alguma coisa, pelo menos no que se refere à técnica – à mecânica – da busca, elaboração e transmissão de notícias. Eu me considero, acima de tudo, um repórter. Um caçador impenitente de boas e más novas que – quase com certeza – dará o sangue atrás das notícias.

E digo isso porque, no caso em questão – esta “grande reportagem” sobre Jesus de Nazaré –, lendo e relendo os Evangelhos, intui-se que ali faltam muitos dados.

Em minha opinião – exceção feita a São Mateus –, os evangelistas não teriam sido brilhantes como repórteres em nossos dias. Às vezes me pergunto o que teria acontecido se uma equipe completa de jornalistas tivesse acompanhado Jesus de Nazaré pelo menos em seus três últimos anos de vida. Quantos detalhes, casos, notícias ou elucidações sobre o Nazareno teríamos hoje?

Mas está claro que, por alguma razão que quase todos ignoramos, os jornalistas mais uma vez foram deixados de fora. E quero deixar registrado que, se um dia eu puder chegar até Jesus, essa será uma das primeiras perguntas do longo questionário que preparei para ele.

Mas, a bem da verdade, parece que o Nazareno sabia o que estava fazendo. Aí está esse documento único – o lençol mantido na cidade de Turim –, que, como comentei no início, começou a revelar a médicos, cientistas e especialistas uma infinidade de “notícias” que não conhecía- mos. Uma série de dados que simplesmente me encheram de horror. Embora eu esteja acostumado a ver cadáveres e a fazer reportagens sobre todo tipo de calamidades, desastres e massacres, a análise do que nos é mostrado agora sobre a tortura a que Jesus foi submetido e a morte dele me abalou. E senti tanto aversão quanto espanto.

Vejamos, a título de resumo, alguns desses detalhes que não aparecem nos Evangelhos e que ficaram evidentes no lençol:

1 - Jesus de Nazaré foi açoitado violentamente, e golpeado até nos testículos.

Só a área do coração foi poupada – intencionalmente – do castigo.

2 - O Nazareno não foi pregado pela palma das mãos, mas, na verdade, pelos punhos.

3 - Por alguma razão que desconhecemos, o prego destinado ao punho direito não entrou corretamente, e foi preciso retirá-lo e tornar a pregá-lo em duas ou três tentativas.

4 - A propósito, Jesus de Nazaré não era manco, como se chegou a dizer.

5 - Hoje sabemos que Cristo tinha 1,81 metros de altura.

6 - Essa corpulência tornou ainda mais penosa sua agonia, por ter de se sustentar praticamente no prego ou pregos que atravessaram seus pés.

7 - Não era uma coroa de espinhos que havia em sua cabeça. Tratava-se de um elmo de espinhos.

8 - Arrancaram-lhe brutalmente parte da barba.

9 - No caminho até o Gólgota, Jesus de Nazaré carregou uma tábua só sobre os ombros, cujo peso era de cerca de 60 quilos.

10 - Ele foi amarrado por um dos tornozelos aos demais presos que iam ser punidos.

11 - A lança perfurou o lado direito de seu coração, mas ele já estava morto.

12 - Sobre suas pálpebras – depois de morto – foram colocadas duas pequenas moedas de bronze.

7. “Projeção mental” para a paixão e morte do Nazareno: uma experiência inesquecível

Sempre imaginei que Jesus de Nazaré havia sido um judeu típico. Ou seja, robusto e de altura similar à média mediterrânea. Talvez com algo entre 1,60 m e 1,65 m de estatura. Mas não. Eu estava enganado também com relação a isso.

Muito antes, evidentemente, de os cientistas da Nasa decidirem trabalhar no Sudário de Turim, outros especialistas – sobretudo médicos de destaque – tiraram conclusões substanciosas dos exames minuciosos a que o lençol foi submetido.

Um desses prestigiosos cirurgiões, o Dr. Cordiglia, após quatro páginas de medidas antropométricas, afirma, em um importante estudo, que o “homem” do Sudário tinha 1,81 m de altura. Segundo o médico, “esses dados nos colocam diante de um homem antropometricamente perfeito. Extraordinário em toda a sua imponente beleza, que se deduz das linhas de seu rosto”.

E acrescenta: “Levando em conta o conceito unitário do organismo e o significado biológico do psiquismo, e se aceitarmos a correlação que os vários autores fazem entre características psíquicas e somáticas, temos de ver nele um indivíduo também psiquicamente perfeito”.

Entretanto, Cordiglia não consegue inserir Jesus de Nazaré – pelo menos não com a análise de suas medidas corporais – em nenhum grupo étnico. Isso é extremamente paradoxal levando-se em conta as raízes do Nazareno ao longo da história do povo judeu.

Segundo o especialista, a cabeça do homem que esteve envolta no Sudário de Turim era claramente mesocéfala[2], com índice de 79,9. E, embora a estatura considerável de Jesus não pareça corresponder a esse índice, todos os relatórios médicos apontam para o tipo mediterrâneo. “Mas afirmar isso, como tantos fizeram, atentando somente para a fisionomia que reflete características semíticas é ignorar os demais elementos, especiais e excepcionais, que, por seu alto grau de perfeição corporal, nos obrigam a classificá-lo fora e acima de

qualquer tipo étnico.”

Do ponto de vista teológico, essa conclusão não é de surpreender, posto que, segundo afirmam os Evangelhos, Jesus foi concebido por obra do Espírito Santo. Não houve, de acordo com isso, mediação alguma do código genético do homem.

De minha parte – e sempre considerando essas afirmações como pura opinião pessoal –, depois de ler e refletir sobre o Antigo Testamento, eu me inclino a pensar que a vinda de Jesus a este planeta exigiu uma complexa e – para nós – incompreensível série de medidas prévias. E uma dessas condições, talvez básica, foi a escolha e a lenta preparação de um povo ou grupo étnico. Uma raça, enfim, por todos conhecida e que justamente foi qualificada como “o povo escolhido”.

“Escolhido”, sem dúvida, do ponto de vista físico, mas que – e nisso concordo com Cordiglia – desempenharia somente o papel de “suporte”. E a melhor prova, enfim, aí está: as medidas corporais “despadronizadas” do Nazareno, se tomarmos como referência as características típicas dos judeus.

Mas voltemos ao tema central. Haverá tempo, em outras obras, para analisarmos com a máxima objetividade esse e outros pontos reveladores do Antigo Testamento, que, em minha humilde opinião, não estão suficientemente claros.

Conforme alertei no início deste capítulo, por conta das descobertas dos técnicos da Nasa, a paixão e morte de Jesus de Nazaré foi se enriquecendo com precisões e dados que não conhecíamos pelos Evangelhos ou outros escritos e que, do ponto de vista puramente narrativo ou com base no que se conhece daquele acontecimento, são fascinantes.

Juntando essas novas informações ao testemunho dos quatro evangelistas, tomei a liberdade de reconstruir a parte final da paixão e morte do Nazareno. Um relato, hora após hora, como talvez tivesse escrito um repórter de nossos dias.

Porém, buscando o máximo realismo, introduzi uma novidade muito especial nessa reconstrução. Três pessoas – entre as quais me incluo – realizaram, separadamente, o que a moderna ciência da parapsicologia define como *projeção mental*. Tentarei explicar em poucas palavras.

Cada membro da equipe, por meio de técnicas específicas de relaxamento (quase hipnose), projetou-se mentalmente para o tempo e as horas em que ocorreu o suplício e a crucificação do Nazareno. Essas técnicas – bem conhecidas por todos aqueles que já praticaram exercícios de ioga, controle mental, meditação transcendental etc. – pretendem, basicamente, fazer diminuir os ciclos cerebrais. Dessa forma, o cérebro emite um tipo específico de ondas, passando a um estado especial de consciência. Um mundo no qual a mente fica

livre, fora do tempo e do espaço.

Pois bem, um dos vários exercícios ou experiências que o ser humano pode vivenciar ou sentir nesse estado “alfa” é justamente o de projetar sua mente para outro tempo ou lugar. Os resultados, como nessa ocasião, são sempre fascinantes.

Para nossa surpresa, na hora de confrontar os resultados, observamos que não havia grandes diferenças entre o que cada um de nós havia “visto”, “ouvido” e, acima de tudo, “sentido” na Jerusalém de dois mil anos atrás.

Eis aqui o resultado daquele fascinante salto no tempo.

Sexta-feira (8h45)

Ouro do templo contra Jesus

Pilatos, cada vez mais contrariado com o rumo que tomava aquele súbito assunto dos judeus e do chamado Jesus de Nazaré, mandou trazerem novamente o detido à sua presença. A guarda não tardou a deixar Jesus perante o procurador. E Pilatos, uma vez mais, caminhou em silêncio diante daquele polêmico galileu que tanto havia conseguido irritar os sacerdotes e fariseus. Aquela circunstância – para que negar? – e o profundo desprezo de Pilatos por aqueles judeus incultos e venenosos haviam despertado no procurador certa simpatia pelo suspeito.

O romano, conhecedor dos modos dos oficiais e esbirros do Sinédrio, soube desde o primeiro momento que Jesus, o Nazareno, já havia sido brutalmente golpeado no rosto. Aquele hematoma na maçã do rosto era a prova mais clara.

Jesus permanecia com a cabeça ligeiramente inclinada para baixo. Aquela posição, submissa e silenciosa, mexeu com os nervos de Pilatos, já mais que alterados pela intransigência e agressividade dos judeus que lhe haviam levado o Nazareno e que, desde as primeiras horas da manhã, se aglomeravam em frente à escadaria do pretório. Levantando os olhos para Jesus, Pilatos lhe perguntou de novo:

– És tu o rei dos judeus?

O detido olhou para o procurador e, com voz grave, respondeu:

– Dizes por ti mesmo ou outros te disseram isso de mim?

Aquilo exasperou o romano. E, gesticulando, encarou Jesus, enquanto gritava bem perto de seu rosto:

– Por acaso sou judeu? Teu povo e os pontífices te entregaram a mim! Que fizeste? Responde, maldição!

Mas Pilatos não observou a menor sombra de temor naquele gigante. O olhar

de Jesus continuava fixo nos olhos do procurador. E o romano imediatamente notou algo insólito, pelo menos para ele, acostumado a lidar com todo tipo de ladrões, traidores e meliantes: o rosto, o olhar e as palavras daquele homem nada tinham a ver com os delinquentes e sediciosos que já havia julgado e condenado. Aquele gigante lhe inspirava respeito.

– Meu reino não é deste mundo – respondeu Jesus. – Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui.

A surpresa transformou Pilatos.

– Então, tu és rei?

– Tu dizes... Eu sou rei.

Pilatos fez um gesto de incompreensão e, dando as costas a Jesus, começou a caminhar rumo à grande porta do pretório, onde a multidão inquieta aguardava. Mas as palavras do Nazareno o obrigaram a parar e ouvir.

– Para isso nasci e para isso vim ao mundo. Para atestar a verdade. Todo aquele que é da verdade ouve minha voz.

Pilatos esboçou um meio sorriso cético e, apontando para seus pretorianos e posteriormente para o lugar onde a multidão clamava, murmurou:

– A verdade... E o que é a verdade?

Sem esperar resposta, seguiu para fora do pretório. Ao seu lado, iam alguns centuriões e parte da guarda, que tinham a missão de velar pela segurança do representante do César.

A multidão tornou a se inflamar ao ver Pilatos. E os gritos contra Jesus de Nazaré se intensificaram. Um dos centuriões se aproximou do procurador e sussurrou em seu ouvido:

– Sabemos que pessoas pagas pelo Sinédrio estão agitando o povo e comprando-o com a intenção de que soltes Barrabás e sentencies o Nazareno. Ontem à noite Anás distribuiu ouro do tesouro do templo e anotou o nome daqueles que o receberam. Supomos que esses sacerdotes porcos tentarão recuperá-lo.

Pilatos não fez o menor comentário e, levantando o braço direito, pediu silêncio. Segundos depois, a multidão se acalmou. Ouviam-se apenas alguns latidos nas ruas próximas. Até os animais pareciam alterados naquela luminosa manhã de abril.

E Pilatos, adotando um tom solene, gritou:

– Eu não encontro nele culpa alguma. Vós estais acostumados a me ver libertar um preso na Páscoa.

Um murmúrio começou a aumentar entre as centenas de manifestantes. E o procurador, elevando a voz, perguntou:

– Quereis que solte o rei dos judeus?

As palavras do procurador foram sufocadas por uma explosão de imprecações e mau humor. Os judeus se sentiram enganados pelo romano e isso precipitou os acontecimentos. E o que no início foram gritos isolados em favor de Barrabás, mesclados com alguns que defendiam também Jesus, acabou por se transformar em uma única e estrondosa voz, que repetia, tomada pela mais absoluta histeria:

– Barrabás, Barrabás!

Em vista dessa situação, Pilatos pediu uma bacia. Com a teatralidade que o caracterizava, ergueu-a acima da cabeça, mostrando-a à multidão febril. Depois, lavou as mãos, enquanto gritava:

– Sou inocente desse sangue!

Dando meia-volta, entrou novamente no aposento onde Jesus esperava. Mas não se atreveu a olhar para o rosto do detido. Ainda alimentando certa esperança, deu instruções a seus soldados para que ele fosse açoitado de tal forma que, ao vê-lo, as pessoas amolecessem.

Sexta-feira (9h15)

Urinaram sobre o Galileu

A guarda conduziu o Nazareno até o espaçoso pátio interno do palácio. Jesus viu um dos romanos soltando alguns cavalos e levando-os para o lado oposto do local. Ali, tornou a amarrar as rédeas na argola de ferro existente em uma estaca de pedra. E, lentamente, com um sorriso aberto e debochado, dirigiu-se ao Nazareno, que esperava ainda sob os pórticos que cercavam o pátio retangular.

Aos empurrões, Jesus atravessou o espaço empedrado, encharcado aqui e ali pela urina pestilenta e o esterco das cavalarias.

O Nazareno mal notou a entrada maciça no pátio de quase todos os soldados que formavam a corte do procurador e não estavam a serviço. O romano que minutos antes havia soltado meia dúzia de cavalos despojou-o com violência do manto e da túnica branca que vestia.

Outro soldado amarrou seus punhos com uma corda grossa, obrigando-o a se inclinar sobre a estaca de pedra que acabara de ficar livre e não devia medir mais que 40 cm.

Aquela postura forçada fez que Jesus tivesse de afastar as pernas ao extremo, por conta de sua considerável altura. Os longos cabelos logo caíram sobre seus olhos. Mas aquilo não o impediu de continuar ouvindo o canto alegre e constante dos primeiros bandos de andorinhas que começavam a chegar a Jerusalém.

Não tardou a sentir o calor do sol em suas costas. Mas, de repente, um golpe seco e brutal o fez estremecer, e seus joelhos se dobraram. De cada lado de Jesus, outros dois carrascos haviam dado início a uma sistemática e bárbara chuva de golpes no corpo do detido. Para isso, utilizavam chicotes com correias de couro, em cujas pontas haviam sido fixados pares de bolas de chumbo.

Logo os gritos e impropérios da tropa se confundiram com o estalo das correias na carne de Jesus, o resfolegar dos flageladores e os relinchos de alguns cavalos, alterados devido à presença daquelas centúrias.

O sangue começou a brotar ao longo das costas, costelas, coxas e panturrilhas do Nazareno. De início, não muito abundante. Mas, conforme os golpes eram cantados pelos próprios carrascos, as feridas, especialmente as das largas costas, iam se abrindo mais e mais. E os fios de sangue se tornaram tão numerosos que a cada novo golpe as gotas eram lançadas sobre os muros, bem como sobre as vestimentas dos romanos mais próximos da estaca de pedra, que, assim como boa parte do calçamento, ficou salpicada de sangue.

Na metade do castigo, os carrascos foram substituídos por outros dois romanos, que retomaram a flagelação com a mesma fúria. Quando os golpes já começavam a contar oitenta, Jesus caiu de joelhos nos paralelepípedos, desabando sobre a estaca. Suas costas e pernas brilhavam ao sol, úmidas de suor e sangue.

Mas o espetáculo começava a desassossegar alguns soldados romanos e a cansar a maioria. E parte da tropa começou a se retirar. Quando o carrasco contabilizou cem chicotadas, um dos centuriões se adiantou e mandou cessar a carnificina.

– Desamarrai-o! – disse o oficial.

No silêncio do pátio só se ouvia a respiração agitada dos carrascos, que, ainda com os açoites nas mãos, contemplavam aquele gigante caído e ensanguentado. Um deles, banhado em suor, sentou-se à sombra do pórtico, tentando limpar o sangue das correias. Mas Jesus mal se movia. E o oficial, temendo que pudesse falecer, ordenou a seus soldados que trouxessem água.

Os romanos jogaram baldes de água no corpo de Jesus, e um dos soldados o desamarrou da argola, tentando em vão levantá-lo. Ao soltar o Nazareno, o corpo caiu pesadamente no chão. Era evidente que o detido havia recebido um castigo duríssimo.

E novos baldes de água foram derramados violentamente nas costas e na cabeça de Jesus. Poucos minutos depois, o Nazareno tentou se levantar. E o centurião que havia sido encarregado do suplício respirou. Ele mesmo, auxiliado por outros soldados, acabou levantando o prisioneiro.

Jesus mantinha os olhos fechados. Algumas moscas zuniam sobre as feridas.

Alguém colocou uma velha capa púrpura sobre os ombros de Jesus, enquanto outros o puseram sentado em um dos bancos de pedra dos pórticos. E ali, os deboches, cuspidas e insultos aumentaram. Não era muito frequente que as centúrias tivessem diante de si alguém que se proclamava “rei dos judeus”. Rei de um povo tão abominado e odiado por aqueles soldados, que, em sua maioria, estavam longe de sua pátria e sua família.

As risadas e os insultos aumentaram de repente em um dos lados do grande pátio. Um dos soldados se aproximou de Jesus com passo marcial. Segurava nas mãos um elmo trançado com espinhos, desses que cresciam junto às muralhas da cidade. E ao redor do romano havia outros membros da guarda, que tinham adivinhado as intenções dele e celebravam a ideia.

Em meio a reverências e procacidades, o soldado se postou em frente ao Nazareno e levantou o elmo de espinhos acima da cabeça do açoitado, que se mantinha com os olhos fechados e sem proferir o menor lamento ou protesto. Diante de uma mórbida expectativa, o romano incrustou os espinhos na cabeça de Jesus. E um rugido de satisfação se ergueu novamente no pátio, assustando as já inquietas cavalarias.

As faces empoeiradas e roxas do Nazareno logo estavam marcadas por finos fios de sangue. E os cabelos, empastados pela água e o sangue da flagelação, umedeceram-se novamente.

E então o prisioneiro assistiu a um desfile cruel e mordaz da tropa. Entre os cumprimentos cerimoniosos, os romanos acabaram de encaixar a golpes – com paus e com as próprias lanças – o afiado elmo de espinhos.

Mas as risadas atingiram sua máxima expressão quando um daqueles soldados, colocando-se a pouca distância de Jesus, abaixou os calções, urinando no peito, no ventre e nas pernas do Nazareno.

Poucos daqueles romanos notaram as lágrimas que sutilmente haviam começado a se mesclar com os coágulos de sangue no rosto do Galileu.

Foi novamente a chegada do centurião que pôs fim àquele escárnio. E os soldados recolheram a capa e vestiram Jesus. Com passo cambaleante, o Nazareno foi conduzido de novo à presença do procurador.

Relatório dos especialistas

“Uns cem golpes”

Vamos suspender um pouco a narração da projeção mental. Que dizem os especialistas e estudiosos do lençol de Turim em relação às feridas ocasionadas

nessa primeira fase do tormento?

As descobertas recentes dos cientistas da Nasa, assim como de outros especialistas em medicina, evidenciaram que o homem do sudário de Turim foi açoitado ao estilo romano, e não judeu. Esta última modalidade consistia em quarenta golpes menos um. Mas a romana – *more romanorum* – não tinha limites. Simplesmente era suspensa quando o *executor sententiae* julgava conveniente.

Ao estudar o "mapa" das marcas do lençol de Turim, os especialistas constataram que a flagelação somou mais de cem golpes. Chicotadas – a julgar pelas feridas – que foram dadas especialmente no dorso e no peito da vítima, encurvada sobre alguma pequena coluna à qual havia sido amarrada pelas mãos.

Além disso, observa-se que os açoites atingiram igualmente pernas, ventre, nádegas e até testículos. Todos os especialistas advertiram, pela distribuição dos ferimentos, que a flagelação deve ter sido metódica e infligida por dois carrascos especializados e resistentes à fadiga. Um exemplo disso é a área do coração: nessa área não há tantos sinais quanto no resto do corpo. A razão parece óbvia. O acúmulo de impactos nessa área do tórax poderia ter acarretado um colapso. E os executores teriam de se responsabilizar perante o magistrado romano.

No entanto, há muitas marcas de escoriações "figuradas" no lençol, ou marcas de açoites, do tronco às pernas. As formas dessas marcas são chamadas de *guidão, estrias* ou *linguetas*, e correspondem ao par de bolas de chumbo do chicote e a suas correias.

Praticamente todos os pesquisadores concordam que os golpes ocorreram em pares. Em outras palavras, é quase certeza que o suplício foi administrado por dois carrascos simultaneamente. E é muito provável, também, que cada açoite tivesse duas correias, cada uma com um par de bolas de chumbo ou ossinhos. Talvez ossos társicos de algum animal.

Quanto às manchas de sangue que aparecem na cabeça, o professor Cordiglia afirma em seus estudos: "Trata-se de marcas singulares de gotas de sangue que correspondem à região frontal, parietal-temporal e occipital. São a expressão de lesões no couro cabeludo. Considerando sua distribuição em forma de auréola, devemos deduzir que foram causadas por objetos com ponta, dotados de aguilhões, pregos, sendo esfregados, na forma de coroa ou touca de espinhos, na pele da cabeça, abundantemente irrigada".

E acrescenta um detalhe impressionante: "Uma gota mais acentuada encontra-se na região mediana da fronte, na forma de um '3' ao contrário. O sangue abriu caminho entre as rugas da testa em dois momentos. Primeiro, quando os músculos da pele se contraíram, no espasmo de dor. Por último, no relaxamento final, no momento da morte".

Nas marcas do sudário observa-se também que o atrito da viga que Jesus carregou em seus ombros a caminho do Gólgota com esse elmo de espinhos feriu acentuadamente a região occipital, ou próxima à nuca. E, com a mesma precisão, os cientistas puderam deduzir e demonstrar o que já citam os Evangelhos: Jesus de Nazaré foi golpeado no rosto.

Vejamos.

O desvio do arco do nariz para a esquerda é claramente visível no lençol. Como também a contusão de forma triangular na região zigomática direita.

Os médicos afirmam literalmente: “No ponto exato onde a cartilagem se encontra com o osso nasal e onde se observa uma área escoriada e contundida, o nariz inicia um leve desvio para a esquerda. Trata-se, evidentemente, de um golpe dado com um pau curto, redondo, de diâmetro máximo de 5 cm, cuja força de contusão foi mais violenta na extremidade. Ou seja, no nariz. E de violência um pouco menor abaixo da zona zigomática direita. O golpe foi dado por um indivíduo que estava à direita do agredido e empunhava o bastão com a mão esquerda”.

Recordemos que, durante o interrogatório na casa de Anás, o Nazareno foi golpeado por um dos criados ou guardas do Sinédrio. E João, em seu Evangelho, utiliza a palavra *rápisma* para descrever o golpe. Esse vocábulo significa, em grego, um golpe dado com pau, garrote ou bastão. A Vulgata, porém, o traduz como “bofetada”.

Também não devemos esquecer que, enquanto os romanos batiam com a direita, os judeus batiam com a esquerda. Isso era lógico, posto que o povo judeu escrevia ao estilo semítico: da direita para a esquerda, utilizando comumente a mão esquerda. Se quem bateu era um servidor do sumo pontífice, é natural imaginar que sua mão esquerda era muito mais hábil que a direita.

E um último e curioso detalhe fornecido pelos cientistas: a planta que a guarda romana utilizou para confeccionar o elmo de espinhos pode ter sido a que os botânicos conhecem como *Ziziphus spina Christi* (jujuba), que cresce na Síria. Trata-se de um arbusto de cerca de 3 metros de altura, com ramos brancos que podem ser curvados com facilidade. No local onde nascem as folhas existem dois espinhos em forma de gancho. Segundo o botânico G. E. Post, essa planta crescia nos arredores de Jerusalém, principalmente nos locais próximos ao Gólgota.

Sexta-feira (10h15)

Chantagem política contra Pilatos

O procurador Pôncio Pilatos olhou fixamente para o detido. Muito perto de Jesus, o centurião responsável pela flagelação continuava atento ao pestanejar do Nazareno, preparado, junto com mais dois soldados, para intervir em caso de desfalecimento do Galileu.

Em silêncio, Pilatos caminhou ao redor de Jesus de Nazaré, que mantinha a cabeça levemente inclinada para o mármore brilhante do pretório. Sua respiração, lentamente, fora se compassando. O romano não disfarçou uma expressão de horror quando, ao passar diante das costas de Jesus, notou extensas manchas de sangue na túnica. Depois, reparou nas lajotas daquele mármore de brocatelo, orgulho da Fortaleza Antonia, e sentiu-se contrariado ao vê-las manchadas por grossas gotas de sangue. Enquanto apontava com o indicador o elmo de grossos espinhos, interrogou o centurião com o olhar. Ele, como resposta, deu de ombros.

Pôncio Pilatos sentiu comiseração por aquele filho de Israel. Mas era o procurador, e não podia exteriorizar seus sentimentos, não diante de seus subordinados. No entanto, algo no fundo de seu coração o obrigava a desejar a liberdade daquele impressionante Jesus de Nazaré. E tentou novamente salvá-lo. Fez um gesto aos soldados para que o levassem diante da multidão, que continuava concentrada na frente do palácio, como era costume na época da Páscoa, à espera da libertação de um réu.

Quando Pilatos mostrou Jesus à multidão, uma nova gritaria quase abafou as palavras do procurador:

– Vede, eu o trago a vós para que saibais que não encontro nenhum delito nele!

Mas os sumos sacerdotes haviam feito circular ordens e moedas entre os judeus para que se manifestassem a favor da morte do Nazareno. E, no instante em que Jesus apareceu diante do povo, só se ouvia uma palavra: “Crucificai-o. Crucificai-o!”

Pôncio Pilatos, irritado, pediu silêncio. E, mostrando o Galileu, disse:

– Tomai-o vós e crucificai-o! Eu não encontro nenhum delito nele.

Um dos sacerdotes, tomando a palavra, respondeu ao procurador:

– Nós temos uma Lei e, segundo essa Lei, ele deve morrer, porque se toma por Filho de Deus!

E os milhares de judeus que se aglomeravam na frente da Fortaleza Antonia, na colina, explodiram em novos gritos e protestos, exigindo ao romano que crucificasse Jesus.

– Filho de Deus?

Aquilo era novo para Pôncio Pilatos. E, um tanto confuso e surpreso, ordenou que levassem o réu para o pretório. Enquanto isso, a guarda do palácio havia

sido reforçada para prevenir qualquer ato de violência por parte do irritado povo judeu. O próprio procurador havia advertido seus oficiais para que interviessem com todo o rigor em caso de desordem.

Aquela situação, realmente, começava a incomodar Pôncio Pilatos. Uma vez dentro, perguntou a Jesus:

– De onde és?

Mas o réu se limitou a olhá-lo fixamente. Aquilo exasperou Pilatos.

– Não falas comigo?

Diante do silêncio do prisioneiro, o centurião avançou para Jesus, disposto a castigar aquela insolência. Mas o procurador se antecipou ao oficial romano e, encarando o Galileu, tornou a perguntar com voz ameaçadora:

– Não sabes que tenho poder para soltar-te e poder para crucificar-te?

Imediatamente, Jesus, ainda com as mãos amarradas, murmurou:

– Tu não terias nenhum poder contra mim se este não te houvesse sido dado de cima. Por isso, aquele que me entregou a ti tem maior pecado.

E Jesus sustentou o olhar do procurador.

Pilatos tinha certeza: não havia soberba naquele homem. Aquele não era o olhar nem o tom de um arrogante. Tratava-se de um louco? Ou estava realmente diante de um profeta?

Mas, como era possível que um indivíduo que havia sido tão duramente açoitado e humilhado falasse assim? “Pena não o ter conhecido antes”, pensou o procurador.

Logo o romano ouviu uns gritos que o deixaram muito intranquilo.

– Se soltardes esse homem – clamava a multidão –, não sois amigo do César! Todo aquele que se faz rei enfrenta o César!

Aquilo era demais. Se a crescente rebelião dos judeus, às vésperas da Páscoa, chegasse aos ouvidos do César, os favores que este lhe concedia poderiam correr sério risco.

Assim, embora tivesse consciência da chantagem que estava sofrendo por parte do Sinédrio, Pilatos titubeou. Sentou-se novamente no tribunal e colocou Jesus ao seu lado. E o procurador gritou:

– Aqui está vosso rei!

Mas os manifestantes clamaram com força:

– Fora, fora! Crucificai-o!

E o romano insistiu:

– Vou crucificar vosso rei?

Os sumos sacerdotes, que foram ocupando um lugar próximo ao pretório, levantaram os braços ao céu e explodiram:

– Nosso único rei é o César!

E a multidão continuou vociferando e “uivando”. Então, Pilatos bateu nos braços de pedra do tribunal com a palma das mãos e se levantou bruscamente, desaparecendo no interior do pretório. E ordenou a seus oficiais que preparassem tudo para a execução imediata da sentença de morte: crucificação.

Sexta-feira, 10h45

Amarrados pelos tornozelos

Jesus de Nazaré foi conduzido novamente ao centro do pátio de armas. Fazia tempo que as centúrias romanas haviam se retirado, especialmente alertadas e distribuídas em volta da Fortaleza Antonia – local ocupado pelo procurador Pôncio Pilatos durante sua estadia em Jerusalém –, prontas para repelir o menor surto de violência naquela manhã inquietante.

A atitude dos soldados que o custodiavam – e, acima de tudo, a do centurião encarregado por Pilatos do cumprimento da execução – havia mudado sensivelmente desde que o procurador tornara pública sua decisão de acabar com a vida do prisioneiro. A partir daquele instante, os deboches desapareceram. E era fácil ler certa compaixão no rosto da maioria dos soldados que cruzavam com o Galileu.

Desde o primeiro instante em que Jesus começou a ser interrogado pelo romano, toda a guarnição notou o desejo do procurador, que tentava inutilmente pô-lo em liberdade. Um dos guardiões liberou Jesus das amarras. E, por um instante, o Nazareno levantou o rosto ensanguentado para aquele sol morno da manhã. Mas seus olhos estavam tão inflamados em consequência dos golpes e chicotadas que ele mal percebeu a transparência daquele céu turquesa. As andorinhas haviam desaparecido, evitando, como sempre, o calor rigoroso.

A uma ordem do centurião, um dos soldados, postando-se às costas do condenado, levantou os dois braços de Jesus até colocá-los em cruz. E assim o segurou enquanto outro membro da escolta, pela frente, após empurrar violentamente a cabeça de Cristo para trás, encostou sua lança no corpo do Galileu, alinhada com os braços. Assim, pôde medir sua “envergadura”, transmitindo ao responsável pelos armazéns da guarnição a medida exata do *patibulum* que o detido deveria carregar.

O encarregado da intendência sumiu na penumbra do portal que levava às galerias subterrâneas da fortaleza, não sem antes proclamar suas dúvidas sobre a existência de uma viga das dimensões que o grande porte do Nazareno exigia. E, embora os depósitos do palácio se encontrassem copiosamente abastecidos

dessas vigas específicas – em especial desde a chegada ao poder de Herodes, o Grande –, não era frequente que entre os judeus condenados aparecesse alguém com uma altura de 1,81 metros.

Naquele instante, pela mesma escada pela qual o oficial intendente acabara de se afastar, irromperam no pátio ensolarado quatro soldados munidos de lanças e açoites. E, logo atrás deles, vinham dois judeus que haviam sido surpreendidos roubando nas ruas de Jerusalém e que vinham se aproveitando das grandes aglomerações da época da Páscoa.

A guarda havia colocado as vigas de pouco mais de um metro de extensão sobre os ombros e a nuca deles. E seus braços e mãos estavam fortemente amarrados a elas. O peso das tábuas os obrigava a caminhar levemente inclinados, ao mesmo tempo erguendo a cabeça para não perder a visibilidade.

Uma corda havia sido amarrada ao tornozelo direito do primeiro, prolongando-se cerca de dois metros até chegar ao segundo condenado, igualmente amarrado pelo tornozelo direito. Um quinto soldado fechava a comitiva, segurando nas mãos o restante da grossa corda de esparto.

A guarda conduziu os prisioneiros até o lado do pátio onde Jesus estava. Mas o Nazareno continuava com a cabeça inclinada sobre o tórax e quase não notou que os novos prisioneiros foram empurrados até ficar a poucos passos dele.

Um dos prisioneiros, chamado Dimas, fixou os olhos naquele terceiro e desconhecido condenado, que nunca haviam visto nas masmorras, e sussurrou a seu companheiro:

– É Jesus, o profeta! O que fizeram com ele?

Dimas, encurvado sob o peso do *patibulum*, notou, impressionado, que em volta das sandálias do Galileu havia se formado uma poça de sangue, alimentada ininterruptamente por filetes que escorriam por dentro da túnica. O ladrão também notou que pingava sangue da fronte do profeta. E, sem saber por que, sentiu pena.

“Ele é um homem bom”, pensou. “Por que está aqui?” Mas Dimas não encontrou resposta em seu coração.

O centurião mostrava sinais de impaciência, e ordenou a um dos soldados que fosse até os armazéns da torre em busca do intendente.

Ao mesmo tempo, outro legionário, a uma ordem do oficial, posicionou os prisioneiros de costas para Jesus, estendendo a corda até o pé direito dele. Mas, antes de amarrá-la em volta do tornozelo do Nazareno, o soldado dobrou a perna dele, segurando-a com suas grandes mãos, como costumam fazer os ferreiros com as patas dos cavalos quando lidam com as ferraduras. E desamarrou a primeira sandália.

Aquela manobra inesperada e brusca fez o gigante cambalear e quase cair no

empedrado do pátio de armas. Os guardas que permaneciam ao seu lado impediram que caísse.

Mas as imprecações da tropa e o barulho produzido pelo entrechoque de suas armaduras e espadas chamaram a atenção dos prisioneiros, que se voltaram ao mesmo tempo para o grupo, mas com tanta falta de sorte que um dos condenados, ao girar, bateu duramente com sua viga no soldado romano mais próximo, derrubando-o.

O incidente incitou o resto da guarda, que começou a dar chicotadas e pontapés em Dimas e seu companheiro.

O castigo se prolongou até que o intendente e o legionário se aproximaram de Jesus de Nazaré. Conforme anunciara o responsável pela intendência da Fortaleza Antonia, não havia sido nada fácil encontrar um *patibulum* que fosse suficientemente longo para a cruz do Galileu. Mas, por fim, graças à ajuda do soldado enviado pelo centurião, o intendente havia conseguido localizar um pesado tronco de oliveira, de aproximadamente 60 quilos e quase 1,70 metros de altura. Isso seria suficiente.

A guarda se preparou então para colocar o *patibulum* na nuca e nos ombros do Nazareno.

Enquanto um dos legionários segurava fortemente os braços do condenado em forma de cruz, outro assentou o tronco. E, com extrema diligência e precisão, outros dois soldados foram amarrando a viga nos punhos, braços e axilas. A operação foi concluída amarrando-se a corda – em voltas sucessivas e apertadas – ao peito de Jesus. Dessa forma, o *patibulum* ficou firmemente preso ao condenado. Uma segunda corda uniu, por último, os três troncos que os judeus carregavam.

Tudo estava pronto. Jesus, sob o peso do *patibulum*, estava encurvado e com as pernas levemente flexionadas. A túnica, amassada pelo grosso tronco, estava totalmente tingida de vermelho. E os longos cabelos estavam caídos sobre o rosto, escondendo-o quase totalmente. Jesus tentou em vão jogar a cabeça para trás, mas, cada vez que o fazia, os espinhos, afiados como adagas, eram pressionados pela madeira, cravando-se em seu couro cabeludo. Quase às cegas, começou a seguir os dois condenados que o precediam.

Mas seus passos, hesitantes e lentos, foram notados de imediato pelo centurião que marchava à frente dos 20 legionários designados pelo procurador para a condução dos sentenciados até o chamado Gólgota, ou “montículo do crânio”.

A multidão de judeus esperava a passagem da comitiva, e seus ânimos e gestos não infundiam muita confiança aos romanos – razão pela qual a guarda habitual foi triplicada para a ocasião.

Ao atravessar o corpo da guarda, o prisioneiro que abria a comitiva deu uma

cusparada nos romanos que contemplavam a passagem dos condenados. E o centurião encarregado da custódia avançou no judeu, dando um violento pontapé nos genitais dele. A violência do golpe fez o ladrão cair prostrado, arrastando Dimas e, por último, Jesus.

Os soldados, acostumados a esse tipo de queda em cadeia, reagiram com prontidão, forçando-os a se levantar à base de chicotadas e sonoros pontapés nas costelas e no abdome. Logo – não sem um esforço árduo – os dois primeiros haviam conseguido se levantar. Mas não o Nazareno, que continuava esmagado pelo peso do *patibulum*.

Uma vez que Jesus não reagia às novas chicotadas, um dos guardas puxou-o pela barba com raiva. O gesto foi tão violento que o romano lhe arrancou um tufo, e o Nazareno tornou a cair pesadamente, batendo o rosto no piso. E um borbotão de sangue se derramou pelo corredor.

O centurião gritou que fizessem silêncio. E, junto com outros legionários, contemplou o Nazareno, imóvel, aprisionado pelo *patibulum* e banhado em suor e sangue.

– Não resistirá – comentou um dos soldados.

– Muito bem – ordenou o oficial –, ponde-o em pé!

Com a respiração entrecortada, o Galileu foi içado e sustentado por vários romanos. O sangue continuava brotando de suas feridas, e as mãos, por conta das amarras apertadas, estavam começando a arroxear. Mas o centurião não parecia disposto a perder o dia todo com aquele assunto desagradável e mandou seguir para o exterior do pretório.

Já a caminho da porta judiciária, pouco depois de começar a descida íngreme da fortaleza rumo às muralhas da cidade, a guarda se viu obrigada a desembainhar as espadas. Centenas de judeus, instigados pelos sumos sacerdotes e anciãos, esperavam a passagem do Nazareno, vociferando e gesticulando de forma ameaçadora nas ruas e terraços. Algumas mulheres, nas janelas, jogaram a urina e os excrementos de suas casas sobre a comitiva.

Então, o oficial forçou o passo dos primeiros, que se chocavam entre si, às vezes batendo na multidão que se apinhava dos dois lados dos estreitos becos de Jerusalém. Em um desses puxões, o Galileu perdeu de novo o equilíbrio, caindo e obrigando o resto a parar.

Como era costume naquelas circunstâncias, a guarda cercou mais estreitamente os presos, mantendo-se de frente para a multidão, com as armas preparadas. Mas as pedras e os frutos podres continuavam caindo sobre os soldados e os condenados.

– Ele está perdendo muito sangue – informou um dos legionários ao oficial depois de examinar Jesus, que permanecia caído sob aqueles 60 quilos.

O centurião o observou com crescente preocupação. O Nazareno, com a face esquerda sobre a areia amarelada que cobria a rua, respirava agitadamente. Cada vez que expirava, Jesus levantava uma minúscula nuvem de pó.

De repente, fez-se silêncio entre os judeus. O centurião havia puxado sua espada e, com expressão grave, abriu caminho por entre seus soldados rumo à multidão, que retrocedeu imediatamente. E, apontando a arma para um dos curiosos mais corpulentos, mandou que se aproximasse.

O judeu, conhecido como Simão de Cirene, estava voltando de seu trabalho no campo, e foi obrigado, como determinava a lei romana, a carregar o *patibulum* de Jesus de Nazaré.

Uma vez desamarrado, o Nazareno foi erguido, e o grupo retomou seu caminho.

Simão, homem simples e alheio às intrigas dos fariseus, aceitou a ordem do centurião sem o menor protesto. Aquilo, afinal, era algo extraordinário em sua vida rotineira. E ele caminhou atrás do profeta, de quem já havia ouvido falar.

Ao ultrapassar as altas muralhas da cidade, Jesus de Nazaré, um pouco melhor, começou a subir com os demais soldados e condenados a leve ladeira rumo ao Gólgota, que se erguia a pouco mais de 300 metros de Jerusalém.

Dimas ficou paralisado de terror ao divisar, no alto do cerro, várias estacas de madeira fincadas na terra. Eram os paus verticais das cruzes, onde seriam encaixadas as vigas que eles agora carregavam. Um grito quase animal escapou da garganta do meliante, provocando comoção em toda a escolta e nas pessoas que, em numeroso tropel, seguiam os romanos a uma prudente distância.

Dimas se negou a caminhar. Foi preciso açoitá-lo até o sangue brotar dos rasgos de suas roupas para que concordasse, quase mecanicamente, em avançar. A partir desse instante, suas lágrimas e gemidos tornaram-se constantes.

Foi naquela pausa forçada que algumas mulheres, chorando e se lamentando, afastaram-se da multidão e tentaram se aproximar de Jesus. Mas alguns legionários as impediram. O Nazareno, voltando-se para elas, disse com voz entrecortada:

– Filhas de Jerusalém, não choreis por mim! Chorai por vós mesmas e por vossos filhos! Porque chegarão dias em que dir-se-á: felizes as estéreis, as entranhas que não geraram e os seios que não alimentaram!

Um dos soldados tentou fazer Jesus se calar, mas o centurião, que ouvia atento, o impediu.

E o Galileu concluiu:

– Então, poder-se-á dizer às montanhas: caí sobre nós! E às colinas: cobri-nos! Porque, se no lenho verde fazem isso, no seco, o que farão?

E Jesus manteve silêncio, prosseguindo seu caminho até o Gólgota.

Relatório dos especialistas

“Arrancaram-lhe tufos da barba”

Os médicos que examinaram o lençol guardado em Turim concordam em um fato: o “homem” coberto há dois mil anos com aquele sudário havia carregado algo muito pesado em suas costas. Sobre o ombro direito – zona supraescapular e acromial direita – “observa-se uma vasta área escoriada e contundida, de forma quase retangular, que se estende um pouco obliquamente de cima para baixo e de fora para dentro, de cerca de 10 cm × 9 cm. Outra área de características iguais se observa na região escapular esquerda”.

E o catedrático forense Dr. Cordiglia prossegue: “Um exame atento das duas áreas nos revela que ficou apoiado sobre elas, por cima de alguma peça de roupa, um instrumento rugoso, de peso considerável, móvel, com cerca de 14 cm de espessura, que aplainou, deformou e tornou a abrir as lesões causadas pela flagelação, lacerando os lábios das feridas e produzindo novas.

Esse conjunto traumático de contusões e escoriações induz a pensar que foi causado pelo *patibulum* (pau transversal da cruz) que o condenado segurava com as duas mãos sobre os ombros (região supraescapular) em sua viagem ao local do suplício”.

Esse fato, demonstrado cientificamente, de certo modo abala a tradicional imagem de Jesus com uma cruz nas costas. Segundo os cálculos dos especialistas, essa viga transversal que Jesus de Nazaré carregou sobre os ombros podia medir entre 1,60 e 1,70 metros com um peso aproximado de 60 quilos.

E há mais surpresas.

Os cientistas da Nasa deduziram – pelas marcas que aparecem no lençol de Turim – que o tornozelo direito do Nazareno foi amarrado com uma corda que, sem dúvida, prenderia um condenado aos outros, evitando, assim, uma possível fuga.

Essa ligação estreita entre Jesus e os dois ladrões foi o que, talvez, tenha provocado as quedas. E, nesse sentido, os médicos afirmam: “Os joelhos são especialmente interessantes (refere-se aos do Sudário de Turim). O direito, além de se mostrar mais contundido, apresenta diversos desgastes de tamanhos variados, de aspecto e forma pouco definidos. [...] Essas lesões – concluem os relatórios clínicos –, pela direção e localização, indicam como podem ter sido produzidas: ou seja, acusam a ação descontínua de um agente injuriante que pode ter sido um terreno acidentado contra uma superfície cutânea convexa, um

joelho, onde a ação lesiva foi atenuada pela interposição de um objeto macio, como um tecido, uma roupa".

Por último, e também graças às descobertas dos capitães da Nasa Jumper e Jackson, soubemos da falta de tufos de pelo na barba de Jesus de Nazaré. Segundo os cientistas, esses tufos só poderiam ter sido arrancados, possivelmente por algum dos legionários romanos.

Sexta-feira, 11h30

O carrasco, um especialista

A uma ordem do centurião, parte da guarda desceu pelo Gólgota cerca de 50 passos. E dali, utilizando suas lanças, impediu que a multidão de curiosos – entre os quais se encontravam os sumos sacerdotes e os parentes de Jesus – desse um só passo rumo ao local da execução.

Sem uma palavra, Simão de Cirene deixou cair a viga ao pé dos três paus de quase três metros que, desde a invasão dos romanos, haviam sido profundamente fincados em terra e utilizados de modo habitual pelos estrangeiros para matar. E o camponês seguiu em direção às altas muralhas da Cidade Santa. Sabia o que aguardava aqueles infelizes e quis se afastar quanto antes.

Aproximava-se a hora sexta[3], e o sol havia transformado a brilhante cúpula do segundo templo de Jerusalém em uma mágica montanha coberta de neve. Por trás da torre de Davi, o Nazareno, ainda em pé, pôde ver – quase perceber – o Cédron, com suas águas planas, desenhando os pequenos bosques de tamariscos e choupos. E talvez seu coração tenha voado aos galhos do Getsêmani e às árvores de alcaçuz e rícino, tão solitárias a partir daquela hora.

Mas as crescentes lamentações dos que acompanhavam o cortejo devolveram-no à realidade. Cada salteador foi libertado de seu *patibulum*. E, enquanto um dos soldados arrancava os andrajos dos condenados, os demais romanos formaram um círculo em volta deles, posicionando as largas lanças a tão pouca distância do corpo dos três, que, caso houvessem tentado a fuga, teriam sido atravessados por elas.

Dimas, gemendo como uma criança, cobriu instintivamente o baixo-ventre. E todo o seu corpo foi sacudido por calafrios e cãibras. Seus dentes não tardaram a começar a bater, e um odor fétido fez os legionários repararem na parte posterior das coxas do ladrão, por onde haviam começado a escorrer seus excrementos. E uma infinidade de deboches e insultos foi proferida a ele.

O pavor havia dominado Dimas, e ele, em uma última tentativa de se afastar da

realidade, fechou os olhos, chorando e suplicando. Quando, depois de alguns segundos, tornou a abri-los, o ladrão tinha diante de si mãos esquálidas e brancas que lhe ofereciam uma larga vasilha de barro. Era uma idosa de rosto e olhos fundos, coberta com um manto negro. E, junto a ela, mais três mulheres de Jerusalém seguravam recipientes idênticos.

– Se quiseres, podes beber! – disse o centurião.

O condenado, trêmulo, levou a vasilha aos lábios. E, ciente do que aquilo significava para ele, bebeu a mistura amarelo-esverdeada formada por fel e vinagre.

O mesmo fez o segundo salteador quando uma das mulheres lhe ofereceu a beberagem. Mas, sem conseguir reprimir a náusea, acabou vomitando tudo que havia ingerido.

Uma terceira mulher se aproximou do Nazareno, que ainda não havia sido despojado de suas vestes, e ergueu diante de seu rosto uma vasilha com uma dose não menos abundante do pastoso anestésico. Mas Jesus, após levá-la aos lábios, colocou-a de novo nas mãos da mulher, negando-se a beber.

Sem perda de tempo, os legionários obrigaram Dimas a se deitar no chão, de tal modo que suas costas ficaram apoiadas sobre o *patibulum.* E os braços, abertos, foram presos na viga por outros romanos.

Em uma nova tentativa de fuga, o prisioneiro chutou um terceiro soldado, que, munido de um martelo e um saco de pregos, preparava-se para crucificá-lo. No limite de sua paciência, o oficial pegou uma lança e deu um golpe preciso na testa do ladrão. E aqueles minutos de hesitação de Dimas foram aproveitados pelo carrasco, que, afundando o joelho esquerdo no diafragma do abalado judeu, colocou um longo prego sobre o punho direito dele e levantou o martelo no ar.

Um violento impacto na cabeça redonda e larga do prego fez que se abrisse caminho com facilidade entre ossos e tecidos, perfurando também a viga. A intensa dor contraiu até o último músculo de Dimas. E um urro chegou às muralhas da cidade.

Mais duas marteladas certeiras fixaram definitivamente o punho do condenado na extremidade direita do *patibulum.* E o romano encarregado de prender aquele membro abandonou tarefa, dirigindo-se para Jesus de Nazaré. E começou a despi-lo.

Já pregado por ambos os punhos, Dimas foi amarrado, na altura do peito, com a mesma corda que havia servido para unir os três prisioneiros pelos tornozelos. Com a ajuda de mais duas cordas amarradas nas pontas do *patibulum*, a guarda, posicionando-se atrás de um dos pontaletes, preparou-se para içar o condenado até o alto do pau, que devia se encaixar no vão da viga transversal.

O oficial colocou uma escada de mão atrás do pontalete e subiu até ficar acima

dele. E, nessa posição, depois de passar as cordas sobre as ombreiras de bronze de sua armadura, deu ordem para que seus soldados puxassem.

Ao primeiro puxão, a viga foi içada a um metro do chão. Como o crucificado havia perdido a consciência, a operação pôde ser feita com relativa rapidez. Estimulando-se com monossílabos rítmicos, os legionários acabaram de içar o *patibulum* e, com ele, o corpo desfalecido de Dimas.

A cada puxão dos soldados, um jorro de sangue corria por entre cada um dos dois pregos, encharcando a base da viga vertical, assim como boa parte do penhasco. O *patibulum* chegou até o centurião, e ele, controlando-o com mãos e tórax, acoplou-o ao pontalete.

As cordas foram retiradas do corpo e da viga, e o legionário que havia martelado os punhos do ladrão passou a fazer o mesmo com os pés, que pendiam de ambos os lados do pontalete. O carrasco, hábil nessa tarefa, a julgar pela precisão de seus movimentos, colocou um dos pregos na boca e ali o manteve, entre os dentes, enquanto com as duas mãos puxava com força para baixo o pé direito de Dimas. E, forçando-o, ajustou a sola à superfície da viga.

Com um som quase ininteligível e um movimento brusco de cabeça, o soldado deu a entender ao colega mais próximo que segurasse com força aquele pé, tal como ele fazia. Com aquela manobra, o osso do tarso ficou perfeitamente visível sob a pele. E o romano, que segurava o pé do condenado à altura de seus olhos, posicionou o prego sobre o local em que o osso se destacava. E deu o golpe.

O prego entrou obliquamente: da frente para trás e para baixo, cravando-se com firmeza na madeira. A intensa dor acordou o salteador do desmaio. E, abrindo os olhos até quase saírem das órbitas, ele berrou com tamanha força que até a guarda que impedia a passagem da multidão se voltou para o local do tormento.

O urro foi diminuindo e enfraquecendo-se, e o condenado começou a bater a cabeça na cruz, em uma desesperada tentativa de acabar com aquele suplício. Quando o segundo pé foi pregado, o ladrão mergulhou novamente na inconsciência. E todos se sentiram aliviados.

Embora aquelas crucificações se repetissem com frequência – em especial, desde que a família Herodes chegara ao poder –, tanto os oficiais quanto os legionários romanos em geral acabavam quase sempre se sentindo angustiados com os gritos e as longas horas de agonia daqueles que pendiam das cruzes.

Com o segundo ladrão, os problemas se simplificaram. Antes que o condenado percebesse a iminência de sua crucificação, e prevendo novas violências, o carrasco acertou-o na base do crânio, pelas costas, com um golpe seco de marreta. Aquilo fez o condenado desmaiar, e os romanos aproveitaram a momentânea falta de consciência para fixar os punhos dele ao *patibulum.*

Jesus de Nazaré, sempre vigiado por um dos legionários, viu o judeu ser içado

também até o alto do tronco e, ali, ter pregos cravados nos pés. Quando o último prego fixou o calcanhar do ladrão ao pontalete, o carrasco deu um passo para trás e, ainda com o martelo nas mãos, perguntou-se se não teria exagerado na violência do golpe na cabeça do detido. Aquele homem não recuperava os sentidos. Mas o soldado, dando de ombros, girou sobre os calcanhares e, suado, dirigiu-se para o Nazareno, brandindo a ferramenta de modo ameaçador.

Sexta-feira, 11h55

“Há algo errado: o prego do punho direito não entra”

Dois legionários romanos seguraram Jesus pelos antebraços, e, dessa forma, ele foi obrigado a caminhar até o pé de viga vertical. A uma ordem do centurião – e diante da aparente docilidade do Galileu –, um terceiro soldado embainhou sua espada e foi ajudar o carrasco e companheiro na fixação do primeiro prego. Sem a menor resistência, a guarda havia feito o prisioneiro se deitar, de modo que as costas largas e robustas ficassem sobre o *patibulum.*

O Nazareno, após manter a cabeça erguida durante breves segundos, deixou-a cair. E os espinhos, no choque, penetraram novamente em seu couro cabeludo. Os olhos do Galileu se fecharam e os lábios tremeram levemente.

Enquanto um dos romanos prendia firmemente seu braço direito – já estendido sobre a viga –, outro, também de joelhos, fez o mesmo com o esquerdo. Este último soldado, a um sinal do carrasco, que já havia enterrado o joelho esquerdo abaixo do esterno do condenado, segurou com a mão direita o antebraço dele, à altura do cotovelo, enquanto esticava, com a esquerda, os dedos de Jesus, obrigando-o a manter a mão totalmente aberta.

Os legionários logo se deram conta de que todas aquelas precauções eram excessivas no caso do chamado “rei dos judeus”. E olharam-se com estranheza. Aquele homem não havia exteriorizado sinal algum de medo ou nervosismo. Deixava-os agir.

Com uma martelada certeira como nas crucificações anteriores, o soldado, que pressionava o tórax de Jesus com o joelho, introduziu o primeiro prego na parte interna do punho esquerdo. Como já havia ocorrido nos dois casos precedentes, a cabeça do prego voltou-se para os dedos do Nazareno e a ponta, já dentro da viga, para o cotovelo. Conforme o objeto atravessou os tecidos, a violenta dor fez Jesus levantar a cabeça. Um leve gemido escapou no rosto empoeirado e curtido do carrasco.

Durante segundos, a guarda – em um silêncio de expectativa – observou as

fileiras de dentes brancas e perfeitamente alinhadas do crucificado expostas, em um ricto de dor. O sangue brotou instantaneamente, mas não com tanta abundância como nas perfurações dos ladrões. Muito lentamente, os olhos do Nazareno tornaram a se encher de lágrimas, enquanto a cabeça tombava novamente no chão. E todos ouviram estas palavras:

– Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem!

As pessoas que se aglomeravam na ladeira do Gólgota rugiram. A queda da marreta sobre o primeiro punho do profeta havia feito que se remexessem e clamassem mais uma vez contra Jesus. Alguns até pegaram pedras para jogá-las no Nazareno, mas a guarda, brandindo suas lanças, obrigou-os a recuar.

O carrasco, mecanicamente, tirou um segundo prego da bolsa que pendia de suas correias. E, sem mais cerimônias, posicionou-o entre as veias azuladas do punho direito do réu. Em seguida, bateu com seu martelo na cabeça do prego.

O lamento de Jesus dessa vez foi diluído por um xingamento do soldado. O prego – diante da surpresa geral – havia parado no meio do caminho. E sobressaía do punho ensanguentado.

O carrasco não entendia, e com brio renovado, deu um novo golpe. Simultaneamente, um jorro de sangue salpicou o legionário que segurava o braço de Jesus de Nazaré. O soldado se levantou praguejando.

Algo estranho – isso estava claro para o carrasco – bloqueava o caminho do prego afiado. E, com uma expressão de contrariedade, o encarregado da crucificação se dirigiu ao equipamento da escolta. O que procurava devia estar no fundo da bolsa.

De fato, foi obrigado a retirar primeiro as vasilhas, biscoitos, legumes e queijo destinados ao jantar, para poder chegar ao alicate. Diante de uma situação como aquela, o melhor para todos era tirar o prego do punho. E o carrasco, lentamente, voltou ao local das cruzes.

O segundo ladrão havia recuperado a consciência e estremecia ao sol, uivando de dor. Seus músculos sofriam contínuos espasmos, e suas unhas e lábios haviam se tingido de um azul cadavérico. Mas nenhum soldado parecia se comover com os gritos agudos do condenado. A atenção dos romanos estava absorvida por aquele gigantesco judeu chamado Jesus, capaz de resistir ao tormento sem abrir a boca.

Os dedos da mão direita de Jesus estavam esticados, e assim permaneceram – extremamente rígidos – quando o carrasco pôs seu pé sobre eles, esmagando-os contra o *patibulum.* Com o outro pé, o romano comprimiu o braço, inclinando-se sobre a ferida. E, depois de prender a cabeça do prego com o alicate, puxou para cima com as duas mãos. Não foi necessária uma segunda tentativa. O ferro saiu, e o executor, após examiná-lo, ajoelhou-se diante do braço ferido, levantando-o.

A hemorragia estava mais intensa. E o carrasco teve de limpar o *patibulum* com a palma da mão para poder inspecionar a superfície da viga e tentar encontrar a causa daquele incidente.

Logo notou a presença de um nó rugoso e quase pétreo que deixava o *patibulum* impenetrável naquela área. Conhecido o problema, o carrasco tornou a estender o antebraço do Nazareno sobre o lenho, evitando o contato do punho com o nó. E repetiu o golpe. Dessa vez, o ferro penetrou até o fim. E a cabeça do prego segurou com firmeza ossos e tendões. O Galileu estava pronto para ser erguido até o alto do pau vertical. E assim se fez.

Mas a corpulência considerável de Jesus obrigou a reforçar o número de legionários que devia puxar as cordas. Do alto do pontalete, o centurião foi conduzindo a subida, controlando principalmente a horizontalidade do *patibulum.*

O Nazareno havia conseguido desconcertar a guarda. De sua garganta – ao contrário do que ocorria com os salteadores crucificados à direita e à esquerda – mal haviam escapado alguns lamentos. Porém, o garrote de seus dedos e a posição em ângulo reto de seus polegares eram um claro indício do bárbaro castigo a que estava sendo submetido.

O oficial precisou de todas as suas forças para sustentar por alguns segundos aquela viga pesada e o não menos grave corpo que pendia dela. Trêmulo, com as mandíbulas e as artérias do pescoço tensas, o centurião centrou o encaixe do *patibulum* sobre o pontalete, deixando-o cair abruptamente.

Ao se encaixar, a viga transversal ficou imóvel, e o carrasco, que contemplava a operação ao pé da cruz, pronto para prender os pés, viu os 80 quilos do Nazareno serem violentamente freados na queda pelos pregos que atravessavam seus punhos.

Aquele choque de dor fez Jesus abrir os olhos. Mas, embora sua boca tenha se aberto e as pupilas tenham se fixado no horizonte, ninguém ouviu o menor gemido. Seu olho direito já estava totalmente fechado por conta dos golpes, e seus lábios, violentamente abertos, escureciam por baixo das moscas.

Depois de alguns segundos de espera, o carrasco se sentiu satisfeito com a primeira parte de seu trabalho. E então aproximou-se dos pés do condenado.

Conforme havia feito com os crucificados anteriores, primeiro pregou o pé direito. A pressão exercida pelos soldados no peito do pé para aplainar a superfície plantar na viga esticou para baixo todo o lado direito do Nazareno. Seu ombro ficou levemente afundado, e suas costelas se desenharam sob as chagas, tensas como a corda de um arco.

Como era habitual nesse tipo de crucificação, não foi possível esticar totalmente a perna esquerda, que ficou levemente flexionada. Dois largos fios de

sangue cobriram rapidamente o pequeno pedaço de viga que separava os pés do Galileu do buraco onde havia sido enterrado o pontalete.

Sexta-feira, 12h30

O supersticioso temor do procurador

Sem que ninguém entendesse, o azul transparente do céu de Jerusalém ficou escuro. E uma treva súbita se pôs sobre tudo. Mas nenhum dos presentes – nem a guarda nem a multidão – via nuvens de chuva no céu. A maioria interpretou aquele sinal como um presságio de grandes males que se aproximavam. Boa parte daqueles que contemplavam as crucificações afastou-se temerosa do Gólgota, e as ruas da cidade ficaram lotadas de homens e mulheres que comentavam o fato com espanto.

Muitas casas acenderam velas e lamparinas antes da hora costumeira. O acontecimento chamou fortemente a atenção do procurador Pôncio Pilatos, que naquele momento da hora sexta despachava de novo com os sumos sacerdotes dos judeus. Eles, com evidente indignação, haviam ido até o pretório para protestar, perante Pilatos, contra a tabuleta de madeira que o centurião acabara de pregar na parte central do *patibulum*, a pouca distância da cabeça do Nazareno.

Um dos escribas do procurador havia gravado na tabuleta, da direita para a esquerda, em hebreu, latim e grego, a seguinte inscrição: “Jesus de Nazaré. Rei dos Judeus”.

Mas o romano, mais preocupado com a alarmante escuridão que cobria Jerusalém e arredores do que com as declarações dos judeus, dispensou-os com frieza, dando-lhes como resposta:

– O que está escrito está escrito.

E o procurador, profundamente supersticioso, mandou chamar à fortaleza os astrônomos e doutores da cidade, que naquela data se congregavam para a Páscoa, e pediu-lhes que lhe explicassem aquele fenômeno tão singular. Mas nenhum deles soube lhe dar uma razão convincente. Só alguns – mais audazes que os demais – insinuaram a possibilidade de que aquelas trevas antes do ocaso fossem sinal de um importante acontecimento.

Pôncio Pilatos dirigiu seu olhar para o montículo que os judeus chamavam de Gólgota e que já mal se via dos arcos do palácio. E, sem opção, o romano associou aquela insólita escuridão ao homem que havia enviado à morte, aquele que todos conheciam como Jesus.

Mas esses pensamentos ficaram no fundo do coração de Pôncio Pilatos, e ninguém jamais soube de seu pressentimento.

Relatório dos especialistas

“Não houve eclipse solar”

Para os astrônomos, não resta a menor dúvida de que, nas citadas horas em que Jesus de Nazaré permaneceu na cruz, não houve eclipse solar algum. Essa possibilidade foi total e absolutamente descartada.

Vejamos o que disse o eminente astrofísico e jesuíta Antonio Romañá, diretor do Observatório Astronômico do Ebro, quando o consultei sobre essa teoria: “É absolutamente certo que no momento da morte de Nosso Senhor não houve nenhum eclipse solar, nem total nem parcial, pois, para que esse fenômeno possa ocorrer, a Lua deve estar no novilúnio, e o dia 14 de *nissan**, o dia da Páscoa dos judeus, coincidia com o plenilúnio. Ou seja, a posição da Lua estava totalmente oposta. Quanto a isso, não resta dúvida alguma.”

O que pode ter sido, então, aquele escurecimento temporário da Cidade Santa e seus arredores? Embora os evangelistas façam alusão às “trevas que cobriram a Terra”, supõe-se que o escurecimento tenha afetado somente o local onde estava acontecendo a crucificação do Nazareno. Do contrário, haveriam restado outros testemunhos históricos e astronômicos sobre isso em muitas cidades. E não foi o que aconteceu.

Sexta-feira, 13h

Dados de marfim

Antes de guardar os pregos e demais ferramentas utilizados no suplício, o carrasco inspecionou, um por um, os três crucificados. Apesar das convulsões, os pregos continuavam firmes no lugar.

“Esta escuridão”, pensou o legionário, “aliviar-nos-á do rigor das últimas horas de sol.” E, por fim, parou diante do Galileu. O porte respeitável do judeu e seu considerável peso faziam-no temer pela estabilidade da cruz.

As feridas do punho direito, embora mais descarnadas e impressionantes que as da esquerda, não pareciam indicar um rasgo iminente na carne. O prego, apesar de ter sido extraído e introduzido novamente entre os ossinhos do carpo, aos

olhos do carrasco parecia solidamente fixo na viga.

Como sempre, uma nuvem de moscas e insetos zunia e se aglomerava sobre as chagas e coágulos de sangue, submetendo os condenados a uma nova e constante tortura.

Então, concluída a crucificação do Nazareno, o centurião autorizou seus soldados a repartir entre si os pertences e roupas dos condenados, como era o costume.

Se era pobre e parca a roupa dos salteadores, a ponto de os legionários repudiarem aqueles farrapos, a do Nazareno, porém, despertou a cobiça de todos. E o próprio oficial teve de fazer a divisão: as sandálias foram para um, e o longo e leve manto de algodão foi dividido entre o resto da guarda que havia trabalhado nas crucificações.

Quando chegou a vez da túnica, o carrasco atentou para sua qualidade. Aquela peça era realmente maravilhosa. Sem costuras, tecida com mimo em uma única peça.

– Não vamos rasgá-la – disseram. – Vamos sorteá-la e ver com quem fica.

E assim foi. Os inseparáveis dados de marfim dos legionários indicaram o ganhador.

Passadas as primeiras horas de histeria e nervosismo por parte da multidão que havia pedido a morte do Nazareno, o centurião ordenou aos soldados que haviam guardado a ladeira do Gólgota que retornassem à torre Antonia. E apenas quatro legionários e o próprio oficial permaneceram com as três cruzes. O carrasco também desceu para as altas muralhas de Jerusalém, que, por conta da inesperada escuridão, começavam a ser iluminadas pelas tochas nas torres de vigilância.

Surgiram alguns grupos de fariseus e curiosos, injuriando e ultrajando o Nazareno. E debochavam dele, gritando no sopé do Gólgota:

– A outros salvou! Que salve a si mesmo se é o Cristo de Deus, o Escolhido!

Mas, conforme se aproximava a hora do descanso do sábado, as pessoas foram se retirando e os escárnios acabaram. E, enquanto os soldados se sentavam em volta dos crucificados à espera do fim do turno, um dos malfeitores que havia sido pendurado ao lado de Jesus de Nazaré revoltou-se contra ele, dizendo:

– Tu não és o Cristo? Então, salva a ti e a nós!

Mas o Nazareno continuava com os olhos fechados, já dando os primeiros sinais da incipiente asfixia. Seu rosto, como o dos ladrões, já apresentava uma palidez avermelhada, e o suor tornava os coágulos mais brilhantes. Para respirar, precisavam empinar-se sobre os pregos dos pés. E aquela dor dilacerante percorria as extremidades e o ventre dos crucificados, transformando seus músculos e nervos em pacotes de ferro que dificilmente podiam ser relaxados.

O pouco oxigênio que chegava a seus pulmões era queimado antes da hora pelos urros dos infelizes. Mais de uma vez, os legionários comentaram com o centurião a resistência singular daquele judeu de Nazaré – o "rei" –, que ainda não havia emitido um só grito.

E foi Dimas quem censurou as palavras do ladrão que insultava Jesus:

– Será que não temes a Deus, tu que sofres a mesma condenação? Nós, com razão, porque merecemos. Mas ele nada fez de mau.

E, dirigindo-se ao Nazareno, rogou-lhe entre gemidos:

– Jesus, lembra-te de mim quando vieres com teu Reino!

Com as veias túrgidas por conta do bombeamento galopante do coração, Jesus de Nazaré levantou a cabeça e respondeu a Dimas:

– Eu te asseguro: hoje estarás comigo no Paraíso.

Sexta-feira, 14h30

Um denário para se aproximar de Jesus

O vinagre com mirra havia começado a fazer efeito, e os salteadores que haviam sido crucificados em ambos os lados de Jesus caíram em um profundo torpor. Seus esfíncteres, paralisados, haviam deixado escapar urina e fezes, e o odor em volta dos três homens já era insuportável.

Apesar da queda de sua pressão arterial e da falta de oxigênio, Jesus de Nazaré ainda dava tanta sensação de força que o centurião, prevendo uma possível ordem de seu procurador para acelerar a morte do judeu, ordenou a dois de seus soldados que recolhessem lenha suficiente para provocar uma fumaceira ao pé da cruz que acabasse de asfixiar o condenado.

E assim fizeram os legionários.

E estavam nessa missão quando duas mulheres se aproximaram. Uma, Maria Madalena, era bastante conhecida e popular entre a tropa romana por sua antiga profissão de mulher pública. E, mais decidida que a outra, pôs nas mãos dos soldados um denário de prata e rogou-lhes que falassem com seu oficial para que permitisse que a mãe de Jesus de Nazaré e um reduzido grupo de parentes avançasse até o pé da cruz. E tanto insistiu Maria, a Madalena, que os romanos, após guardarem a moeda, concordaram em levar o pedido ao superior.

Mais por curiosidade e divertimento que por compaixão, o centurião deu sua autorização, e um pequeno núcleo de mulheres – e, com elas, um rapaz chamado João – caminhou apressado até chegar ao alto do monte. Algumas mulheres,

como a irmã da mãe do Nazareno, Maria, mulher de Cléofas, e a própria Madalena, ajoelharam-se na esplanada ensanguentada e, escondendo o rosto nas mãos, choraram amarga e silenciosamente.

Só Maria, a mãe do Galileu, permanecia em pé. E junto a ela, confortando-a em seus braços, João.

O centurião, a pouca distância, observou o rosto daquela judia. E, embora ninguém lhe houvesse dito, soube desde o primeiro instante que se tratava da mãe do crucificado. Apesar de seus 50 anos, os traços de seu rosto conservavam ainda uma primitiva beleza que – pensou – a devia haver distinguido, sem dúvida, do resto das mulheres de sua comunidade.

Os pensamentos do oficial foram subitamente interrompidos pelas palavras do Nazareno. Apesar da progressiva perda de visão, ele havia fixado as dilatadas pupilas na mãe e no rapaz que a acompanhava. E, tentando controlar as cada vez mais frequentes cãibras e acessos convulsivos, disse, entre longas e atormentadas pausas:

– Mulher... aí... tens teu filho! Aí... tens... tua mãe!

As sobrancelhas, barba, cavidades nasais e cabelos do Galileu haviam se coberto de pó com o passar das horas. O suor era tão intenso que banhava por completo o corpo nu do moribundo, refletindo em seu diafragma em movimento a luz avermelhada das tochas que a guarda havia colocado em volta.

O centurião procurou encontrar alguma lágrima na face da mãe do Nazareno, mas o rosto da mulher estava sereno. Absorto. E o romano chegou a pensar que aquela hebreia, de alguma forma, sabia desde muito tempo que Jesus acabaria assim, asfixiando-se e se esvaindo em sangue diante da cidade santa.

Pelo leve tremor do queixo e dos lábios pálidos dela, o centurião deduziu a profunda aflição daquela mulher. E, sentindo admiração pela integridade daquele espírito, ordenou aos soldados que não os incomodassem.

Sexta-feira, 14h50

Hora nona: volta a claridade

O centurião aguçou o ouvido. E ordenou silêncio a seus homens e às mulheres que permaneciam ao pé do crucificado, gemendo.

A guarda, instintivamente, levou as mãos à empunhadura das espadas e tentou localizar um possível inimigo ou intruso. Mas nenhum deles viu nada. As curtas ladeiras do Gólgota continuavam tranquilas.

Foi o oficial – depois de estar seguro disso – que alertou os legionários sobre o

silêncio incomum que, de repente, havia caído sobre o monte e até sobre a tumultuada Jerusalém. E os soldados, após alguns segundos ouvindo, ratificaram o fato.

As corujas que faziam ninhos no Monte Sião e nas defesas próximas ao Palácio de Anás estavam em silêncio total. O mesmo acontecia com as centenas de aves que chegavam a cada entardecer às margens do Cédron e com as miríades de insetos dos campos vizinhos à cidade.

E foi muito perto da hora nona[4] que o Nazareno, fazendo um esforço titânico sobre os pés, com o peito prestes a explodir e os lábios abertos por conta da sede, clamou com voz grandiosa:

– *Eli, Eli! Lema sabactaní?* [5]

Após dizê-lo, o Galileu teve um novo ataque convulsivo. E dezenas de moscas decolaram momentaneamente de suas feridas, indo pousar quase de imediato nas úlceras e fios de sangue seco. Os soldados se entreolharam e disseram com ironia:

– Agora está chamando Elias.

E Jesus tornou a falar:

– Tenho sede!

Então, um dos legionários se aproximou da vasilha que continha a preciosa *posca* e mergulhou uma esponja na mistura de vinagre e água. Colocando-a na ponta de um galho de hissopo, dirigiu-se a Jesus. Mas outros soldados tentaram dissuadi-lo, dizendo:

– Deixa, vamos ver se Elias vem salvá-lo.

No entanto, o legionário levou a esponja aos lábios do Nazareno. E ele bebeu da esponja. Imediatamente, o ventre do crucificado palpitou com força e se viu uma sufocação mais intensa em seu rosto. Com voz forte, ele tornou a dizer:

– Tudo está cumprido!

Os presentes observaram o gigante inclinar a cabeça de repente, e seu corpo ficou como morto. Naquele instante – hora nona –, as trevas que cobriam o lugar foram se dissipando. E as tochas foram apagadas. E os campos recuperaram seus sons, e as aves voaram novamente sobre a Porta Dourada e sobre os jardins.

E, enquanto os céus se abriam e deixavam passar a luz do entardecer, a terra estremeceu sob os pés dos soldados e das mulheres e dos que passavam rumo à cidade. O Gólgota se abriu, e faltou pouco para que uma das cruzes tombasse. As mulheres recuaram, assustadas, e o centurião, balançando a cabeça afirmativamente, comentou quase para si: “Realmente, esse homem era justo”.

Relatório dos especialistas

“Foi preciso despregá-lo”

Quando, pesquisando sobre a vida de Jesus, conheci o costume de algumas mulheres notáveis e piedosas de Jerusalém de fornecer uma bebida – meio anestésica, meio inebriante – aos condenados, não pude reprimir um sentimento de admiração por aquele galileu chamado Jesus. Que ser humano, ciente do horroroso suplício que o aguardava, não teria feito o mesmo que os ladrões? Quem teria resistido a tomar até a última gota daquela beberagem?

O Nazareno – isso está claro – devia saber da ação indulgente daquele vinagre ou vinho com fel ou mirra[6].

Mas vamos passar às últimas descobertas dos especialistas e cientistas da Nasa em relação a essas últimas horas da crucificação do homem que foi envolto no lençol de Turim. A primeira coisa que lhes chamou a atenção foi a marca do punho esquerdo. O veredicto pericial foi definitivo: “A disposição das manchas sem dúvida afirma – e confirma – que o homem que deixou sinais no Sudário foi crucificado não pela palma das mãos, e sim pelos punhos”.

O fato, do ponto de vista médico, é totalmente lógico. “Um prego que atravessasse a palma”, afirma o ilustre Dr. Cordiglia, “não poderia ter sustentado um corpo de cerca de 80 quilos (o estimado para Jesus). Ou seja, com uma força de tração de 95 quilos em cada braço.”

Para o eminente cirurgião Barbet – que simulou mais de uma dúzia de transfixações ou perfurações de pulsos de braços recém-amputados –, essa circunstância é igualmente clara. Ao colocar um prego de 1 cm2 na parte interna do punho, basta uma martelada para atravessá-lo. O ferro desliza sem resistência, alterando levemente sua direção. A ponta avança no sentido do cotovelo, e a cabeça fica voltada para os dedos. E a ponta emerge, atravessando a pele.

Esse ensaio deu sempre os mesmos resultados. E, graças a esse desvio espontâneo do prego, é possível evitar a fratura do ossinho do carpo chamado semilunar. As radiografias feitas pelo Dr. Barbet revelaram que o prego entrava sempre no ponto denominado espaço de Destot. E, como eu, muitos outros notaram também algo anormal: no lençol de Turim, não se veem, de maneira alguma, as marcas dos polegares do cadáver.

Um pensamento comum assaltou a todos nós: haviam sido amputados? Não podia ser. A explicação chegou – como sempre – pela mão da ciência. De fato, o polegar não é visível no sudário. O que aconteceu foi que, assim que o ferro atravessou as primeiras camadas moles do punho, o polegar se dobrou, saltando até ficar atravessado na direção oposta à dos quatro dedos, que só haviam se dobrado levemente.

E, nesse ponto, a informação do cirurgião se torna impressionante: “Os nervos medianos, extremamente sensíveis, foram atingidos, aqui, pelo prego. E foram lacerados e esticados pelo ferro, ficando tensos como cordas de violino. Isso deve ter provocado uma dor lancinante no torturado”.

Segundo os médicos, esse suplício desencadearia em quase todos os mortais a perda de consciência. A Natureza, na realidade, se “desliga”. Eis aqui outro ponto a considerar no comportamento de Jesus de Nazaré, se levarmos em conta que não existe registro de que tenha perdido os sentidos em momento algum.

Mas há ainda mais. A ferida no punho esquerdo é a mais bem definida. Tem formato oval e mede 15 mm × 19 mm. Suas bordas são limpas e dois fios de sangue brotam dela de modo oblíquo. Esse sangue caía perpendicularmente ao chão quando os braços estavam pregados na cruz.

Os técnicos fizeram os seguintes cálculos matemáticos: “O ângulo que esses fios de sangue formavam com o eixo do braço – 25 graus – nos permite deduzir o ângulo entre o braço do crucificado e o pau vertical da cruz, ou pontalete: 65 graus”.

E, por trás dessa simples operação geométrica, esconde-se outra dramática verdade. Uma vez cravados os punhos no *patibulum*, ou viga transversal, este foi içado até se encaixar na viga vertical. Essa operação, sem dúvida, fez o peso do crucificado tender para a frente, até que os ferros que atravessavam seus punhos frearam o movimento. A dor, segundo os médicos, deve ter sido insuportável.

Os matemáticos concluem: “A freada deixou o braço retesado, em um ângulo de 65 graus com o pau vertical. Se dividirmos o peso do corpo entre os dois braços – 40 quilos cada um –, a força de tração exercida sobre o braço equivale a 40 / cos 65 = 40 : 0,4226 = cerca de 95 quilos”.

Segundo os médicos, a hemorragia na perfuração do punho esquerdo não deve ter sido muito forte. O próprio prego, possivelmente, produziria a hemóstase, ou seja, o estancamento do sangue, bloqueando a ferida.

Mas, se o sangue não brotava em abundância, as dores deviam ser terríveis.

Os especialistas e peritos legais que analisaram o Sudário depositado em Turim ficaram impressionados quando chegaram às marcas dos dedos da mão direita. O que havia acontecido ali? Por que apresentavam aquele alongamento excessivo? A conclusão provoca calafrios:

“A mão direita”, observa Cordiglia, “foi mais torturada, a julgar pelas áreas que foram forçadas a encostar no *patibulum* com manobras violentas. Enquanto o punho esquerdo foi cravado com rapidez e precisão, parece que o mesmo não aconteceu com a mão direita, uma vez que o prego não penetrou na primeira martelada e teve de ser extraído e cravado de novo, talvez várias vezes, antes de tocar a viga.”

A possível razão desse incidente com o prego do punho direito deveria ser buscada em algum defeito na ponta do ferro ou até na parte da viga situada imediatamente abaixo do punho de Jesus. Do que não acho que se deva duvidar é da perícia do carrasco, acostumado, sem dúvida, a centenas de execuções similares.

E não quero passar às próximas e desconcertantes investigações dos cientistas sem comentar um fato que surgiu de repente diante de mim. Sendo uma realidade – cientificamente comprovada – que o homem que enterraram enrolado no Sudário de Turim foi pregado pelos punhos, como entender, então, as chagas dos santos, iluminados e demais estigmatizados na palma das mãos? Algo está errado.

Se realmente fossem sinais sobrenaturais, como sempre se disse, esses estigmas apareceriam nos lugares exatos onde foram registrados. Mas jamais se teve notícia de um único estigmatizado que apresentasse as feridas das mãos no carpo.

Era lógico, posto que – até agora – ninguém havia encontrado uma prova tão decisiva. Todavia – e temos a tradição pictórica mundial que se encarregou de nos recordar –, sempre se falou de "pregos que atravessavam as mãos". E a afirmação não é incorreta. Hoje, em anatomia, considera-se que a mão é formada por três partes: carpo, ou punho; metacarpo, ou mão propriamente dita, e dedos. No entanto, essa sutileza "pregou uma peça" naqueles que se consideravam "iluminados".

Mas – eu continuava me perguntando – o certo é que essas chagas dos estigmatizados são verdadeiras. O sangue brota delas, e o mais intrigante – pelo menos para os leigos na matéria – é que surgem sem causa aparente.

Quando consultei os parapsicólogos e psiquiatras, a resposta foi sempre a mesma: "O poder da mente dessas pessoas, sob a influência de uma crise de misticismo, por exemplo, pode atingir tal força que transmite às células da palma das mãos ordens oportunas para deteriorar e abrir as feridas que todos conhecemos".

Esse fenômeno – absolutamente explicável no campo paranormal – não podia ser compreensível nem esclarecido em épocas anteriores à nossa. Por isso a confusão e as falsas interpretações.

Quem conhece as ondas cerebrais alfa e já fez experiências com elas sabe que essas ordens da mente, na maior parte das vezes involuntárias, são reais. Se os santos e estigmatizados em geral tivessem sabido dos lugares exatos onde se situaram as feridas das mãos de Jesus, possivelmente suas chagas teriam surgido nos punhos, e não no centro das palmas.

Voltando à tradição pictórica, como entender que apenas um mestre universal –

Van Dyck – tenha registrado a crucificação com os pregos nos pontos precisos?[7]

A única explicação possível está no fato de que Van Dyck talvez tenha visto o Sudário por ocasião de sua viagem a Gênova e tenha reparado no grande detalhe da mancha de sangue.

Mas um ponto em que não há convergência de opiniões, pelo menos por ora, são os pregos dos pés. Enquanto alguns médicos e especialistas afirmam que o homem do Sudário de Turim teve os dois pés perfurados com um único ferro, outros – a maioria – tendem a pensar que o carrasco utilizou dois pregos: um para cada pé.

Uma rápida olhada na marca dos pés, pelo lado dorsal, não só nos permite ver imediatamente que tanto o pé quanto a perna esquerda ficaram menos gravados no lençol, como também nos dá a impressão de que a perna esquerda está mais curta que a direita.

E, como era de esperar, tanto observadores quanto estudiosos começaram a se perguntar, inicialmente com timidez, se Jesus de Nazaré era coxo. Para completar, ali estavam as iconografias russas e bizantinas, com uma espécie de trecho oblíquo na parte inferior de suas cruzes. Um detalhe que pode ser contemplado hoje nas torres do Kremlin e que a tradição associa com a anomalia que a parte dorsal de Jesus apresentava no Sudário. Essa tradição pode ter nascido quando os fiéis – há séculos – começaram a venerar a relíquia toda sexta-feira em Constantinopla.

Para aquela gente sem muitos conhecimentos médicos, era evidente que o Senhor tinha uma perna mais curta que a outra. No entanto, a ciência demonstra hoje algo muito diferente. Tanto o Dr. Barbet quanto o Dr. Ricci chegaram à conclusão de que os dois pés foram fixados à viga por um único prego. O joelho esquerdo teria ficado dobrado sobre o direito e, com a rigidez cadavérica, os músculos da perna esquerda conservaram a posição mantida na cruz.

A explicação – independente da teoria sobre um único prego – convence a uns e outros. Mas continua-se questionando se a crucificação ocorreu com um ou dois pregos.

Para o Dr. Judica Cordiglia, “a coxa e o joelho esquerdos se deslocaram para cima e para a frente em relação ao lado direito, de modo que a perna esquerda parece mais curta que a direita”.

Cordiglia acha que, uma vez que a perna direita estava esticada e imobilizada pelo prego no pé, não foi possível aos carrascos pregar a perna esquerda paralelamente. Portanto, o joelho esquerdo ficou arqueado e assim permaneceria mais tarde, quando a morte chegou.

Mas as descobertas não param nessa fascinante exploração da ciência ultramoderna sobre o lençol de Turim. Parece que o evidente afundamento do

ombro direito de Jesus – perfeitamente claro nas marcas – pode se dever “a uma deformação profissional, derivada do trabalho exercido pelo Galileu como carpinteiro”.

Essa observação pode ser tão verossímil quanto perspicaz. Se aquele corpulento nazareno trabalhou entre 20 e 23 anos como carpinteiro, o peso dos troncos pode ter lhe provocado esse leve afundamento no ombro direito. Apesar disso, para não perder a “compostura científica”, vamos manter, ainda, como possível e primeira causa do afundamento o forte puxão que o carrasco deu à perna direita do Nazareno quando ia pregar esse pé no pontalete. Essa manobra, segundo os médicos e legistas, causou esse abaixamento do ombro e de todo o lado direito do corpo do crucificado. Imagino que seria inevitável.

Analisando-se essa infinidade de dados, relatórios e tecnicismos relacionados à anatomia e às torturas do homem do Sudário, acabamos nos fazendo a mesma pergunta: Qual foi a causa da morte de Jesus de Nazaré? De que morreu realmente?

Segundo os especialistas a quem consultei, o Nazareno faleceu em consequência de um “complexo encadeamento de causas”. Talvez todas elas possam ser resumidas, como fizeram os médicos de Colônia: “Em uma pessoa pendurada pelos punhos, o sangue se acumula muito rapidamente na metade inferior do corpo. Depois de seis a doze minutos, a pressão arterial cai para a metade, e o número de pulsações dobra. O sangue chega ao coração em quantidade insuficiente. A consequência é a perda de consciência. Diante da insuficiência de irrigação do cérebro e do coração, o réu logo enfrenta um colapso ortostático.”

Portanto, a morte por crucificação – concluem os especialistas de Colônia – ocorre devido a um colapso cardíaco.

Porém, a realidade é sempre mais complexa. E eu me atreveria a afirmar que, no caso do Nazareno, com mais justificativas. Não podemos esquecer que Jesus de Nazaré perdeu um considerável volume de sangue durante a longa flagelação.

Esse tipo de morte fora concebido para que o condenado permanecesse vivo durante dois, três e até mais dias no alto da cruz. Surpreendentemente, Jesus sucumbiu em cerca de três horas. O que havia acontecido?

Parece que o primeiro impacto de uma crucificação é uma dor vertical – se me permitem a expressão –, de ponta a ponta do corpo. O condenado ficava absolutamente imóvel e desconcertado por um “terremoto” de dores. E em pouco tempo chegavam os primeiros sinais da asfixia. A respiração ficava entrecortada, difícil. Era preciso conquistar cada fiozinho de ar. E, para isso, o réu tinha de arquear o diafragma, expelindo o ar viciado que enchia seus pulmões. Mas essa operação constituía-se em uma nova agonia. Para inspirar era necessário apoiar-

se nos pregos dos pés. E, então, endireitando-se o corpo, mesmo que só alguns milímetros, expulsava-se o ar estancado. Mas esse mínimo exercício repercutia nos punhos cravados, e a respiração era como um carrossel de angústias e terríveis lacerações.

E o coração desfalecia. Seu trabalho de bombeamento triplicava. As veias e vasos mais finos se encharcavam. O sangue não circulava bem. O oxigênio também não chegava aos tecidos, e os músculos sofriam contrações espasmódicas e tetânicas.

Uma perigosa intoxicação geral começava a avançar pelo organismo do crucificado. O cérebro e as meninges se enchiam de sangue venoso, de baixo índice de oxigênio. E sobrevinha uma dor de cabeça implacável. As unhas azuladas e o pescoço inchado eram novos sinais de alerta: aproximava-se uma catástrofe cardíaca e pulmonar.

E a vista falhava. A falta de oxigênio na retina ia escurecendo a visão, e o grau de confusão do condenado aumentava. As figuras que se moviam ao redor tornavam-se imprecisas. E muitos acreditavam que a noite havia caído.

Alguns médicos dizem, inclusive, que talvez no fundo dos olhos de Jesus tivesse começado a se formar um edema papilar – um inchaço dos nervos ópticos –, também devido à hipertensão intracraniana originada pelo estancamento do sangue no crânio ou pelos problemas de ventilação, que repercutem na circulação venosa cerebral e aumentam a viscosidade do sangue por conta da policitemia, ou aumento do volume de glóbulos vermelhos.

E surgia o suor e a progressiva sufocação. E uma sede incontrolável que secava a língua e os lábios. Depois, cãibras e acessos convulsivos quase ininterruptos.

A prolongada suspensão na cruz, como apontei anteriormente, originava nos condenados uma diminuição do tônus nas paredes abdominais. O sangue se acumulava nos órgãos viscerais, e a consequente falta de oxigênio castigava e danificava os tecidos. Isso era, definitivamente, o colapso ortostático.

Mas uma situação como essa – concordam os médicos – geralmente conduzia a uma inibição da natureza, e o réu perdia os sentidos. Isso não aconteceu com o Nazareno. Pelo menos não temos registro disso.

É possível – como apontam outros médicos de destaque – que Jesus tenha perdido os sentidos quando os evangelistas afirmam que “deu um grande grito, expirando”. Nesse caso, a falta de consciência culminaria também na morte. Bem, pouco importa.

Como vemos, não se pode apontar – por enquanto, claro – a derradeira razão que acelerou o fatal desenlace. Foi a insuficiência respiratória? A queda da pressão arterial? A parada cardíaca? Talvez, como apontam os mais prudentes, uma mistura de tudo isso.

O golpe de lança, como veremos mais adiante, nada teve a ver com a morte de Jesus. Segundo os estudiosos do Sudário, naquele momento o Nazareno já estava morto.

E não quero concluir este relatório técnico sem tocar em um ponto inédito – pelo menos para mim –, que foi estudado também por outros médicos.

Afirmam que o vinagre com água, oferecido ao Galileu quando ele estava em plena agonia, provavelmente precipitou sua morte. Causa: uma síncope de deglutição.

Segundo essa hipótese, existe no Oriente a crença de que os crucificados e empalados podem falecer de repente se ingerirem um líquido, especialmente se for vinagre. Binet, por exemplo, dá uma grande importância a isso, e afirma que a repentina morte de Jesus foi provocada pela ingestão da *posca*.

Ele ilustra a observação com alguns exemplos que eu, pessoalmente, não pude verificar.

Segundo Binet, o assassino do general Kleber, Suleiman al-Halabi, foi condenado a morrer empalado. Durante o suplício, pediu em vão aos carrascos egípcios que lhe dessem algo para beber. Eles responderam que, se ingerisse algum líquido, seu coração pararia de bater. Quando os egípcios se retiraram, quatro horas depois de o tormento haver começado, deixaram Suleiman aos cuidados de soldados franceses. E, diante de seus reiterados pedidos para aplacar a sede, um dos guardiões – possivelmente mais misericordioso – deu-lhe um copo de água. Logo após molhar os lábios, expirou, soltando um forte grito.

Essa morte – afirmam alguns médicos – poderia ser atribuída a um reflexo produzido pelo contato do líquido com o peritônio perfurado pela estaca. Ainda assim, Binet se mantém firme em sua primeira ideia: efeito mortal devido a uma síncope de deglutição, ou digestiva.

Se assim for, cabe perguntar por que aquele soldado romano levou a vara de hissopo com a esponja até os lábios do Galileu. Ele sabia do efeito fulminante do vinagre?

Pessoalmente, eu me inclino a pensar em algo muito mais simples: sem dúvida, o legionário tentou aplacar a sede do réu. E o fato de que logo depois Jesus foi surpreendido pela morte ou pela perda de consciência pouco ou nada teve a ver com essa insólita teoria da síncope de origem digestiva. Entre outras razões, porque o Nazareno estava sendo crucificado, e não empalado.

Mas vamos agora passar à última parte de nossa reconstrução pessoal da paixão e morte de Jesus. Como pode ter sido, na realidade, a descida da cruz? Isso foi o que vimos em uma nova projeção mental ao Gólgota.

Sexta-feira, 16h

Linho dos oásis de Palmira

O procurador Pôncio Pilatos pediu dois copos e bastante vinho. Havia sido um dia realmente extenuante para o romano. Mas José, o de Arimateia, recusou com um sorriso. Ele não queria vinho. Todo o seu interesse estava voltado para algo mais difícil, pelo menos à primeira vista. José de Arimateia só aguardava uma resposta: o procurador permitiria que descesse da cruz o corpo de seu mestre, Jesus de Nazaré?

E assim, diretamente, havia perguntado ao romano. E talvez aquela clareza e valentia do judeu, além do conhecimento de sua considerável fortuna, tenham feito Pôncio Pilatos decidir-se a favor de José.

Mas o romano, que ainda conservava em seu cérebro a imagem insólita do Galileu e suas não menos estranhas palavras, havia começado a sentir curiosidade pela vida daquele homem que não opusera a menor resistência à morte e que, além de tudo, havia sido crucificado em meio a trevas e terremotos. Pilatos tentava reter José. E, enquanto se servia uma longa taça daquele generoso e pálido vinho recém-chegado da saudosa Roma, perguntou-lhe:

– Mas, dize: como tu, homem rico, culto e membro do conselho, te consideras discípulo desse Jesus, o Nazareno, a quem os sumos sacerdotes qualificaram de impostor e blasfemo?

José de Arimateia teve de esconder seu ódio por aquele romano que havia acabado de executar seu mestre. E, tentando apenas não piorar as coisas, respondeu:

– Procurador Pôncio, esse homem que enviastes para a cruz foi vítima da inveja e da incompreensão.

– Incompreensão? Como entender um homem que se proclama rei e afirma que seu reino não é deste mundo? Tu o compreendes?

Pilatos se sentia satisfeito diante do olhar calmo do judeu.

– Poucos souberam interpretar as palavras do mestre. Ele nos falou do espírito, e não das armas ou das conquistas.

– Então, onde acreditas, José, que está o reino de teu mestre?

– Conforme Ele disse, na alma de cada um de nós. E agora, procurador, se me permitis, o dia da Preparação está chegando ao fim, e amanhã, sábado, é um dia solene. Não convém que esses corpos fiquem expostos no Gólgota. Tenho vossa permissão para retirar Jesus?

Pôncio Pilatos terminou seu vinho. Visto que, de fato, o sol já se aproximava do ocaso atrás das muralhas da distante Gaza, mandou chamar o centurião que havia dirigido as execuções e que ainda estava no Gólgota. E, enquanto esperava

o oficial, o romano pediu um pouco de paciência a José de Arimateia:

– Tu afirmas que Jesus morreu – expôs o procurador –, e eu acredito, mas devo me certificar por meio de meus próprios soldados. Passaram-se apenas três horas desde que o mandei ao patíbulo. Como pode estar morto?

E, antes que o oficial se apresentasse diante de Pilatos, este, em um aparte com José de Arimateia, tentando não ser ouvido pelo resto da guarda nem pelos oficiais que acompanhavam o procurador no pretório, perguntou ao judeu:

– Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a doutrina de teu mestre. Poderias visitar-me em Cesárea?

E José, desconfiado e confuso, não soube o que responder. Mas acabou assentindo com a cabeça.

Naquele instante, entrou na sala da fortaleza o centurião que havia assistido à crucificação do Nazareno e dos dois salteadores. Pilatos, sem mais preâmbulos, perguntou-lhe pelo estado do Galileu. E ficou surpreso quando o oficial confirmou a possível morte do chamado rei dos judeus. Os demais crucificados, segundo acrescentou o oficial romano, continua- vam vivos, embora letárgicos pelas beberagens e suplícios.

– Bem – concluiu Pilatos, enquanto se despedia de José –, tens minha permissão para retirar o corpo de Jesus.

Quando José de Arimateia partiu, o procurador ordenou ao centurião que voltasse a seu posto no patíbulo e sacrificasse os três crucificados. A seguir, o romano se dirigiu a seus demais oficiais e escribas e encomendou a confecção de uma lista, o mais completa possível, de quantos familiares, amigos e seguidores Jesus de Nazaré tivera. E deu ordem específica para que aquele documento lhe fosse entregue no menor prazo possível e para que o incluíssem nas atas da execução, que ele deveria enviar ao imperador.

Alguns amigos – dentre os quais havia discípulos do Nazareno – esperavam José de Arimateia às portas da Fortaleza Antonia. E, por seu olhar e pelo passo apressado, souberam, assim que o viram entre a guarda que protegia o pretório, que o romano havia sido indulgente. O membro do conselho foi lhes explicando, a caminho do templo, os pormenores de sua visita à casa do procurador. Mas nada disse, por prudência, sobre o pedido do romano de conhecer o que Jesus havia pregado.

O tempo urgia, de modo que as mulheres que andavam ao lado de José de Arimateia o instaram a comprar o sudário e os aromas. E assim o fizeram, logo que chegaram aos mercadores assentados ao pé da luminosa fachada de mármore branco do segundo templo.

Maria, mãe de Tiago, comprou umas cem libras de aloé, incenso, goma e outros perfumes e aromas. Enquanto isso, José, por expressa indicação de

Salomé e Maria Madalena, arranjou uma peça de linho puro de quase 5 metros, trazida nesse mesmo dia de Tadmor, nos oásis de Palmira.

José se viu obrigado a pagar várias peças de prata por ela diante da insistência do sírio, que, em meio a constantes lamentações e golpes no peito, afirmava que aquele pano era destinado à casa real de Herodes.

Sexta-feira, 17h

O grito de Maria

Quando o jovem João viu o grupo encabeçado por José chegar, correu ladeira abaixo. E chegou a eles tomado de grande agitação.

– Os romanos o atravessaram com uma lança – foi explicando enquanto caminhavam rumo ao monte do Gólgota. – Tentaram quebrar suas pernas, mas um deles afirmou que não era necessário, porque já estava morto. E eu vi que saiu sangue e depois água. E o mestre não se mexeu quando o legionário afundou a lança em suas costelas. Achas mesmo que Jesus está morto?

José apenas olhou para ele com expressão séria. E continuou subindo o monte a passos largos.

Uma vez junto às cruzes, as mulheres cercaram Maria e os demais familiares e amigos que haviam permanecido junto ao Nazareno. E tentaram consolar a mãe do crucificado.

José, a quem Nicodemo havia se juntado, falou em particular com o centurião e lhe entregou uma bolsa com dinheiro. Depois o oficial ordenou a seus homens que dessem início à descida do Galileu. Um dos legionários passou a retirar os pregos dos pés.

A pouca distância, as mulheres, com o tecido de linho nas mãos, aguardavam. O abatimento psíquico e moral havia se apossado do grupo, e já quase não se ouviam soluços ou lamentos.

Para o discípulo amado, João, aquelas eram horas de total desalento. Não conseguia entender. Seu coração estava mergulhado em cólera e na mais lancinante tristeza.

“Como era possível? Como Jesus, que havia ressuscitado os mortos, havia se deixado matar? Onde estava seu poder? E, o mais importante: em que lugar havia deixado eles, seus muitos discípulos, perante a sociedade?”

José de Arimateia, visivelmente nervoso, dirigiu o olhar para o horizonte. O sol, igualmente encharcado de sangue, já roçava as silhuetas negras das palmeiras do Getsêmani. E as primeiras lamparinas nas casas de barro de

Jerusalém indicavam a iminente chegada do sábado.

Era necessário acelerar o processo. E o membro do conselho dos judeus alertou o oficial sobre isso. Mas este, sem se alterar, limitou-se a dar de ombros. Nicodemo e José, então, aproximaram-se do legionário, mas não se atreveram a falar com ele.

Com a forquilha metálica do martelo o soldado fazia uma alavanca, forçando a extração do primeiro prego dos pés. Em segundos, a pequenos golpes da alavanca, o pé direito ficou livre. Isso fez verter novo sangue, mas o Nazareno estava realmente morto.

A liberação do pé esquerdo foi mais rápida. Depois de repetir a operação com a forquilha, o carrasco pegou um alicate e, com ele, prendeu a cabeça do prego, puxando com força, enquanto com as duas mãos empurrava o cravo para a direita e a esquerda. Aquilo provocou uma hemorragia maior, mas a parte dianteira do pé ficou livre do pontalete.

Diante da surpresa do grupo, a perna esquerda do mestre, que havia permanecido flexionada durante toda a crucificação, ficou rígida e na mesma posição, apesar de ter sido despregada.

Um dos soldados apoiou a escada de mão utilizada horas antes pelo centurião em um dos braços do *patibulum.* O carrasco, simultaneamente, fazia o mesmo com uma segunda escada no lado oposto da viga. E não foi preciso muito esforço para tirar os dois pregos dos punhos do cadáver. Um dos romanos segurou o braço esquerdo do executado, enquanto o colega concluía as extrações do lado direito.

Nesse instante, com Jesus totalmente solto da cruz, José de Arimateia, Nicodemo, João e outros discípulos seguraram o corpo frio e espantosamente pesado do Mestre. E, com grande lentidão, depositaram-no sobre o linho, previamente estendido pelas mulheres ao pé do pontalete.

Tanto José quanto Nicodemo, João e todos os que se dispuseram a resgatar o corpo sem vida do Galileu ficaram manchados pelo sangue que, em alguns movimentos, verteu das várias feridas e lacerações.

Já sobre o sudário, o corpo de Jesus foi cercado pelos familiares e discípulos. E, como se alguém houvesse aberto comportas até aquele momento bloqueadas, Maria se jogou sobre o filho, desconsolada. Abraçando-o, derramou sobre o rosto sujo e inchado as lágrimas que ainda restavam em seu coração. E um urro de mulher, cortante como um sabre, encheu o crepúsculo de Jerusalém. Foi José quem, inclinando-se sobre a mãe do Nazareno, a retirou com doçura, mas firmeza.

O tempo do dia da Preparação estava esgotado, e fazia-se urgente sepultar Jesus. De modo que, com toda a celeridade, os homens transportaram o corpo,

segurando o sudário pelas pontas. José de Arimateia os conduziu a um dos lados do Gólgota, onde havia um jardim. Nele, os servidores de José haviam concluído a escavação de uma cripta funerária, destinada, originalmente, a sua família.

Ali, sobre o chão da rocha fria, os discípulos e familiares colocaram o corpo. E, antes de eles o cobrirem com o linho, uma das mulheres tirou seu xale e o amarrou em volta da cabeça do mestre, procurando fazer que a boca permanecesse fechada.

José tirou de sua bolsa duas pequenas moedas de bronze e, após fechar os olhos do Nazareno, colocou-as sobre as pálpebras, conforme aconselhava o costume judaico.

A escuridão havia caído sobre a cidade. Nicodemo, na boca da gruta, pediu que terminassem o quanto antes.

O lençol sobre o qual o Nazareno descansava foi então dobrado à altura da cabeça e estendido ao longo de todo o seu corpo. Suas mãos foram cruzadas sobre o baixo-ventre, e só o joelho esquerdo ficou levemente flexionado, por conta do *rigor mortis*. E, sem mais preparações, todos os que haviam levado o corpo de Jesus foram saindo do sepulcro pelo estreito corredor.

Quatro homens rolaram uma grande pedra – preparada pelos servidores para esse fim – e, assim, fecharam a câmara funerária.

Com a partida do grupo, apenas Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, ficaram sentadas no local. E suas lágrimas e orações só acabaram quando a noite já estava bem avançada.

Enquanto todos se encaminhavam para Jerusalém, José de Arimateia voltou à esplanada do patíbulo e por ser, como era, homem compassivo e justo, falou pela segunda vez com o centurião para que mandasse baixar os dois salteadores, cujas pernas estavam totalmente roxas e inflamadas por conta dos golpes de bastão. E depositou nas mãos deles o resto das moedas que havia em sua bolsa, prometendo-lhes elogiar seus bons serviços perante o procurador.

Depois voltou para junto de Maria e dos discípulos, na cidade santa, e eles prepararam os aromas e a mirra que haviam comprado, a fim de lavar e embalsamar o corpo do Senhor quando a Páscoa acabasse.

Relatório dos especialistas

“Antes do golpe de lança, o homem do Sudário já estava morto”

Quando a Igreja Católica autorizou as primeiras análises científicas do Sudário de Turim, alguns técnicos torceram o nariz. O tecido era muito perfeito para

datar do tempo de Jesus.

Anos depois, quando as investigações sobre o lençol se tornaram mais profundas e completas, a coisa mudou. E, além das descobertas do já citado Max Frei, que detectou grânulos de pólen do tempo de Cristo entre os fios do tecido, especialistas como T. Walsh escreveram: “Na Europa Ocidental não se teceu sarja até bem depois do século xiv”.

O contrário do que vinha acontecendo no Oriente. Segundo os especialistas, o tecido daquele sudário procedia do Oriente Próximo. Há provas concretas e uma infinidade de testemunhos escritos e gráficos da existência e construção de teares capazes de produzir esse tipo de tecido na Síria do século I. Ao leste de Damasco, a cidade de Palmira parece ter sido o empório especializado na fabricação de sarjas de linho.

Os egípcios, por sua vez, desde tempos imemoriais utilizavam também tecidos de linho para suas sepulturas, mas está provado que não os teciam no padrão de sarja. Este era reservado para as peças de lã.

É fácil imaginar que o bondoso José de Arimateia pôde comprar com facilidade a peça de linho na qual envolveram o corpo do mestre. Aquela era uma data solene em Jerusalém. E, dada a aglomeração de pessoas, chegadas dos quatro pontos cardeais, era mais que provável que entre os comerciantes houvesse também alguém do ramo têxtil. E – por que não – também indivíduos vindos dos oásis sírios de Palmira. É preciso levar em conta que Damasco distava de Jerusalém menos de 300 quilômetros. (Em sua última guerra, os israelitas atingiam com sua artilharia os subúrbios de Damasco situados no Hermon. E não devemos esquecer também que Paulo fazia essa viagem a pé.)

Recentemente, Virginio Timossi, um profissional do ramo têxtil, publicou um importante relatório sobre o tecido do Sudário de Turim e nele fez referência ao tecido de 7 metros descoberto no museu egípcio dessa cidade italiana. O tecido, idêntico ao Sudário, pertencia à xii dinastia, ou seja, entre os anos 1966 e 1784 a.C., e é de puro linho.

Por último, os pesquisadores atuais chegaram à conclusão de que o linho do Sudário de Turim foi tecido à mão. O tear – dizem – era de pedal, mas foi usado manualmente.

Quanto à espessura do fio, o da urdidura corresponde ao número 50 da classificação inglesa, contando-se 40 fios por centímetro. Já o fio da trama corresponde ao número 30 da norma citada, tendo sido contabilizadas 27 inserções por centímetro.

Com base nisso, podemos calcular que o peso do tecido por metro quadrado deve ser de cerca de 234 gramas. Como o lençol mede, atualmente, 4,36 m × 1,10 m – ou seja, cerca de 4,80 m2 –, seu peso provável deve estar por volta de

1,123 quilos.

Diante desses resultados, qualquer pesquisador com um mínimo de boa-fé deduz que o lençol guardado hoje em Turim pode ter sido fabricado realmente na área geográfica onde se desenrolaram os acontecimentos conhecidos por todos.

Quanto às opiniões dos médicos legistas sobre o golpe de lança, isso é outra história.

O que dizem os cientistas sobre a marca deixada no Sudário que parece corresponder a um ferimento causado por lança? Consultando os textos evangélicos, observamos que o único "repórter" que falou do golpe de lança foi João, que, ao que parece, estava muito perto da cruz. Os demais evangelistas não souberam da notícia ou, pelo menos, não a registraram em suas respectivas "matérias".

E chegaram, então, os médicos legistas, que começaram a analisar a marca do Sudário. As primeiras observações permitiram definir os seguintes pontos:

1 - A cor da marca é grená e mais escura que a das outras manchas de sangue.

2 - A mancha se estende para cima por uns 6 cm e depois desce, dividindo-se em uns 15 cm.

3 - Sua margem interna faz um zigue-zague em linhas curvas.

4 - A ferida da qual verteu esse sangue é claramente visível e foi feita por um instrumento de ponta e corte (lança), com duas abas ou bordas nas pontas; por isso sua forma elíptica.

O grande especialista Dr. Barbet apura ainda mais: "Tomando como referência a ponta do esterno, visível no lençol, e determinando por radiografia sua posição na região intercostal, podemos afirmar que a lança do soldado deslizou por cima da sexta costela. Atravessou o quinto espaço intercostal e encontrou em sua rota primeiro a pleura e depois o pulmão direito".

Se o romano houvesse impulsionado sua lança em direção quase vertical, ela teria afundado nos pulmões. E ali teria rasgado apenas algumas veias. Isso, segundo os médicos, só teria feito brotar um pouco de sangue, e não um jorro de água, como diz São João.

Não há dúvida – segundo os legistas – de que o golpe de lança foi dado em direção quase horizontal. É possível que Jesus não estivesse a grande altura na cruz ou talvez o lanceiro tenha brandido sua arma no alto. Talvez o legionário estivesse a cavalo.

Não podemos esquecer que os soldados destacados no país israelita deviam ser – dada a natureza levantina e intrigante dos hebreus – bons profissionais da guerra. Legionários acostumados a tudo. E, evidentemente, com um domínio completo das armas. O golpe no coração era um lance clássico na esgrima

romana. Apontava-se para o flanco direito, posto que o esquerdo costumava estar resguardado pelo escudo.

E o professor Barbet prossegue: “A ponta, a julgar pelas experiências similares que fiz com cadáveres, penetrou pelo pulmão direito. Após percorrer uns 8 cm, atingiu o coração, que está envolvido pelo pericárdio. Pois bem, a parte do coração que se estende para o lado direito do esterno é a aurícula direita. E essa aurícula, que se conecta, para cima, com a veia cava superior e, para baixo, com a veia cava inferior, está sempre cheia de sangue líquido nos cadáveres recentes. O que isso quer dizer? Se a lança houvesse se dirigido mais para a esquerda, teria rasgado os ventrículos, que nos cadáveres já não contêm sangue.”

Por sua vez, o Dr. Judica afirma:

“Repeti o mecanismo da lesão, assim como Barbet, em um cadáver, tal como Cristo havia sido crucificado, afundando uma faca de dissecção rente à borda da sexta costela, no hemitórax direito, perfurando, de baixo para cima e da direita para a esquerda, o quinto espaço intercostal, para penetrar profundamente [...] pleuras, lóbulo do pulmão, pericárdio [...] e, por fim, a aurícula direita, sem transpassar a parede posterior. O sangue só pode ter se originado na aurícula direita. Sobre sua fluidez, não resta dúvida alguma, quer se admita a hipótese de Hynek (morte por asfixia), quer se recorde que a aurícula direita, principalmente em tão pouco tempo depois da morte, contém sangue fluido.”

É lógico, enfim, que, após o golpe de lança, saísse sangue em estado líquido. Quanto à água que o evangelista João diz ter visto, não há vestígio ou sinal visível no lençol de Turim. Podemos pensar, então, que o “repórter” se enganou. E realmente, se nos ativermos aos fatos, João se equivocou. Mas vamos por partes.

O que dizem os médicos legistas sobre essa água que São João afirma que verteu depois do sangue? Era uma exsudação ou transudação? Em termos simples: era um líquido de origem inflamatória ou não?

Alguns especialistas falam de hidropericárdio de origem agônica. Outros, de líquido serossanguíneo. Outros, de líquido pleural. Houve, inclusive, quem tenha defendido a possibilidade de Jesus ter sido tuberculoso. Porém, todas essas teorias foram ofuscadas pelos estudos – mais uma vez – do Dr. Cordiglia.

Para esse médico, as hipóteses citadas, em especial as duas últimas, são absurdas e inaceitáveis. Ele finaliza dizendo que a água que João viu era de origem inflamatória ou de exsudação. A causa? Os repetidos golpes torácicos que Jesus levou, tanto na casa de Caifás quanto na flagelação.

“Todas essas graves injúrias traumáticas”, explica o forense, “aplicadas contra a serosidade pericárdica, que reage muito rapidamente a ataques externos violentos mediante um estágio hiperêmico de breve duração (algumas horas),

determinam a formação do líquido inflamatório.”

E o professor conclui com uma afirmação de grande importância: “A lança penetrou, com toda a certeza, depois da morte”. Eis aqui seus argumentos:

1 - Não há turgidez nos lábios da ferida.

2 - A marca elíptica deixada pela lança é de natureza passiva, devido à elasticidade e extraordinária tensão da pele naquele momento.

3 - O sangue vertido – em dois momentos diferentes – só deixou marcas difusas, de coloração pouco intensa.

4 - A grande quantidade de líquido sero-hemático indica uma evidente plenitude na área direita do coração e também certa pressão (coração em diástole).

Em síntese: todas as lesões do homem do sudário – com a única exceção daquela do tórax – foram causadas em vida. A lesão do flanco direito foi causada *post mortem* e, certamente, logo após a morte, segundo o que se deduz da rigidez cadavérica das áreas de “pseudocoagulação”, já que não há coagulação verdadeira, devido a uma concentração e aglutinação de glóbulos vermelhos nas malhas de fibrina precipitada.

Isso vem ratificar que Jesus de Nazaré permaneceu vivo na cruz por cerca de três horas. E que seu falecimento pode ter acontecido no instante em que inclinou a cabeça – segundo a versão dos evangelistas – ou pouco depois dessa possível perda de consciência.

Habituados como estavam ao fenômeno da morte, tanto o centurião quanto os legionários que formavam a guarda poderiam ter percebido com relativa facilidade quando o Galileu deixou de viver.

Mas as descobertas sobre o lençol de Turim não acabam aqui. Nas costas do homem que foi envolto nesse sudário, observa-se também uma trilha de sangue que cruza toda a cintura. A que isso pode se dever?

Os médicos e cientistas também encontraram a explicação: quando o corpo foi baixado da cruz, ficou em posição horizontal. Pois bem, se, após a entrada da lança, o sangue da aurícula direita e da veia cava superior havia se esvaído pela ferida do peito, quando o corpo tomou a posição horizontal o sangue contido na veia cava inferior igualmente se derramou.

Essa hemorragia final talvez tenha aumentado no traslado final do corpo até o sepulcro. Nessa segunda fase – despregamento, descida e traslado –, o sangue escorreu ao longo da cintura, caindo, obviamente, no chão.

E chegam os norte-americanos com seus sofisticados analisadores espaciais e dizem ao mundo: “Por enquanto – visto que as investigações sobre o lençol de Turim nos Estados Unidos estão apenas começando –, observamos, por exemplo,

que o homem sepultado naquela gruta tinha moedas de bronze sobre as pálpebras".

Quando eu soube dessa descoberta da Academia das Forças Aéreas de Denver (Colorado) e do Laboratório de Propulsão de Pasadena (Califórnia), senti calafrios. Se a ciência ultramoderna está chegando a tais extremos, o que nos reserva o futuro? O que ainda descobriremos sobre a vida e morte de Jesus de Nazaré?

Por meio do famoso VP-8, que havia servido para analisar as fotografias recebidas de Marte, os técnicos e especialistas a serviço da Nasa comprovaram que havia sobre os olhos do Nazareno dois objetos de tamanho pequeno, circulares e sólidos. Algo muito parecido com botões! Entretanto, naquela época, ainda não eram fabricados. O que podia ser?

Embora os norte-americanos suspeitassem, desde o início, que os dois objetos deviam estar relacionados com metal ou cerâmica, decidiram considerar todas as alternativas. E, durante semanas, submeteram o rosto do "homem do sudário" a um meticuloso exame.

Outras explicações, tal como eles imaginaram, foram se excluindo por si mesmas. Aqueles sinais em cada pálpebra não eram deformações no processo de formação da imagem. Também não eram consequência de uma reação local biológica, química ou térmica. O VP-8 detectava que os círculos eram metálicos. E de uma circunferência quase perfeita.

Em contrapartida, isso é consoante com o antigo costume de sepultamento dos judeus: às vezes, colocavam objetos sobre os olhos (geralmente moedas ou fragmentos de potes de cerâmica).

Os jovens oficiais da Nasa, sempre prudentes em suas investigações, prosseguem com essas conclusões: "Não é possível fazer uma identificação detalhada sem uma investigação maior. Mas supomos que pode tratar-se de algum tipo de moeda. Eis as razões. Primeira: ambos os objetos são circulares e, aproximadamente, do mesmo tamanho. Segunda: os relatos bíblicos indicam que José de Arimateia, um homem rico, foi o encarregado de sepultar Jesus. Obviamente, tinha dinheiro consigo no momento de fazê-lo, visto que pôde comprar um lençol de linho. Portanto, se José de Arimateia seguiu o costume dos sepultamentos, pode ter coberto os olhos, não sendo irracional pensar que o mais natural e cômodo, para ele, teria sido usar moedas, em vez de fragmentos de cerâmica."

Essa descoberta lança nova luz sobre um ponto-chave: a época exata e concreta em que se deu a morte do Nazareno.

Os homens de Pasadena, partindo dos primeiríssimos planos dos olhos do "homem do sudário", estão trabalhando na tarefa de decifrar as inscrições que

apareciam nas pequenas moedas. E a obtenção de um relevo, por computador, partindo justamente desses primeiros planos, os fez suspeitar que as moedas depositadas sobre as pálpebras de Cristo eram moedas de bronze da Judeia. Segundo Jan Wilson, elas tinham um tamanho similar ao que aparece na imagem do Sudário de Turim.

Entre essas moedas, uma em especial atrai a atenção de todos os pesquisadores da Nasa: uma de Pôncio Pilatos, cunhada nos anos 30-31 da Era Cristã. Caso os norte-americanos pudessem decifrar as possíveis inscrições, a localização do personagem chamado Jesus na História seria total. Essa localização, porém, já está demonstrada por outros canais, aos quais vou me referir mais adiante.

Parece senso comum que essas moedas eram pequenas, visto que, se tivesse sido usado o denário de prata de Tibério, cunhado nos anos 14-37 desse mesmo tempo, as marcas teriam sido excessivamente volumosas.

E, sinceramente, à vista dessas descobertas, foi se desvanecendo minha primeira desconfiança total sobre a autenticidade do lençol de Turim. Que falsificador ou pintor da Idade Média, por exemplo, teria criado essa imagem com a quase imperceptível marca de uma moeda de bronze sobre cada pálpebra? É ridículo.

Mas vamos prosseguir com esses impressionantes caubóis da Nasa. O VP-8 em questão reservava novas surpresas. A mecha de cabelo à esquerda do rosto estava mais encharcada de sangue. A cabeça do "homem do lençol" foi amarrada ou enrolada com uma faixa ou tecido por baixo do queixo. Esse último dado coincide plenamente – como veremos nos capítulos seguintes – com o que foi narrado pelos evangelistas. E eu fiquei novamente perplexo. Como a ciência espacial podia ratificar detalhes tão pequenos e escondidos que ocorreram há dois mil anos?

Pelo visto, essa faixa foi utilizada no sepultamento de Jesus, uma vez que o cabelo do lado esquerdo do rosto parece estar sobre a borda de algum objeto invisível, com certeza um segundo lençol ou tecido que mantinha a boca fechada. Além disso, essa faixa "invisível" parece dividir uma barba.

Esse tipo de faixa foi conhecido até muito pouco tempo em nossa própria sociedade. E é muito possível que ainda continue sendo usado nos mortos. A missão fundamental do tecido que cercava a cabeça era evitar que a mandíbula inferior caísse. Enfim, algo similar aos primitivos lenços que nossas avós colocavam em nós quando estávamos com dor de dente.

Mas o que pode ter acontecido na escuridão daquele sepulcro durante as quase 36 horas que durou o sepultamento de Jesus de Nazaré?

2 Índice craniano intermediário entre o braquicéfalo e o dolicocéfalo.
3 Aproximadamente meio-dia.
4 Hora nona: por volta de 15h.
5 “Deus, Deus, por que me abandonaste?”
6 Os especialistas parecem mais inclinados a pensar que a beberagem era feita basicamente com fel e vinagre.
7 O quadro de Van Dyck está exposto no Palácio Real de Gênova.

8. Uma radiação saiu do cadáver

Confesso que foi difícil entender o processo da tridimensionalidade. A esta altura de minhas investigações sobre os achados da Nasa, continuo duvidando dele.

Os norte-americanos, como comentei no início deste texto, haviam ficado aturdidos quando os computadores tinham “tentado resolver” a questão com uma imagem. Mas aquela não era uma imagem qualquer. Tratava-se das marcas do Sudário... em relevo!

Apesar de ter a imagem nas mãos e de examiná-la até a exaustão, eu continuava não entendendo. Depois eu soube – e não escondo que isso me consolou – que muitos cientistas de Pasadena e Colorado haviam sentido a mesma coisa.

Tentarei, pois, explicar o processo de tridimensionalidade, do modo como tiveram de ensinar a mim mesmo. Talvez o exemplo mais gráfico seja uma simples fotografia. Quando tiramos uma foto comum, usando paletó preto e camisa branca, a brancura da camisa e a negrura do paletó no retrato não dependem da maior ou menor distância que se fica da objetiva da câmera. Isso está claro. Essa fotografia, em suma, não tem tridimensionalidade. Mas não é o que acontece na imagem que aparece no Sudário de Turim.

Segundo os técnicos que trabalham para a Nasa, no lençol o grau de intensidade da imagem está relacionado à distância do corpo ao lençol. Essa imagem, enfim, é tridimensional.

Vamos adiantar a chave da descoberta: segundo os cientistas, o grau de intensidade dessa imagem que ficou impressa no sudário é inversamente proporcional à distância do corpo ao tecido. Ou seja, quanto mais colado ou próximo se encontrava o linho do corpo de Jesus de Nazaré, menos a marca ficou registrada.

Mas vamos prosseguir, porque o mistério está só começando.

As provas que os caubóis apresentaram, como poderemos constatar, foram

tantas que não ficou nenhuma ponta solta. E a prova definitiva foi mais uma vez obra do – para mim – simpático VP-8. Eles submeteram uma fotografia de tamanho natural do lençol ao analisador de imagem, e, pela enésima vez, o resultado foi o mesmo: “aquilo” era tridimensional. Porém, não aconteceu o mesmo ao se aplicar esse engenho técnico a uma simples fotografia do papa Pio xi, tanto em positivo quanto em negativo.

Ao se passar o VP-8 sobre essas placas, elas mostraram uma visão desastrosa do pontífice. Os olhos apareciam afundados, o nariz achatado, e o braço, esmagado dentro do peito. Em outras palavras, ali não havia tridimensionalidade nem nada parecido.

Embora – neste caso em particular – eu não seja muito afeito a entrar em detalhes técnicos e matemáticos, dada a extrema complexidade deles, faremos uma rápida incursão na trama sobre a qual a pesquisa foi tecida.

O estudo, principalmente a cargo de John P. Jackson, Eric J. Jumper, Bill Mottern e Kenneth E. Stevenson, prolongou-se nessa primeira fase por três anos. Três longos anos de silêncio e meditação. Ninguém sabia o que ocorria naqueles laboratórios do Colorado e da Califórnia. E então esses cientistas revelaram que nada mais nada menos que os melhores computadores dos Estados Unidos tinham trabalhado ativamente na análise da tridimensionalidade. E, mediante o uso desses computadores de última geração, revelou-se que a imagem do Sudário está impressa em relevo, de modo que a informação que define os contornos espaciais do corpo de Jesus está codificada nos níveis variáveis de intensidade da imagem.

Vamos tentar traduzir esses tecnicismos. Para começar – e posto que o lençol original só seria entregue pela Igreja aos especialistas da Nasa no final de 1978 –, os norte-americanos fizeram suas experiências e análises com uma fotografia de tamanho natural da imagem. Mas foi suficiente.

Com a ajuda do VP-8 – diga-se de passagem, orgulho dos norte-americanos –, a imagem foi decomposta em milhões de pontos. Cada ponto, de diâmetro microscópico (um mícron), recebeu três coordenadas. As duas primeiras são as cartesianas, que situam ou localizam o ponto no conjunto do lençol. A terceira corresponde ao grau de intensidade luminosa da imagem de Jesus nesse ponto específico.

Todo esse material, assim codificado, foi fornecido a um computador. Este se encarregou primeiro de individualizar os componentes do tecido: trama e urdidura foram reconstruídas e isoladas do resto. E viu-se, ainda, que eram idênticas às utilizadas na Palestina do século i.

A seguir, o computador passou a ignorar essas imagens e a se concentrar naquelas que eram correspondentes à figura. Dessa forma, as fotografias

resultantes ofereciam uma nitidez insuperável até então.

A experiência, resumindo, abrangeu três partes-chave:

1 - Medição da distância entre o corpo e o Sudário.
2 - Cálculo da intensidade da imagem.
3 - Comparação da distância entre o corpo e o tecido com a intensidade da imagem em diversos lugares do Sudário.

Para a primeira questão – como saber que distância podia haver entre o lençol e o corpo de Jesus? –, os homens da Nasa reconstruíram a configuração do sepultamento, conforme sugeria o próprio linho. E é lógico que conseguiram.

Para isso, cobriram um voluntário de altura e proporções similares às do Cristo com um tecido semelhante ao utilizado por José de Arimateia. Sobre o corpo desse voluntário foram traçadas, com extremo cuidado, as feridas e sinais que aparecem no Sudário.

"Uma de nossas maiores preocupações", explicaram os cientistas, "foi posicionar com a máxima exatidão o tecido sobre o corpo do voluntário. Tínhamos de assegurar que todas as características e traços da imagem se situassem sobre a parte correspondente do corpo. Depois, obtivemos duas fotografias: uma, com o tecido em posição, e a outra, sem ele.

"A seguir, com base nessas fotografias, preparamos um desenho similar ao corpo. Utilizando esse desenho, seria um procedimento simples medir a distância entre corpo e tecido, com base na linha de dobras do modelo do sudário."

Para a segunda fase, ou seja, a medição da intensidade da imagem que vemos no Sudário, os técnicos empregaram um aparelho chamado microdensitômetro. Dessa forma, examinaram as marcas ao longo do trajeto da "linha de dobras". Essa "linha" indica os pontos mais altos de contato do corpo com o lençol.

"Por último", concluíram os caubóis, com grande satisfação, "representamos graficamente a intensidade da imagem em relação à distância entre sudário e corpo e estabelecemos uma relação entre os dois. Logo, é evidente que a imagem existente no Sudário de Turim deve ser equivalente a uma superfície tridimensional do corpo de Jesus."

Essa afirmação tem enorme importância. Como sabem os profissionais e amantes da fotografia, as imagens fotográficas comuns não podem se transformar em relevos tridimensionais verdadeiros. O processo fotográfico não faz que os objetos filmados sejam expostos pela luz em relação inversa à distância da câmera. Portanto, não se registra informação tridimensional na película.

Mas os norte-americanos, dispostos a tudo, submeteram ao VP-8 duas fotografias de outros quadros famosos (cópias da imagem do Sudário de Turim).

Todos os que trabalhavam nesse projeto sabiam que nenhum falsificador poderia ter codificado, em pleno século i, a informação necessária para conseguir essa imagem tridimensional. Não fazia sentido.

E os resultados sobre as cópias foram absolutamente negativos. O retrato de Cussetti apresentava, uma vez submetido ao analisador, uma clara distorção. Por sua vez, o do pintor Reffo se mostrou igualmente desarranjado. O rosto ficou afundado, e toda a composição, claramente plana.

Se a ansiada tridimensionalidade não havia sido obtida por dois reconhecidos artistas do século xx, como aceitar que algum pintor ou "mago" dos primeiros séculos de nossa era tivesse conseguido?

E, assim, nasceu o grande desafio à tecnologia espacial. Como e por quem pode ter sido "colocada" essa misteriosa imagem tridimensional, e em negativo, de um corpo humano sobre um tecido de linho, em pleno século i?

Isso assombrou e animou os cientistas de Pasadena. Aquele sudário realmente era algo fora de série. Haviam demonstrado – e era evidente – que a imagem contida em um linho de dois mil anos estava em negativo e também que – como as fotografias posteriores acabaram de esclarecer – essas marcas, de um cadáver, eram tridimensionais.

Pessoalmente, eu precisei de semanas para começar a assimilar o problema. Mas meus circuitos cerebrais deram um pulo quando, ainda por cima, os homens do Laboratório de Propulsão de Pasadena e os capitães e técnicos da Academia das Forças Aéreas de Colorado Springs afirmaram publicamente – e provaram, claro – que essa imagem do "homem do sudário" não poderia ter se formado por contato.

Isso já era demais. E, naturalmente, metade do mundo se fez a mesma pergunta: se as marcas que todos conhecemos não foram formadas por contato, como diabos estavam ali?

Por pura lógica, a primeira coisa que nos ocorre é que o tecido ficou manchado com sangue, suor ou outros elementos químicos e orgânicos. Mas não. Segundo os homens da Nasa, essa ideia do contato deve ser absoluta e definitivamente descartada. Não houve contato direto, e sim uma radiação ou energia desconhecida para nós que chamuscou (*scorched*, como disseram os caubóis americanos) o lençol, e uniformemente.

"E isso porque", explicam, "se o mecanismo tivesse se produzido por contato direto, a imagem em relevo criada pelo analisador de imagem (VP-8) apareceria aplainada na parte superior, onde as áreas de contato teriam a mesma elevação vertical."

Como base dessa afirmação, mostraram uma infinidade de cálculos matemáticos e físicos que haviam desenvolvido durante três anos e que nem me

atrevo a sintetizar, dada minha notória nulidade no mundo da matemática.

A revolucionária hipótese dos norte-americanos coincidia, entretanto, com as observações apontadas pelo médico inglês David Willis, que foi um dos poucos que tiveram permissão da Igreja para contemplar ao vivo o lençol de Turim em 22 de novembro de 1973.

Com base naquela observação *in loco*, o doutor escreveu: "Um detalhe que notei ao ver o lençol foi a importância que adquire a cor de seus chamuscados ao compará-la com a cor da imagem do corpo: ambas se apagam imperceptivelmente na porção de lençol que as cerca". (Como se sabe, o Sudário foi afetado, ao longo de sua peregrinação de vários séculos, por incêndios que chegaram a derreter parte da urna de prata em que está guardado, chamuscando uma parte do linho.)

E a pergunta-chave – apesar de minhas constantes tentativas de evitá-la – tornava a surgir diante de mim, como se fosse uma brincadeira: "Então, como aquele sudário se chamuscou?" E eu, mais uma vez, a evitei. E me distraí com outros assuntos. Por exemplo, com os inegáveis restos de sangue que qualquer um pode notar no tecido. Se os cientistas afirmavam que as marcas não se deviam a um contato direto, o que as claríssimas feridas e trilhas de sangue faziam ali?

Investigando um pouco mais sobre isso, pude perceber que as manchas de sangue não tinham nada a ver com as demais marcas do corpo do Nazareno. Vou explicar.

Quando observamos atentamente as feridas e manchas de sangue, chegamos a uma conclusão surpreendente: enquanto as marcas do corpo formam um negativo fotográfico – como já explicamos –, as manchas de sangue são impressões diretas por contato. Ou seja, são positivas, do ponto de vista óptico.

Meu cérebro tornou a desfalecer.

Além disso, os hematologistas mais eminentes haviam dito categoricamente que não havia restos orgânicos de sangue ali. "Aquilo" tinha sido sangue. Era evidente. Mas já não havia o menor vestígio químico ou orgânico que pudesse provar isso.

Era de enlouquecer.

Alguns médicos que consultei me forneceram outro dado espantoso. É sempre praticamente impossível descolar um único coágulo de sangue de um pedaço de pano sem estragar a marca deixada por ele. Então, como esses sinais haviam permanecido absolutamente nítidos no linho de Turim? Depois de mais de 30 horas em que o sangue coagulado esteve materialmente colado ao Sudário, como era possível que os dois fios de sangue no dorso da mão esquerda e aqueles nos antebraços, a grande mancha do flanco direito, os coágulos e marcas sobre as

sobrancelhas, cabelos etc. tenham ficado intactos?

Embora soubéssemos que tudo isso tinha sido obtido depois de a metade frontal do Sudário haver sido levantada, restava ainda a metade dorsal, com seus meandros na região occipital, o sangue do plexo solar, os dois fios que se cruzam ao longo da cintura. E, se isso não bastasse, como explicar que os sinais registrados nas costas não tenham formato achatado? Jesus, segundo os estudos médicos, pesava uns 80 quilos. Deitado de costas, por maior que fosse a rigidez cadavérica dos músculos, aquele corpo tinha de gravitar sobre o lençol abaixo dele com uma pressão que deveria se acusar em uma marca. A diferença em relação à impressão frontal deveria ter sido mais que notável.

No entanto – ah, que surpreendente! –, os vários músculos dorsais não estão esmagados sobre o lençol. As marcas são uniformes. Levíssimas. Tênues e quase apagadas. Como explicar essa uniformidade de impressão, tanto na parte superior quanto na inferior?

"Na realidade", segundo as opiniões da Comissão de especialistas de Turim, "é como se o cadáver tivesse desaparecido ou evaporado."

Era como se aquele corpo houvesse se afastado do tecido da mesma forma como um raio de luz atravessa o vidro: não desmanchou os coágulos nem deformou as imagens. E era lógico suspeitar que aquele lençol, depois de 36 horas, estivesse materialmente colado ao corpo.

Mas meu desejo de encontrar uma explicação lógica e razoável continuava sendo frustrado. E aquela pergunta tornava a se materializar: "Uma misteriosa radiação. Mas como?" Como aceitar que um corpo morto, cerca de 36 horas sem vida, pôde emitir (?) uma energia ou radiação? Como? O sepulcro, aliás, no instante da radiação devia estar na mais absoluta escuridão.

O renomado arquiteto italiano Nicola Mosso fez um interessante relatório sobre esse trecho. E afirma: "O 'homem do sudário', no instante em que ficou impresso no tecido – e misteriosamente em negativo –, encontrava-se em escuridão absoluta. De fato, não se observa, em nenhuma das duas figuras, traço algum de sombras diretas ou indiretas, projetadas por algum foco luminoso externo".

Então, se não havia uma fonte externa de luz, onde localizar esse inegável foco de energia, radiação, calor ou o que quer que seja? Só resta um caminho, pelo menos por enquanto: a radiação tem de haver partido de dentro do corpo.

E chegam os homens de Pasadena e arrematam: "Essa radiação, que é desconhecida para a ciência, deve ter sido igual em todos os pontos do corpo. Só assim seria possível deixar, com a mesma intensidade luminosa, marcas de partes tão diferentes e distantes, como a nuca e os pés. E essa energia só pode ter partido de dentro do corpo. Senão, como explicar que as costas e o peito, por

exemplo, tenham recebido a radiação de forma idêntica e com a mesma força? Mais claramente: todo o corpo do Nazareno foi foco dela".

Perante o espanto e – por que esconder? – irritação dos hipercríticos e agnósticos, os cientistas da Nasa concluem: "É bem possível que no instante – talvez um décimo de segundo – da emissão dessa força ou radiação, o corpo do 'homem do sudário' tenha permanecido fulgurante e imune à gravidade".

Isso quer dizer que o Nazareno havia levitado no momento da radiação. Como entender isso? Terá sido esse, então, o instante preciso que se qualificou como ressurreição? Pode ter sido essa enigmática e formidável radiação emitida pelo cadáver que jogou longe a grande pedra redonda que selava o sepulcro?

O caráter infinitesimal do momento da emanação (?) da radiação foi demonstrado também no final de 1978, no congresso realizado pelos especialistas e cientistas em Turim.

Finalmente, uma legião de estudiosos pôde analisar o lençol original, submetendo-o a centenas de testes e investigações. E uma dessas experiên- cias demonstrou que a radiação só havia chamuscado uma das faces do Sudário, e de forma totalmente superficial. Como quando nossas bisavós se esqueciam de retirar os velhos ferros de passar de cima das roupas, e apareciam os típicos chamuscados.

São investigações – diga-se de passagem – que em breve lançarão nova luz sobre esse mistério fascinante.

Embora os cientistas não tenham encontrado ainda a explicação dessa fortíssima radiação dentro de uma cova hermeticamente fechada, não parecem discordar da possibilidade real de que um corpo – por procedimentos que ainda desconhecemos – desapareça materialmente e reapareça mais tarde. Independente da fé religiosa e da intenção espiritual da Ressurreição, tal fenômeno, insisto, é cientificamente possível. A transferência da matéria de um ponto a outro é possível por meio de sua desintegração, com a transformação da massa em energia.

Foram feitas experiências desse tipo com reações nucleares, e as radiações emitidas pelo bombardeio atômico deixaram impressas imagens muito similares às do Sudário de Turim. Naturalmente, se admitimos a realidade dessa radiação, como provaram os especialistas da Nasa, podemos imaginar também que a presença de tamanha energia ou força desconhecida pode ter alterado os restos orgânicos e químicos do sangue, sem modificar em nada a forma das marcas de sangue, de feridas etc. que já estavam impressas no lençol. O sangue havia perdido sua natureza, mas continuava gravado no linho.

Com a demonstração científica de que a imagem do Sudário de Turim não surgiu por contato, o que eu poderia pensar das diversas teorias atualmente em

vigor pelo mundo que tentam “descafeinar” o fato físico da Ressurreição? Vou resumir algumas dessas hipóteses, e o próprio leitor julgará o que considera mais plausível:

1 - A Ressurreição é objeto de fé, e, portanto, está fora da História. Não vamos falar dela.
2 - Os discípulos sofreram uma alucinação.
3 - As aparições do Ressuscitado são visões.
4 - A Ressurreição não é mais que o querigma: esqueçam a tumba vazia.
5 - Uma ressurreição é um mito trans-histórico: a História não tem nada a ver com isso.
6 - A ressurreição de Cristo é uma interpretação subjetiva.
7 - Cristo é a Palavra. Anunciá-la é a Ressurreição.

Para mim, assim como para todos aqueles que começaram a mergulhar nessas investigações sobre o Nazareno, algo se distinguia com clareza no horizonte: dentro daquele sepulcro judeu, há dois mil anos, havia se registrado um acontecimento que jamais se repetiu em toda a história da humanidade. Alguém com um poder pouco comum havia ressuscitado fisicamente, no mais literal dos sentidos. E agora, com a chegada do homem aos primeiros astros de nosso sistema solar, começamos a dispor de dados e provas científicas para corroborar isso.

O trágico é que, durante quase 20 séculos, poucos se deram conta disso e – o que é mais importante – ninguém pôde prová-lo à luz da ciência ou da razão. E a essa situação – incerta para os que careciam de fé – somaram-se ainda erros tão lamentáveis como as péssimas traduções dos Livros Sagrados que nos foram legadas.

Temos ainda hoje as desastrosas transcrições de alguns parágrafos dos Evangelhos, que fazem alusão, justamente, à ressurreição de Jesus de Nazaré. São erros que, como veremos no próximo capítulo, involuntariamente, claro, nos mantiveram em uma triste escuridão.

9. Uma péssima tradução

Os jornalistas conhecem muito bem esta situação. Às vezes chega uma primeira notícia à redação do jornal ou à emissora de rádio ou TV e, pouco depois, quando o repórter vai ao local dos fatos ou entrevista os envolvidos, tudo muda. Aquela notícia ou rumor inicial que havia circulado pela comunidade estava deturpada. Ou tratava-se de uma "barriga", para usar o jargão jornalístico.

O próprio profissional dos meios de comunicação comete um bom número de erros desse tipo ao longo da vida. No rastreamento e posterior registro de qualquer informação, do tipo que for, o jornalista pode se enganar. Poderíamos dar centenas de exemplos.

Essas deturpações totais ou parciais dos fatos podem se dever a mil razões: desde a má vontade ou ignorância das testemunhas e protagonistas, até interesses econômicos, políticos, militares ou particulares de poucos ou de todos. Pode ser também o simples fato de o ocorrido ter se dado durante o dia ou à noite, de o repórter estar ou não presente no instante da notícia, de uma palavra ou uma frase ter sido bem ou mal entendida etc.

Quando o acontecimento, enfim, chega até o cidadão pelas ondas ou pela letra impressa, a realidade pode ter passado por tal mutilação que nem os que a provocaram ou protagonizaram a reconheceriam. E se, ainda por cima, posteriormente essa informação for traduzida para outros idiomas, o desastre pode ser total.

Eu me pergunto: se vivemos essas coisas hoje, em plena era tecnológica, quando se podem transmitir ou observar fatos no momento em que acontecem, que terá acontecido em outros séculos, quando a maior parte das notícias circulava graças à transmissão oral, atingindo os confins do mundo anos depois de terem se produzido?

E esse é o lamentável caso ocorrido com o Evangelho de São João, vítima de uma tradução ruim e de uma transcrição não menos infeliz. Eu deparei com o fato por puro acaso, como acho que aconteceu com outros pesquisadores. Ou

será que o acaso não existe?

Desde criança, sempre li e ouvi dizer que os apóstolos, ao correr para o sepulcro, o haviam encontrado vazio, e as faixas pelo chão. Durante muitos anos – praticamente até agora – esse detalhe das faixas pelo chão havia me parecido normal. Quase lógico. Se Jesus de Nazaré havia se levantado do túmulo e ressuscitado, era normal que as faixas tivessem ficado por ali, ignoradas. Em minha ingenuidade infantil, sempre tive por certo que Jesus havia voltado à vida completamente vestido e, possivelmente, com uma túnica nova. A ocasião, pelo menos, merecia isso. Em minha casa, ensinaram-me a relacionar as grandes festas e solenidades com uma roupa ou um simples par de sapatos novos.

Mas vamos direto ao ponto.

A tradução literal de um parágrafo do Evangelho de São João (capítulo 20) diz assim:

"No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de Jesus, bem cedo, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra havia sido retirada do túmulo. Então ela correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, aquele a quem Jesus amava, e lhes disse: 'Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o colocaram!'.

Saíram Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro. Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Olhando para dentro, viu as faixas de linho no chão, mas não entrou. Chegou também Simão Pedro, que vinha correndo atrás, e entrou no sepulcro. Viu as faixas de linho caídas no chão e o pano que estivera sobre a cabeça de Jesus. Ele não estava como as faixas, mas enrolado em um lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, que havia chegado primeiro ao sepulcro. Ele viu, e acreditou. De fato, eles ainda não haviam compreendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos. Os discípulos, então, voltaram para casa."

Até aqui, repito, é a versão comumente aceita, que hoje continua sendo lida em público e em particular. Mas, quando se consulta o chamado *Codex Alexandrinus*, que data do século v ou talvez do final do iv, que pode ser admirado no Museu Britânico, em Londres, verifica-se que a versão não é a mesma.

Eis o texto integral e literal do parágrafo em questão (João, 20:3-8), conforme mencionado no *Codex*:

"Saíram, então, Pedro e o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro. Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo se adiantou mais rapidamente que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Ao se agachar, viu os lenços estendidos. Mas não entrou. Em seguida, chegou Simão Pedro, que entrou no sepulcro e contemplou

os lenços estendidos e o sudário que estivera sobre a cabeça d'Ele, não igual aos lenços, estendidos, mas, ao contrário, enrolado em seu devido lugar. Então, em seguida, entrou também o outro discípulo, que havia chegado primeiro ao sepulcro. e viu e acreditou."

As nuances das palavras, neste caso, são de extrema importância. Conforme foi escrita no *Codex Alexandrinus,* a palavra grega *othonia* significa "lenços", e não faixas, como veio sendo traduzida. E Jerônimo a traduziu assim na versão Vulgata.

Então, por essas coisas da vida, hoje temos "nossa" própria versão.

São Lucas também teve suas emendas. No capítulo 24, versículo 12, a palavra "lenços" é traduzida por "faixas". Mas vamos prosseguir com São João.

Fica claro, consultando esse *Codex*, que a palavra "lenços" fazia referência a uma peça inteira, ou lençol. Quando o "repórter" João quer falar de "vendas" ou "faixas" – como é o caso da ressurreição de Lázaro (João, 11:44) –, utiliza sempre a palavra grega própria: *keirai*.

Esclarecido o primeiro tropeço dos tradutores, vamos prosseguir. Nas versões atuais, "as faixas estavam pelo chão".

Nada disso. O *Codex Alexandrinus* repete por duas vezes que os "lenços estavam estendidos". E, para isso, utiliza-se o termo grego adequado: *keimena*. Esse verbo, segundo o magistral estudo de P. M. Balagué, significa primariamente jazer, estar estendido, sentado, na horizontal, adormecido, depositado. Também se aplica a uma coisa plana por oposição a uma elevada, ereta. E também do mar calmo em oposição ao mar agitado.

Em outras palavras, tanto João quanto Simão Pedro viram os lenços estendidos, jacentes, caídos, planos. E esses detalhes têm uma importância muito especial, porque, além de serem verdadeiros, foram recentemente ratificados pelos cientistas que trabalham na Nasa.

Se o lençol ou sudário estava estendido e plano, e se horas antes apresentava um aspecto volumoso, envolvendo o corpo do Nazareno, era mais que compreensível o espanto dos discípulos: o corpo havia "volatizado".

Imagino que nem Pedro nem João teriam "acreditado" ao entrar na câmara funerária se as faixas – como foi traduzido – estivessem apenas espalhadas pelo chão. Não que os discípulos fossem sábios – suponho –, mas também não deviam ser tolos.

Se o amigo João tivesse visto os lenços jogados pelo chão, em vez de acreditar em algo milagroso ou sobrenatural – não seria lógico que pensasse na Ressurreição nesse momento –, teria "acreditado" que alguém havia se apoderado do corpo do Mestre.

Elementar...

Parece, porém, que alguns “pais” latinos da Igreja – entre os quais se encontrava Santo Agostinho – não tinham muita fluência no grego. E aí temos essa lamentável tradução para provar.

O que havia acontecido no sepulcro para que o lençol de linho aparecesse esticado, “vazio”? Se o “homem do sudário” não estivesse morto – coisa impossível e já provada suficientemente –, e depois dessas 36 horas houvesse voltado à consciência, a primeira coisa que teria feito, imagino, teria sido tirar o lençol de cima. E caso – supondo – houvesse conseguido se levantar, ido até a saída, empurrado os mil quilos da pedra da porta, aterrorizado os soldados e escapado, o lençol realmente teria ficado caído de qualquer jeito no chão da gruta.

Mas não. As duas testemunhas afirmam que o sudário estava estendido. Misteriosamente “vazio”. A parte superior do lençol “havia baixado” com o desaparecimento do corpo sobre o qual repousava.

Mas o desaforo dos tradutores não acaba aí. Uma parte da notícia transmitida no *Codex Alexandrinus* também não ficou muito bem explicada.

Simão Pedro chegou depois ao sepulcro. E diz o *Codex* que ele “contemplou os lenços estendidos e o sudário que estivera sobre a cabeça d’Ele, não igual aos lenços, estendidos, mas, ao contrário, enrolado em seu devido lugar”.

Qualquer semelhança, como se vê, com a transcrição moderna é mera coincidência.

Já o bondoso Pedro não viu as faixas jogadas, nem o sudário enrolado em outro lugar. O que viu foi muito diferente. E justamente aquilo tão insólito que diz ter visto foi o que logicamente pode tê-lo feito acreditar.

E voltamos à questão de antes. Como dizem os italianos: *traduttore, traditore*.

Vamos analisar com lupa essas frases do *Codex*. Para começar, hoje entendemos por sudário toda mortalha que costuma cobrir os cadáveres. Mas na época não tinha esse sentido. A palavra utilizada pelo evangelista – *Soudarion* – não é grega, e sim latina. (Hoje, as “colonizações” modernas nos trazem a Coca-Colas. Já os romanos traziam o latim...) E o sudário não era mais que um xale ou lenço para secar o suor. Uma peça de uso comum em uma terra como a Palestina, onde o calor é severo. Ainda mais no deserto.

Esse sudário – “que estivera sobre a cabeça d’Ele” – foi detectado agora pelo famoso VP-8 da Nasa e, de fato, deve ter segurado a mandíbula do Nazareno, fechando assim sua boca. Mas esse lenço, ou sudário – dizem os discípulos –, não estava como o lençol, esticado ou “vazio”, e sim enrolado em seu devido lugar.

É obvio que para segurar a mandíbula – e com o máximo de firmeza – era preciso enrolar a cabeça. O estranho, que também devem ter deixado confusos os

circuitos cerebrais de Simão Pedro e de João, era que o citado lenço estivesse onde sempre estivera antes do desaparecimento do Mestre: em seu lugar e debaixo da parte superior do lençol, conservando, inclusive, a posição que a cabeça de Jesus havia mantido.

Aquilo tornava ainda mais evidente a “evaporação” do cadáver. Era como se alguém tivesse absorvido o corpo com uma seringa. Esse “espetáculo” que os discípulos viram ao entrar na gruta – e não o que nos ofereceram os tradutores – era realmente para acreditar ou enlouquecer.

Em vista de tudo isso, voltaram as velhas dúvidas ao meu coração. Quantas passagens mais do Antigo e do Novo Testamento foram mal traduzidas ou mal interpretadas por tradutores e teólogos? Quantos fatos da vida de Jesus de Nazaré podem ter ocorrido de forma diferente da que hoje conhecemos? Sua mensagem foi traduzida ou transcrita para nossos dias e idiomas modernos com absoluta e total fidelidade?

E uma última e instigante incógnita: além dos apóstolos, quem colaborou com Jesus no grande plano da redenção da humanidade?

Essa pergunta abre a segunda parte desta “reportagem” sobre o Ungido.

Segunda parte

Agora, quem sabe, poderemos começar a entendê-lo

Quando decidimos deixar de acreditar em algo em que até este momento acreditamos, percebemos, de repente, não só as razões que havia para não acreditar, mas também que essas razões estavam constantemente diante de nossos olhos.

GEORGE BERNARD SHAW

Talvez eu esteja enganado. Ou, talvez, ainda não suficientemente preparado. Talvez eu ainda abrigue no fundo de meu código genético o que Freud descreveu como “condicionamentos de natureza familiar, econômica, cultural e religiosa”. Talvez eu ainda não tenha conseguido arrancar de meu espírito o “totem” do convencionalismo. Não sei.

E talvez por tudo isso eu tenha sentido certo medo ao iniciar esta segunda parte da “reportagem” sobre Jesus de Nazaré. Medo, acima de tudo, não do ridículo, mas sim da possibilidade de semear confusão. Não é essa minha vontade, ao contrário. Se há algo que pretendo é procurar a Verdade, me aproximar dela, descobri-la.

E uma força que não consigo descrever, mas que se apoderou de mim, está me levando faz tempo a tornar públicas essas ideias e meditações. Uma força infinitamente maior que meu medo.

Ao contrário do que acontece com as experiências da Nasa sobre o Sudário de Turim, ninguém deve considerar os estudos que agora exponho como algo provado ou dogmático. No máximo, como uma linda possibilidade. Como o fruto de milhares de quilômetros e horas de pesquisa pessoal. Como a sombra de meus pensamentos e de meus desejos.

Talvez hoje, nos primeiros passos da conquista do sistema solar, estejamos começando a entender o que até agora foi só mistério.

1. Uma análise da chamada “estrela” de Belém

Quando se leem os Evangelhos, fica evidente – está escrito – que Jesus de Nazaré esteve ligado, desde antes do nascimento, a fatos milagrosos, sobrenaturais ou, no mínimo, misteriosos. Talvez o primeiro e mais tangível tenha acontecido com sua chegada a este mundo.

Mas vamos nos ater estritamente ao que foi escrito pelos evangelistas Mateus e Lucas. Diz o primeiro: “E tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, nos tempos do rei Herodes, eis que uns magos que vinham do Oriente se apresentaram em Jerusalém, dizendo: ‘Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Pois vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo’”.

E o capítulo 2 prossegue, mais adiante: “Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera. E, enviando-os a Belém, disse: ‘Ide, e perguntai diligentemente pelo menino. Quando o achardes, avisai-mo, para que também eu vá adorá-lo’. Tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que finalmente se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, regozijaram-se com grande alegria”.

Por sua vez, o evangelista Lucas nos conta em seu capítulo 2: “Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor os cercou de resplendor. Eles tiveram grande temor. Mas o anjo lhes disse: ‘Não temais, porque eis que aqui vos trago novas de grande alegria, que serão para todo o povo. Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto lhes servirá de sinal: achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura’. No mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: ‘Glória a Deus nas alturas e paz na terra entre os homens que ele ama’. E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros:

‘Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber’”.

Durante séculos, a estrela que São Mateus menciona passou quase despercebida sob o prisma astronômico. Todo mundo, durante dois mil anos, aceitou de bom grado a realidade dessa estrela. Mas poucos tentaram encontrar uma explicação científica, supondo que houvesse uma. A estrela de Belém foi e é um fato absoluta e geralmente aceito.

Mas, conforme vamos nos aproximando dos sóis que formam nossa galáxia – por conta da escalada espacial –, os pesquisadores e astrofísicos se perguntam: “Como uma estrela – um sol, definitivamente – pode ter guiado alguns magos? Como podia ir à frente deles e, especialmente, como parou em cima do lugar onde estava o Menino”?

Antes de chegar a uma possível conclusão, vamos examinar, uma por uma, todas as possibilidades de um ponto de vista racional e consequente.

A “estrela” de Belém era uma estrela (um sol)?

Hoje sabemos que as estrelas – consideradas do ponto de vista astronômico – são sóis parecidos com o nosso. São definitivamente grandes condensações de matéria que emitem luz por conta de sua elevada temperatura. Parece que a maior parte da matéria que constitui o universo se concentra nelas, mas esse ponto ainda provoca discussão.

É evidente que as estrelas não emitem somente luz visível, mas também todo tipo de radiação: desde ondas de rádio até raios X.

Mas vamos ao que interessa. A astronomia estabelece, hoje, que o tamanho das diversas estrelas pode oscilar entre poucos quilômetros e mil vezes o do nosso Sol. Ou seja, uns 700 milhões de quilômetros. Sabemos também, em especial a partir de 1937 com os trabalhos de Bethe e de Von Weizsacker, que os processos que mantêm as estrelas como objetos luminosos durante bilhões de anos não passam de reações termonucleares de fusão entre elementos químicos diferentes.

Isso explica também a alta temperatura delas. O Sol que nos ilumina e sustenta, por exemplo, atinge em sua coroa (área externa imediata à superfície) temperaturas de até um milhão de graus. E nosso Sol, como diz a astronomia, é uma simples estrela de tipo médio.

É absurdo, do ponto de vista científico, pensar que uma dessas estrelas ou sóis pode ter se aproximado não só do nosso planeta, mas do próprio sistema solar que constitui nossa “região” sideral. Se, dos 100 bilhões de estrelas que formam

nossa galáxia, qualquer uma delas tivesse abandonado sua posição inicial para chegar até Belém, a intrusa teria desencadeado um desastre cósmico apocalíptico muito antes de divisar nosso sistema planetário. E, logicamente, Belém e o resto do planeta teriam, quem sabe, até desaparecido do mapa celeste.

Basta olhar hoje para o firmamento para saber que a estrela – ou sol – mais próxima a nós, algo como nosso vizinho de porta, está a pouco mais de 4 anos-luz de distância. Esse vizinho – Alfa Centauro –, supondo que tivesse conseguido chegar ao nosso mundo, teria levado, viajando à velocidade da luz (300.000 quilômetros por segundo), um total de quatro anos. E, segundo os mapas de todos os astrônomos, o vizinho de porta não saiu do lugar desde que o homem teve a possibilidade de olhar para as estrelas.

É verdade que Deus pode fazer tudo. Inclusive que um sol de milhões de quilômetros de diâmetro e altíssimas temperaturas cruze os espaços e guie alguns magos do Oriente. Porém, algo me diz que Deus deve ser bem mais sensato.

Pode ter sido um cometa?

Depois de verificarmos a impossibilidade de a estrela de Belém ser um sol, resta-nos também a hipótese de que aquilo se tratasse, na realidade, de um cometa. Em nossas árvores de Natal e presépios, quase sempre representamos essa estrela com uma longa cauda.

Mas o que dizem os astrônomos? Quem estuda o firmamento sabe que um cometa, quando ainda se encontra muito afastado do Sol (nas proximidades de Plutão ou mais longe), é constituído simplesmente por um agregado de corpos rochosos – o chamado núcleo –, cuja estrutura ainda não se conhece com certeza.

Quando esse núcleo se aproxima do nosso Sol, a energia solar faz que se desprendam dele gases e pequenas partículas sólidas, que ficam gravitando a sua volta e dão lugar à chamada “cabeleira” do cometa. Ao chegar à órbita de Júpiter, essa “cabeleira” se desenvolve amplamente e, em algumas ocasiões, atinge uma extensão superior a 150.000 quilômetros.

A uma distância do Sol de duas unidades astronômicas (uns 300 milhões de quilômetros), da cabeleira do cometa surge e se desenrola uma estreita cauda, também derivada da matéria do núcleo. Ela se estende em direção oposta ao Sol, ao longo de vários milhões de quilômetros.

O que isso quer dizer? Simplesmente que a existência de um cometa, por

menor que seja, traz implícitas dimensões gigantescas, totalmente diferentes das características descritas por São Mateus no Evangelho para a famosa estrela de Belém.

E devemos acrescentar, evidentemente, que nenhum cometa entra na atmosfera terrestre sem provocar sua autodestruição, além de uma infinidade de sérias perturbações. Temos o exemplo do cometa Halley, que em sua passagem por aqui em 1911 “tocou” as últimas camadas da atmosfera com sua cauda e provocou um histerismo mundial.

Se a estrela de Belém fosse um cometa, sua proximidade do mundo teria sido relatada pela maioria dos povos. Sua passagem constaria hoje dos anais da História. Mas não consta. As únicas referências históricas à presença de cometas nas épocas imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Jesus de Nazaré são as seguintes:

Após o assassinato de César, pouco depois dos idos[8] do mês de março de 44 a.C., apareceu um brilhante cometa. No ano 17 de nossa era, surgiu outro também, de repente, com uma magnífica cauda, que nos países mediterrâneos pôde ser vista durante uma noite inteira. O seguinte em importância – pelo menos ao que consta historicamente – foi visto no ano 66, pouco antes do suicídio de Nero.

Nesse ínterim, houve um relato de muita precisão dos astrônomos chineses. Na enciclopédia *Wen-hien-thung-khao*, do sábio Ma Tuan-lin, conta-se o seguinte sobre essa aparição: “Nos primeiros anos do (imperador) Yuen-yen, no sétimo mês, dia Sin-uei (25 de agosto), foi visto um cometa na parte do céu Tung-tsing (perto de Mu, da constelação de Gêmeos). Deslocou-se sobre os U-Tschui-Heu (Gêmeos), saiu por entre Ho-su (constelações Castor e Pólux) e empreendeu seu curso para o norte, entrando no grupo Hienyuen (Cabeça do Leão) e na casa Thaiouei (Cauda do Leão). No 56 o dia desapareceu no Dragão Azul (Constelação de Escorpião). No total, o cometa foi observado durante 63 dias.”

O detalhado relato da antiga China contém – segundo se pôde averiguar em tempos modernos – a primeira descrição do célebre cometa Halley, o vistoso astro que passa pelas proximidades do Sol a cada 76 anos e que foi efetivamente visto da Terra. A última vez que surgiu, como relatei anteriormente, foi de 1909 a 1911, e voltaria em 1986.

No entanto, os cometas, embora tenham um caráter cíclico como o Halley e dimensões tão consideráveis, nem sempre são vistos no mundo todo. Assim, em 12 a.C., o Halley constituiu um acontecimento celeste e ficou visível com detalhes. Mas nem nos países do Mediterrâneo, nem na Mesopotâmia, nem no Egito se fez menção, naquela época, a um corpo sideral tão luminoso e impressionante.

Contudo, para o mundo do esoterismo, pode ser importante – talvez até transcendental e altamente significativo – que esse formidável Halley tenha passado sobre nosso mundo pouco antes do nascimento de Jesus.

Para concluir este tópico, vamos fazer uma nova pergunta: que cometa poderia guiar os magos, desaparecer por completo do firmamento ao chegar à cidade de Jerusalém e, pouco depois, quando esses magos retomaram a viagem para a aldeia de Belém, aparecer de novo para a caravana, indicando-lhes o rumo? E, como filigrana cósmica final, o cometa parou acima do lugar onde estava o Menino.

É um pouco demais para um cometa...

Os magos teriam visto um meteoro ou um meteorito?

Essa tentativa de explicação razoável para a estrela que viram e seguiram os magos chegados do Oriente nos parece mais descabida até que as anteriores. Os meteoros – reza a ciência – são minúsculas partículas, do tamanho de uma cabeça de alfinete, metálicas ou pétreas, que só são visíveis quando entram na atmosfera terrestre, à velocidade de algumas dezenas de milhares de quilômetros por hora. O calor gerado no atrito com a atmosfera os deixa incandescentes, e eles deixam no céu noturno esses rastros luminosos tão conhecidos pelo nome de estrelas cadentes.

Já os meteoritos atingem às vezes dimensões de alguns metros e, portanto, são sempre suficientemente grandes para não se consumirem por completo durante a queda. Quando um meteoro entra na atmosfera terrestre, tem a mesma velocidade que um corpo em órbita em volta do Sol, a uma distância igual à da Terra. Essa velocidade depende do tipo de órbita. Para as circulares – como a terrestre –, é de 30 quilômetros por segundo. Se for uma órbita parabólica, a velocidade de queda do meteoro ou meteorito será de 42 quilômetros por segundo. Para que entendamos melhor: esses meteoros que vemos rasgar, com sua luz, as noites de verão caem à incrível velocidade de 150.000 quilômetros por hora!

Naturalmente, a visão dessa queda dura apenas alguns segundos ou décimos de segundo. E, se o meteorito tiver dimensões consideráveis, o assunto fica ainda mais complicado. A essa velocidade alucinante de queda devemos somar seu peso, às vezes de até um milhão de toneladas. É mundialmente famoso, por exemplo, aquele que caiu em 12 de fevereiro de 1947 na Sibéria Oriental. O meteorito se fracionou no ar em milhões de pedaços que caíram como uma

chuva de ferro. Uma área de um quilômetro quadrado ficou coberta de buracos e crateras, a maior com 27 metros de diâmetro.

É bastante conhecida também a cratera meteórica do Estado do Arizona, nos Estados Unidos. Esta tem 1.250 metros de diâmetro e 170 metros de profundidade. Estima-se que a quantidade total de fragmentos encontrados em volta da cratera pese, aproximadamente, 12 mil toneladas. E poderíamos continuar enumerando outros casos.

É evidente que nenhum meteoro ou meteorito poderia ter mantido um trajeto horizontal, guiando uma caravana e, ainda por cima, parando sobre um estábulo.

A “estrela” de Belém pode ter sido uma nova ou uma supernova?

Imagino que os astrofísicos e especialistas no assunto que leram este trabalho esboçaram um sorriso indulgente. E com razão. Como eu dizia ao apresentar a primeira possibilidade – a de que estivéssemos diante de um sol ou estrela –, não podemos esquecer em nenhum momento que a aproximação de um desses astros gigantes do nosso sistema seria catastrófica. Com mais razão ainda, portanto, se o fenômeno pudesse ser identificado com uma supernova ou uma nova.

Diz a astrofísica do século XX: “As modernas teorias da evolução estelar predizem, para um grande número de estrelas (pelo menos para aquelas cuja massa, ao chegar à sequência principal, superam em mais de quatro vezes a de nosso Sol), uma explosão como etapa final de sua vida. Esse resultado levanta diversos problemas, mas parece dar a chave de um dos fenômenos mais espetaculares estudados pela astronomia: as supernovas.

Uma supernova é uma estrela que sofre um aumento rápido – em poucos dias – e extraordinariamente grande (vários milhões de vezes) de seu brilho, seguido também de uma rápida extinção.

Trata-se de algo relativamente raro. Nos últimos mil anos, por exemplo, em nossa galáxia só se observaram três supernovas. A primeira foi no ano de 1054, sendo estudada pelos astrônomos chineses e japoneses. Os restos dessa explosão constituem a Nebulosa de Câncer, ainda em expansão. A segunda apareceu na constelação de Cassiopeia, em 1572. A terceira, na região de Sagitário, foi observada em 1904. Atualmente, admite-se que, em média, em uma galáxia, apareça uma supernova a cada 30 anos.

Quanto às estrelas denominadas novas, são aparentemente muito semelhantes às supernovas, mas em uma escala muito menor. Sua luminosidade fica de dez mil até cem mil vezes maior do que a inicial. Mas, diferente das supernovas,

constituem um fenômeno que se repete a cada certo número de anos.

Conclusão: nenhuma nova ou supernova pode ter sido registrada dentro de nosso sistema solar. Entre outras razões, porque nessa “região” planetária por onde se move a velha bola azul que chamamos de Terra não há nem houve esse tipo de estrela. A única de que dispomos – e tomara que dure muito tempo – é essa que aparece a cada amanhecer.

Tentar associar a estrela que ia diante dos magos rumo a Belém a uma nova ou supernova é um absurdo. Se a explosão de uma dessas estrelas no firmamento – a bilhões de anos-luz de nosso planeta – alertou os magos e os colocou no caminho, em busca do Rei dos judeus, é outro problema a discutir. Mas prefiro analisar essa hipótese no próximo tópico: o de uma possível conjunção planetária.

Foi uma conjunção planetária?

Eis aqui um debate interessante. Hoje, astronomicamente falando, conhece-se como conjunção o fato de dois planetas se situarem no mesmo grau de longitude. Ou, para ser mais claro, o fato de se aproximarem ou se alinharem tanto entre si que possam parecer uma única estrela de grande luminosidade.

Terá sido isso que os magos viram e que os guiou? Não nos precipitemos, pelo menos por enquanto, na emissão de uma opinião. E vamos começar pelo início.

A história da conjunção planetária esteve na moda no mundo depois da descoberta feita pelo matemático imperial e astrônomo João Kepler. Na noite de 17 de dezembro de 1603, o célebre personagem estava sentado no Hradschin de Praga, sobre o Rio Moldava, e observava com grande atenção a aproximação de dois planetas. Naquela noite, Saturno e Júpiter se encontraram na constelação de Peixes.

Ao recalcular a posição dos planetas, Kepler descobriu um relato do rabino Abravanel que dava pormenores sobre uma extraordinária influência que os astrólogos judeus atribuíam à mesma constelação. “O Messias”, afirmavam, “teria de vir durante uma conjunção de Saturno e Júpiter, na constelação de Peixes.”

E Kepler pensou: “A conjunção ocorrida na época do nascimento do Menino Jesus teria sido a mesma que agora se repete em 1603?”

O astrônomo pegou papel e lápis e fez os cálculos necessários. Resultado: a constatação de uma tripla conjunção em um mesmo ano. E o cálculo astronômico apontou o ano 7 a.C. para esse fenômeno. Segundo as tabelas

astrológicas, deve ter acontecido em 6 a.C. Kepler se decidiu, então, pelo ano 6 e remeteu a concepção de Maria ao ano 7 a.C.

O matemático expôs sua fascinante descoberta em diversos livros e artigos. Mas ele foi vítima de uma crise de misticismo, e, como costuma acontecer nesses casos, suas hipóteses e achados caíram no esquecimento ou foram menosprezados.

Mas chegou o século xx. E, com ele, uma descoberta que continha o mesmo teor do que havia sido dito por Kepler, mas era anterior a ele: em 1925, o erudito alemão P. Schnabel decifrou uns fragmentos cuneiformes procedentes de um célebre Instituto Técnico da antiga Escola de Astrologia de Sippar, na Babilônia. Havia ali uma notícia surpreendente.

Tratava-se da posição dos planetas na constelação de Peixes. Os planetas Júpiter e Saturno estavam cuidadosamente assinalados durante um período de cinco meses. E isso ocorreu – segundo nossos cálculos – no ano 7 antes do nascimento de Jesus de Nazaré.

O achado era tão importante que boa parte da astronomia oficial se concentrou na verificação do cálculo. E, graças aos planetários ultramodernos, ratificou-se – para satisfação de todos, com exceção do já falecido Kepler, claro – que no ano 7 antes de nossa era houve uma conjunção de Júpiter e de Saturno na constelação de Peixes e, como havia calculado o matemático do século xvii, repetiu-se por três vezes. E parece que essa conjunção deve ter sido visível em condições muito favoráveis na região do Mediterrâneo.

Segundo esses cálculos astronômicos modernos, as três conjunções citadas ocorreram nas seguintes datas: em 29 de maio do ano 7 a.C. ocorreu a primeira aproximação dos planetas, tendo ficado visível por duas horas. A segunda conjunção foi registrada em 3 de outubro, aos 18 graus, na constelação de Peixes. Em 4 de dezembro acontecia a terceira e última.

A descoberta astronômica – sem dúvida, importante por si só –, serviu para que muitos estudiosos das Sagradas Escrituras associassem essa tripla conjunção com a estrela de Belém. E contribuiu para isso – e como! – a não menos importante confirmação de que Jesus não nasceu no ano zero de nossa era, como se acreditava, e sim, mais precisamente, entre seis e sete anos antes.

Vamos fazer um parêntese para desenrolar – muito brevemente – esse lapso histórico. A cronologia cristã, introduzida por iniciativa do monge Dionísio, o Exíguo, no século vi, atribui o ano I àquele que se segue imediatamente ao nascimento de Jesus em Belém de Judá. Deixava de lado, assim, as antigas cronologias das Olimpíadas gregas ou da fundação de Roma. E foi mundialmente aceita.

Porém, essa data tem um erro. Dionísio, o Exíguo, se enganou. Todos os

historiadores admitem que Herodes, o Grande, morreu no ano 4 a.C. E Jesus, segundo os Evangelhos, nasceu nos tempos de Herodes, que ainda o perseguiu, para matá-lo. Isso quer dizer que o Nazareno deve ter vindo a este mundo não no começo do ano 1, como dizia o monge Dionísio, mas sim quatro anos antes.

Quanto tempo antes?

O Evangelho (Mateus 2:16) diz que Herodes, com base nas informações dos magos do Oriente, mandou matar os meninos que tinham até dois anos de idade. Isso significa que se deve atrasar o momento do nascimento de Jesus de Belém para um ou dois anos antes da morte do tirano, cruel e astuto Herodes. Exatamente entre os já citados anos menos 6 e menos 7 da atual Era Cristã.

Como uma das bases dessa afirmação, vou citar os dados fornecidos pelo historiador judeu "romanizado" Flávio Josefo sobre a morte de Herodes, o Grande: "Herodes recebeu o reino (cerca de 40 léguas de extensão) dos romanos no ano da Olimpíada grega 184, sendo cônsules Domício Calvino pela segunda vez e Asínio Polião", diz Josefo, que foi contemporâneo dos apóstolos em grande parte da vida (ver seu livro *Antiguidades judaicas*, xiv, 14, 5).

Pois bem, a data inicial das Olimpíadas corresponde ao ano "menos 773" da Era Cristã atual. E o que Flávio Josefo aponta como início do reino de Herodes se relaciona historicamente com o "menos 40" atual. (Sabemos também o ano dos cônsules romanos citados e das Olimpíadas, pela indicação de Flávio: corresponde ao menos 40.)

Como chegamos a isso?

O mesmo historiador judeu nos diz. Depois de fornecer a data do início do reinado, acrescenta a da morte de Herodes: menos 4 da Era Cristã.

Diz Josefo: "Depois de tudo isso, morreu no quinto dia, depois de mandar matar Antípatro (seu filho), tendo reinado por 37 anos desde que recebeu o reino dos romanos".

O dia exato da morte de Herodes pôde ser determinado com certeza. Pouco antes de sua morte – não mais de um mês –, quando já estava em seus últimos furores, houve um grave acontecimento. Acreditando que ele havia morrido – conta Flávio –, um grupo numeroso de jovens foi ao Templo e, a machadadas, cortou e derrubou uma águia romana de ouro colocada ali. Haviam sido aconselhados pelos doutores da lei, que não podiam suportar aquele sacrilégio. Mas Herodes estava vivo, e sua cólera e decisão foram inenarráveis. Mandou queimar vivos os doutores e os principais jovens envolvidos e matar os demais de diversas formas.

Esse grau de barbárie de Herodes, o Grande, não é de espantar, visto que, além de ter ordenado o massacre dos bebês de Belém (mais de 300), mandou eliminar diversos amigos e parentes. Entre outros, por exemplo, sua mulher – a linda

Mariane –, que foi decapitada. E seus dois filhos, a quem estrangulou. Cinco dias antes de sua morte – como afirma Flávio Josefo – ordenou também o suplício de seu terceiro filho, Antípatro.

Mas seu ódio e loucura foram tais que, desejando que se chorasse sua morte, não lhe ocorreu melhor forma de fazê-lo que deixar escrito que os principais e notáveis da nação fossem reunidos no hipódromo de Jericó e, ali, eliminados a faca quando ele tivesse morrido. Com esse "sistema", o luto seria geral.

Mas quando o monstro morreu, sua irmã Salomé escondeu sua morte por um dia. Apoderou-se do anel real e selou a ordem de libertação.

E diz Josefo que, uma vez queimados vivos os doutores e líderes do atentado do Templo, Herodes morreu antes que se passasse um mês. A data de sua morte, pouco antes do dia de Páscoa ou da lua cheia, foi considerada pelo povo como um castigo de Deus. Porque – acrescenta o historiador em seu livro –, "no dia em que mandou queimar os doutores da lei houve um eclipse da lua". Na época, esse fenômeno era considerado importante.

Esse dado permitiu conhecer a data com grande precisão. E os astrônomos modernos determinaram o dia do eclipse como 13 de março (lua cheia) do ano menos 4 de nossa era.

Herodes morreu antes de um mês: pouco antes da Páscoa, que foi em 11 de abril (14 de Nissan). Tudo se encaixa, portanto.

Esse erro nas datas do calendário do monge Dionísio, o Exíguo, nos conduz, ainda, a outras curiosas conclusões. Por exemplo, se provado que o nascimento de Cristo aconteceu entre os anos menos 6 ou menos 7, a comemoração de seu bimilenário não teria sido no ano 2000, como todos acreditávamos, e sim em 1994 ou 1993.

Se levarmos em conta que a Virgem Maria não devia ter mais que 14 anos completos – como era o costume judaico – quando deu à luz seu filho primogênito, isso quer dizer que o bimilenário do nascimento de Maria seria em 1980. E o bimilenário de sua concepção deveria ser celebrado também um ano antes: entre 1979 e 1980.

Como conclusão desse "deslize" histórico, podemos afirmar que Jesus de Nazaré foi morto no ano 30 de nossa era. Os astrônomos modernos apontaram, ainda, que só nesse ano e em 34 a Páscoa caiu em um sábado, conforme narram os Evangelhos. O ano 34 já era tarde demais.

De acordo com isso, o Nazareno viveu uns 35 anos completos, e não 33, como se acreditava até agora.

Mas vamos voltar ao tema central: a estrela de Belém. Eu dizia que nos tempos atuais, uma das teorias mais aceitas é a que identifica a estrela com a já mencionada conjunção planetária descoberta por Kepler. E, embora isso seja

cientificamente aceitável, e até convincente, também contém pontos obscuros. Vejamos alguns.

Digamos que os magos (sem dúvida, astrônomos e astrólogos) viviam na cidade de Sippar, na florescente Babilônia, onde foram encontradas as tabuletas que confirmaram a descoberta de Kepler. Se esses magos haviam visto a estrela, isto é, a conjunção, no Oriente, tal como relataram a Herodes, por que não rumaram para o Oriente? Por que, porém, tomaram o rumo oposto, para o Ocidente?

Os exegetas e intérpretes da Bíblia têm resposta para tudo. E eis aqui a solução para a questão: "Os observadores do céu no Oriente, como astrólogos que eram, atribuíam a cada estrela um significado especial. Segundo a opinião predominante na Caldeia, a constelação de Peixes era o signo da terra do Ocidente, das terras do Mediterrâneo. Segundo a tradição judaica, era o símbolo de Israel, o sinal do Messias. A constelação de Peixes fica no fim de uma velha trajetória do Sol e no início de uma nova. Nada mais próprio para considerar aquele signo como o fim de uma era e o início de outra", afirma o especialista Werner Keller.

"Júpiter era considerado por todos os povos e em todos os tempos a estrela da sorte e da realeza. Já Saturno, segundo as antigas tradições dos judeus, tinha de proteger Israel. Tácito o põe no mesmo nível que o Deus dos judeus. A astrologia babilônica considera o planeta dos anéis como estrela especial dos vizinhos países Síria e Palestina. Desde Nabucodonosor, milhares de judeus viviam na Babilônia, e muitos deles podem ter estudado na citada Escola Astrológica de Sippar. Uma aproximação tão resplandecente de Júpiter e Saturno – o protetor do povo de Israel – na constelação do país do Ocidente, do Messias, deve ter afetado os astrólogos judeus. Pois, segundo a interpretação astrológica, significava o surgimento de um rei poderoso na Terra do Ocidente, na de seus pais. Assistir a isso, ver com os próprios olhos, esse foi o motivo da viagem dos magos, conhecedores das estrelas, procedentes do Oriente!", conclui Keller.

Até aqui, temos o argumento dos exegetas. Mas vamos por partes.

À margem dessas especulações astrológicas sobre as influências, proteções e crenças em torno das constelações e dos planetas, o mais difícil de provar é que os citados magos ou astrônomos eram justamente judeus. Não há nem um único testemunho ou documento histórico que prove isso. Tampouco sabemos com certeza se eram três – Melchior, Gaspar e Baltasar –, nem se fizeram o caminho juntos ou cada um por si. O registro histórico desses personagens consta somente no Evangelho. E a primeira alusão a sua existência coincide com sua entrada na cidade de Jerusalém. Nada mais.

Parece-me, portanto, absolutamente infundado afirmar que os magos eram

procedentes de Sippar ou viviam ali. E muito mais que eram judeus.

Não faz muito sentido, que essa conjunção – divisada não só na Babilônia, mas também em toda a bacia mediterrânea (inclusive Israel) – só tivesse sido interpretada pelos astrólogos e astrônomos da distante Babilônia. Se a vinda do Messias era esperada com verdadeira expectativa pelo povo hebreu – como realmente era –, como é possível que os doutores, astrônomos e astrólogos judeus que viviam na Palestina e que deviam ser tão bons profissionais quanto os de Sippar não tenham notado que a conjunção planetária era o sinal tão longa e ansiosamente esperado?

E, dado que a conjunção dos planetas se repetiu três vezes no mesmo ano, não podemos imaginar que nas três ocasiões eles estivessem dormindo ou de folga durante o fenômeno.

Teria faltado tempo aos astrólogos e magos israelitas para comunicar aos sumos sacerdotes – não sei se ao povo – o supremo acontecimento, supondo que essa conjunção houvesse lhes chamado a atenção.

Mas não foi assim. E uma prova do que digo é que, quando os magos se apresentaram diante do inquieto Herodes, a primeira coisa que o rei fez – mais assustado que outra coisa – foi chamar os sumos sacerdotes e escribas e perguntar-lhes onde esse Messias devia nascer.

Repito que, se os homens do povo de Israel houvessem percebido o menor sinal nos céus – leia-se conjunção –, os “serviços de informação” de Herodes, o Grande, teriam ficado a par em questão de horas.

Tudo isso me leva a pensar que as três conjunções do ano menos 7 pouco ou nada tiveram a ver com a cada vez mais intrigante e misteriosa estrela que apareceu no Oriente, guiou os magos até a Palestina e se deslocou diante da caravana, até que parou acima do lugar onde estava o Menino. (Continuo lendo o Evangelho, como se pode notar.)

E, embora os magos tenham se informado sobre a aldeia específica onde devia nascer – ou já havia nascido – o “rei dos judeus”, visto que assim Herodes acabava de lhes comunicar, também é estranho (para não dizer cômico) que a conjunção em questão seguisse à frente da caravana e parasse justo acima do local. Belém não devia ser muito grande naquela época, mas devia conter um número de casas, estábulos, cavernas e apriscos suficiente para confundir um estrangeiro que estivesse procurando um dos muitos bebês da aldeia. E, quando digo muitos, não estou enganado. Em Israel, naquele tempo, a esterilidade era um sinal negativo, e as mães judias ficavam felizes com uma generosa prole. Se a essa tradição hebreia arraigada acrescentarmos a falta de luz elétrica, de televisão e da pílula, a população infantil de Belém e de qualquer aldeia judia devia ser numerosa.

Razão de sobra, enfim, para que fosse difícil para a estrela parar acima do lugar exato em que estava o menino que os magos procuravam e com quem, com toda a certeza, não tinham ligação alguma.

Antes de prosseguir, quero relatar minha única experiência com uma conjunção planetária. Durante várias noites da terceira semana de fevereiro de 1975, foi possível observar na Espanha uma conjunção entre os planetas Vênus e Júpiter. De fato, o fenômeno foi realmente vistoso. E muitas pessoas chegaram a confundi-lo com óvnis.

Em uma daquelas noites, eu ia de Zaragoza a Pamplona. Estava voltando de uma longa investigação sobre óvnis e tinha a intenção de descansar na casa de meus pais, na capital navarra. Pois bem, ao chegar à altura de Caparroso, comecei a distinguir a conjunção. E, como é meu costume quando deparo com qualquer fenômeno "suspeito", parei o carro e foquei as brilhantes luzes que se erguiam a poucos graus sobre o horizonte. Pela objetiva de minha câmera fotográfica eu podia ver com grande nitidez as duas massas luminosas de Vênus e Júpiter. E, acima da conjunção, a Lua.

Segundo meus cálculos – e dada a posição onde me encontrava naquele momento –, se eu seguisse em direção à conjunção, chegaria à cidade de Pamplona. Pois bem, uma vez ali, o fenômeno astronômico continuaria sendo visto muito além. E, se eu tivesse me empenhado na absurda perseguição à conjunção, estaria correndo até hoje.

Está claro, portanto, que uma conjunção não pode apontar ou marcar somente uma casa ou um estábulo, nem sequer uma cidade ou nação inteira. Se eu precisasse encontrar determinada casa na cidade de Pamplona com o único apoio da conjunção, teria deparado com sérias dificuldades.

Mas os exegetas e hipercríticos esquecem, entre outros, um detalhe importante que derruba ainda mais a teoria da conjunção planetária. Em todos os arquivos, bibliotecas e testemunhos que eu pude consultar e que fazem referência ao comércio e transporte daquele tempo, raras vezes se faz alusão ao fato de as caravanas avançarem durante a noite. Tanto os mercadores quanto os mensageiros, emigrantes ou até as expedições militares viajavam durante o dia. E, embora eu não tenha o testemunho histórico definitivo, é quase certeza que os magos – juntos ou separados – seguiram o costume generalizado de percorrer léguas ou fazer jornadas de sol a sol.

Assim aconselhavam as mais elementares normas de segurança – contra salteadores, acidentes no terreno, ataques de animais etc. E duvido muito que, nesse ponto, os magos fossem uma exceção.

Porém, de acordo com isso, e considerando que as estrelas, cometas, meteoros, meteoritos e conjunções planetárias não são visíveis em plena luz do dia, que

tipo de estrela era essa que guiava os astrônomos?

Se os magos falaram de estrela, isso significa, sem nenhuma sombra de dúvida, que aquilo que viam no céu tinha ou emitia luz. Do contrário, teriam utilizado outra terminologia, como nuvem, pássaro, tempestade, sei lá.

O assunto, como vemos, parece se complicar. Evidentemente – e embora eu não tenha feito menção a isso –, acredito e aceito que aquela gente (os magos) realmente viu alguma coisa. E que o que Mateus e Lucas puseram em seus evangelhos é rigorosamente verdade. Consideremos isso antes de passar a outras discussões e argumentações.

E estamos chegando ao fim.

A “estrela” de Belém foi uma bela metáfora oriental?

Antes de passarmos ao que eu, pessoalmente, acredito que deve ter sido a simpática estrela que conduziu os magos até Jesus de Nazaré, vamos analisar uma última alternativa: será que a aparição da estrela e dos magos pode ter sido uma linda e sugestiva parábola, a que os povos orientais eram tão propensos?

Nesse sentido, acho que é muito mais categórica a palavra de um ilustre jesuíta, o padre Antonio Romañá, até pouco tempo diretor do Observatório Astronômico de Ebro, na cidade tarraconense de Tortosa.

Durante a elaboração deste livro, eu pedi conselhos a ele, assim como a muitos outros ilustres doutores em teologia, astrônomos e cientistas em geral, sobre duas questões muito específicas: as súbitas trevas que caíram sobre Jerusalém durante a crucificação do Nazareno e a presença da estrela de Belém.

Esta foi a resposta – em carta manuscrita do padre Romañá – a minha segunda pergunta:

> [...] Quanto à estrela de Belém, levantaram-se muitas hipóteses para identificá-la como uma possível conjunção de astros, todas, aliás, muito agressivas e forçadas. Eu acho que o que o evangelista pretende descrever é algo fora da ordem normal da Natureza e, pelo menos, de caráter milagroso ou maravilhoso, já que diz que a estrela (fenômeno luminoso) precedia e guiava os magos e parou sobre o local onde estava o Menino Divino. Você sabe que, hoje em dia, muitos exegetas católicos discutem a natureza dos capítulos sobre a infância de Jesus e não sabem se são descrições estritamente históricas ou narrações do gênero que chamam de ‘midráshico’, em que um fato histórico, de caráter religioso, é embelezado

> ou adornado com caracteres mais ou menos legendários ou devotos, que possam contribuir para ressaltar a ideia ou o ensinamento que se pretende inculcar com a narração. Eu confesso que não sou partidário dessa maneira de interpretar, e prefiro ver nas narrações da infância informações tão históricas quanto as do resto dos Evangelhos, sobretudo quando encontramos prólogos como o de Lucas, que afirma haver se informado cuidadosamente com quem foi testemunha dos fatos. Mas saiba que a teoria que chamam de "gêneros literários" é, hoje, admitida por muitos professores católicos da Sagrada Escritura, e talvez para muitos seja a solução de certas dificuldades. Acho que com isso respondi a suas perguntas. Se precisar de algo mais, estou à sua disposição. Você sabe quão sinceramente o aprecia seu afetuosíssimo antonio romañá, s. j.

Pouco ou quase nada se pode acrescentar a essas frases, tão claras e categóricas. Apenas, talvez, que os exegetas citados pelo jesuíta parecem ter ignorado que o rei Herodes se reuniu com seus escribas e sumos sacerdotes a fim de se informar sobre o nascimento daquele "intruso".

Embora eu não tenha notícia de que se tenha descoberto algum documento histórico que faça referência a esse fato concreto e nada metafórico, suponho que, dadas as desconfianças e intrigas de Herodes, o Grande, durante seu reinado, a reunião em questão pode ter realmente acontecido. Era um ato lógico dentro da política de terror que o amigo Herodes havia implantado.

No entanto, há mais dois extremos que demonstram muito pouca relação com os criativos e etéreos contos ou lendas orientais.

Refiro-me inicialmente ao brutal massacre dos inocentes em Belém de Judá. Ele se encaixa perfeitamente nas obras e decisões do bárbaro Herodes constatadas historicamente. Além disso, os defensores do gênero chamado midráshico também não levaram em conta que, quando ocorreu o holocausto das centenas de bebês, já se havia passado um tempo mais que prudencial para que os pais os tivessem registrado no censo, conforme havia sido ordenado pelo imperador romano Augusto. Na realidade, a presença do carpinteiro José de Nazaré em Belém, a cidade de Davi, devia-se unicamente a esse trâmite administrativo obrigatório para todos.

Ignoro também se já se procurou, mas seria de grande utilidade, como fundamento histórico e científico, encontrar registros daquele censo. Muito possivelmente – se isso acontecesse –, nos dados correspondentes à cidade de Belém, apareceriam os nomes de todos, ou quase todos, os meninos que, pouco depois, foram assassinados. Que melhor prova para os midráshicos da fraqueza de seus argumentos?

Mas, para dizer a verdade, já estão mais que escaldados com a descoberta de

Antioquia.

Conforme me dizia o padre Romañá, alguns exegetas católicos questionaram – rotulando-o como lenda ou metáfora – até a veracidade do censo mencionado nos Evangelhos.

"E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto", diz São Lucas, "para que todos os habitantes da terra fossem inscritos no censo. Esse primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio protetor da Síria."

Segundo alguns exegetas, Cirênio chegou à Síria na qualidade de legado em 6 d.C. Junto com ele, Roma mandou Copônio, como primeiro procurador da Judeia. E, entre os anos 6 e 8 de nossa era, foi realizado um censo. E os hipercríticos – já começo a denominá-los exegetas teóricos – se irritaram, afirmando que esse não podia ser o censo que o Evangelho cita, visto que nos anos 6 e 7 de nossa era Jesus de Nazaré já tinha entre 13 e 14 anos.

Será que Lucas, o médico, havia se enganado? Assim pareceu, até que um belo dia, em Antioquia, alguém encontrou um fragmento de uma inscrição romana que demonstrava que o referido Cirênio estivera na Síria uma outra vez, como legado do imperador Augusto, justamente nos tempos do procônsul Saturnino. Naquela época, coube-lhe uma missão puramente militar. Ele dirigia a campanha contra os homonadenses, tribo que habitava a cordilheira do Tauro, na Ásia Menor. Cirênio tinha estabelecido seu quartel-general na Síria, e isso entre os anos 10 e 7 a.C.

O censo, enfim, havia sido real. E isso significava uma nova rachadura – eu diria que o desmoronamento final – das hipóteses sobre uma estrela de Belém puramente simbólica.

O que estamos enfrentando, então?

Se a estrela de Belém não era um sol, não era um cometa, não era um meteoro ou meteorito, não era uma conjunção planetária, não era uma nova ou supernova, não era uma lenda ou metáfora oriental e se os evangelistas dizem a verdade, o que era a chamada estrela de Belém?

---

8 No antigo calendário romano, idos corresponde ao dia 15 de março, maio, julho e outubro e ao dia 13 dos demais meses.

2. A “estrela” de Belém: uma nave sideral?

Não farei muitos rodeios. É possível que muitos já tenham adivinhado por onde voam meus pensamentos. De fato, se aquela estrela não pode ter sido nada do que já foi exposto anteriormente, e se, porém, voava, brilhava e dava a impressão de se mover como se alguém a conduzisse, só podia ter sido o que hoje descrevemos como um objeto voador não identificado (óvni).

É muito lógico e humano que muitas pessoas riam dessa afirmação – repito que total e absolutamente pessoal, e não demonstrável pela ciência – ou até se escandalizem. Como posso me atrever a misturar algo tão sagrado como o nascimento de Jesus com os óvnis? No fundo, tudo é uma questão de “matizar” as coisas.

Aqueles que conhecem meu interesse pelos polêmicos óvnis e minha dedicação à investigação do assunto devem saber que, para mim, ele se reveste de uma seriedade tão profunda que cheguei a abandonar o trabalho de repórter em meu jornal para me dedicar exaustivamente ao estudo do fenômeno. Nada mais distante de mim, portanto, que o desejo de tratar o tema com frivolidade.

Justamente esses anos de estudo, essas centenas de testemunhas interrogadas ao redor do mundo e o fato fundamental de eu mesmo ter visto óvnis levam-me agora, depois de ler várias vezes os testemunhos de Mateus e Lucas, a suspeitar de uma direta intervenção ou presença desses objetos no primeiro capítulo da vida humana do Cristo. Evidentemente, o mergulho nesse tema nos levaria com certeza a novos e desconhecidos horizontes. Mas talvez este ainda não seja o momento oportuno. Por ora, vamos focar na superfície do assunto.

Óvnis. Mas o que entendo como tal? E, o que é mais importante: supondo que assim fosse, que esses objetos existissem, que papel podiam desempenhar guiando a caravana dos magos e apontando o lugar onde estava o Menino?

Depois de percorrer quase 300.000 quilômetros atrás dos óvnis, de ouvir inúmeros testemunhos, de ter em minhas mãos documentos oficiais e secretos das Forças Aéreas que mostram esses objetos, e, acima de tudo, depois de tê-los

visto a 200 metros de mim, seria absurdo de minha parte continuar pensando que óvnis não existem.

Esclarecido esse ponto – básico, naturalmente –, disponho neste momento de declarações suficientes para acreditar que esses objetos são naves procedentes do espaço exterior. Astronaves extraterrestres. E consegui reunir também tamanho volume de informações sobre testemunhas que dizem ter visto seus pilotos ou tripulantes, que não recuso, em absoluto, a ideia de que, em sua maior parte, essas naves sejam tripuladas.

Feitas essas advertências – naturalmente não demonstráveis de forma científica, por enquanto –, vamos passar à segunda parte de meu raciocínio. Essas civilizações galácticas que nos visitam – e há muito tempo – têm de ser, por lógica, muito mais adiantadas que a nossa. E não só em sua mera tecnologia mecânica ou de navegação espacial, mas também em suas ideias e conhecimentos do cosmo e do espírito. Em outras palavras, de Deus.

Se a encarnação de Cristo em nosso planeta há dois mil anos exigiu todo um "plano" cósmico ou divino – como seria natural –, por que repudiar a possibilidade de que as "raças" ou "seres" mais evoluídos ou próximos ao Criador, ou Força, ou Energia Suprema, ou Deus, ou como o queiramos definir, tenham participado de alguma forma dessa vinda?

Eu, pessoalmente, acho muito mais fantástica ou fantasiosa a crença em um anjo com asas nas costas, que voa de lá para cá como uma cegonha. Parece-me mais racional e própria de um Deus sábio e sensato a presença de "homens" ou "seres" – com ou sem suporte físico – que "percorram o caminho da Perfeição", apoiando-se em uma lógica evolução física, tecnológica e espiritual.

Por que rejeitar, então, a possibilidade de "astronautas" celestes, verdadeiros "missionários" do Espaço a serviço desse grande Deus? Por acaso os missionários que temos na Índia, no Amazonas ou na África não aproveitam e utilizam os helicópteros, raios X ou a penicilina em seu trabalho?

São Gregório e São João Damasceno admitiam que os "anjos" do Antigo e Novo Testamento podiam adquirir formas materiais. São Bernardo pensava que "a natureza de Deus é a única que não tem necessidade de um instrumento corporal". São Tomás de Aquino dizia que quando as circunstâncias exigiam, as criaturas celestiais podiam conseguir, "pelo poder divino, corpos sensíveis", que eram vistos e tocados.

Para Santo Agostinho, era "crível que os anjos se apaixonassem pelas mulheres e se casassem com elas", como indica a Bíblia nos primeiros capítulos do Gênesis. Para São Paulo, enfim, pode haver seres celestes dotados de um corpo celestial superior (como os que apareceram a Daniel ou à Virgem Maria) e outros, livres de pecado, que não possuem corpo, de tão elevada categoria

celestial.

Os exemplos tornariam essa lista interminável. Nossa ciência, a mais moderna – a utilizada pela Nasa na conquista do espaço –, já está, como vimos nas experiências sobre o Sudário de Turim, a serviço desse Deus.

Enfim, essa "estrela" que foi vista sobre Belém de Judá podia se tratar de uma nave sideral, de características e natureza desconhecidas para nós, que dirá então para os homens de dois mil anos atrás, a bordo da qual viajavam os já conhecidos e familiares "anjos" do Antigo Testamento, que, aliás, são mencionados nele 108 vezes. "Anjos" de vestes resplandecentes e estranhas que hoje identificaríamos, quem sabe, com nossos próprios astronautas, de indumentária não menos estranha e metalizada. Mas essa, logicamente, é uma hipótese indemonstrável hoje.

Quantos casos típicos e famosos dentro da ufologia mundial coincidem em suas principais características – luz, brilho, movimento etc. – com a "estrela" que São Mateus descreve! Claro que, se recorrermos a outros testemunhos históricos, a crença de que a "estrela" dos magos era realmente um óvni se fortalecerá.

No século i, por exemplo, o bispo Inácio de Antioquia dizia da citada "estrela": "Sua luz era indescritível. Surpreendia por sua novidade. Todos estavam assombrados, perguntando-se de onde poderia vir essa novidade, tão diferente dos outros astros".

Por sua vez, o cronógrafo Júlio Africano, no século iii, relatava a descida de uma estrela na Pérsia, que anunciou o nascimento em Belém e guiou os magos.

E em um estudo da *Epístola aos efésios* (capítulo 19), Santo Inácio destaca a novidade dessa estrela, que fazia os que a contemplavam ficarem mudos de estupor.

Deixo à margem os livros chamados apócrifos[9], que trazem interessantes referências a essa "estrela", justamente para não sair do leito dos livros canônicos.

Por último, vejamos o testemunho de São Lucas, tão maravilhoso quanto esclarecedor nesse mesmo sentido. Diz o evangelista: "Ora, havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor os cercou de resplendor. Eles tiveram grande temor. Mas o anjo lhes disse: 'Não temais, porque eis que aqui vos trago novas de grande alegria, que serão para todo o povo. Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura'. No mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: 'Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre os homens que ele ama'. E aconteceu que,

ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: ‘Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fez saber’.”

O fato, segundo se depreende do texto evangélico, ocorreu na mesma noite do nascimento de Jesus. Dias ou semanas antes, claro, da chegada dos magos e da “estrela”.

Vamos esmiuçar o relato. De acordo com o que já foi exposto – e sempre de um ponto de vista pessoal –, o “Anjo do Senhor” que apareceu para os pastores no meio do campo de Belém pode ser interpretado, aqui, como uma nave ou como um dos seus tripulantes. Tanto um quanto outro deviam estar providos de alguma luz forte, visto que, na sequência, “a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor”.

Talvez aqui caibam várias possibilidades: como era noite, a nave iluminava a área e os pastores; ou um dos “astronautas” ou “anjos” do Senhor portava e utilizava algum sistema de iluminação artificial; ou, inclusive, as duas coisas ao mesmo tempo.

Em meus arquivos, como nos da maioria dos pesquisadores de óvnis do mundo, há centenas de relatos sobre a visão desses objetos que – sobretudo durante a noite – lançam amplos e fortes fachos de luz branca ou de diversas tonalidades nos campos, montanhas ou mares sobre os quais voam. Há também uma infinidade de testemunhas que afirmam ter visto esses óvnis, dizendo que das naves foram projetados sobre eles, ou sobre seus carros, lanchas etc., refletores imensos e deslumbrantes que lhes permitiram ver como se fosse dia.

Estas expressões: “E a noite se iluminou como se o sol houvesse saído” e “Tudo, até onde a vista alcançava, ficou claro como o dia” repetem-se sem parar em muitos testemunhos relativos a óvnis. E, em uma porcentagem altíssima de casos – e isso constatei pessoalmente –, as testemunhas passam do espanto ao terror. Se isso acontece hoje, que sabemos das sondas espaciais e da sofisticada tecnologia dos voos à Lua, o que se podia esperar de primitivos pastores da Judeia? Era mais que lógico que se prostrassem no chão e confundissem essas naves e seus efeitos elétricos ou eletromagnéticos com a glória do Senhor ou de Yaveh.

Não acredito que essa hipótese arruíne ou menospreze a carga cósmica, divina ou sobrenatural que a presença desses “mensageiros” ou “missionários” do grande Deus possa conter. Ao contrário. Para mim, pessoalmente, aproxima e evidencia a figura desse Deus.

Mas vamos prosseguir com o texto de São Lucas: “E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis que aqui vos trago novas de grande alegria”.

É evidente que o “anjo”, ou “astronauta”, ou “mensageiro” do espaço falou. E

de tal forma que os pastores, homens rudes, o entenderam.

Entre os diversos casos de testemunhas que viram os tripulantes dos óvnis e que eu pude investigar pessoalmente pelo mundo, há um considerável número de encontros “de terceiro grau”, como agora se denominam. E, em alguns desses encontros, os pilotos extraterrestres se dirigiram às aterrorizadas testemunhas na língua natal delas. Disponho de casos em que os ocupantes dos óvnis falaram em inglês, espanhol e francês. E atesto que muitas dessas pessoas são gente honrada e de toda a confiança, que não mente.

Todavia, também não deve nos parecer incompreensível que uma ou mil civilizações galácticas – que talvez estejam milhares ou centenas de milhares de anos à nossa frente – captem e aprendam nossas linguagens com perfeição. Nós fazemos isso com as tribos mais primitivas. E, se esse grupo de “anjos” ou “astronautas” do cosmo participasse de alguma forma do “plano divino” da chegada de Jesus a este velho e lindo globo azul, como não comunicar aos pastores e moradores da área de Belém o mais importante acontecimento de todos os tempos?

Além disso, os citados “anjos” ou “astronautas” deviam conhecer muito bem as circunstâncias e pormenores do nascimento daquele menino, posto que deram aos assustados pastores indicações das vestes e da manjedoura. Esse detalhe também não deve nos alarmar.

Se nós hoje, com nossa rudimentar gama de satélites artificiais, podemos saber quando se apaga a luz do escritório de um estadista russo no Kremlin ou fotografar um objeto do tamanho de uma bola de tênis que esteja no chão, o que não poderão ver, controlar ou inspecionar essas naves siderais, infinitamente mais perfeitas que nossos satélites espiões?

Era mais que possível – segundo isso – que as naves desses “missionários” espaciais e especiais guiassem, até Belém, aqueles que deviam participar de alguma maneira do “plano”.

Por fim, São Lucas diz: “E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros...”

Eis aqui outro ponto interessante na narração. Se aqueles “anjos” fossem – permitam-me a licença – “de altíssima categoria”, praticamente espíritos ou energia pura, não teriam necessitado ausentar-se para o céu. Bastava desaparecer ou desmaterializar-se no próprio campo onde se encontravam os judeus.

Mas não. Os “anjos” – que, além de tudo, precisavam de luz – deixaram os pastores, partindo ou se afastando para o céu. Isso, em palavras do nosso século atual, poderia ser traduzido como uma simples decolagem das naves ou dos próprios “astronautas”, supondo-se, é lógico, que dispusessem dos correspondentes equipamentos individuais de autopropulsão.

Insisto que tudo isso não diminui nem um pouco a importância e grandiosidade do momento. Como também não é motivo de escândalo que hoje a Sagrada Eucaristia seja levada por um sacerdote de uma aldeia a outra do Amazonas em meio ao estrondo de um helicóptero. Como também não será ridículo nem difamatório para os filhos de Deus que um dia um "sacerdote-astronauta" celebre a primeira missa na Lua ou em qualquer laboratório espacial, em órbita.

Talvez estejamos ainda muito longe de levar a palavra de Deus a outros planetas cujos habitantes não a conheçam. Mas tenho certeza de que esse momento também chegará para o homem deste mundo. O que seremos, então, com nossa altíssima tecnologia espacial, para aqueles seres: "anjos", "deuses", "enviados", "astronautas"?

Mas, tudo isso, como disse, é só uma opinião pessoal. Embora meu coração me diga que não, posso estar errado.

---

9 Apócrifos são os livros da Bíblia que, embora atribuídos a um autor sagrado, não são declarados canônicos.

3. A “transfiguração”: um encontro de terceiro grau

Quanto mais me aprofundo na leitura e reflexão do Novo Testamento, mais se enraíza em meu coração a ideia de que Jesus de Nazaré foi ajudado, ou acompanhado, ou assistido de alguma maneira por uma “equipe” de seres que hoje poderíamos rotular como “astronautas”.

Como apontei no capítulo anterior, seres em um avançadíssimo estado evolutivo – tanto espiritual quanto tecnológico –, que podem povoar muitos dos bilhões de galáxias que formam os diferentes universos, poderiam ter colaborado com esse formidável “plano” de redenção da humanidade.

Por isso, sua constante presença na Bíblia: no Antigo Testamento, como dizia, os “anjos”, “mensageiros” ou “enviados” são citados um total de 108 vezes. Já no Novo Testamento, esses seres – que têm de comer, que precisam de iluminação à noite e que jamais aceitam ser adorados – aparecem em outras 165 ocasiões. É demais para que possamos falar de coincidências ou simples metáforas orientais.

Mas vamos prosseguir com outras “aparições” – as mais espetaculares – narradas no Novo Testamento, que estão diretamente ligadas à figura do Nazareno, conforme vimos no próprio nascimento.

A “transfiguração”

Diz Lucas em seu Evangelho: “E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras (o evangelista refere-se à próxima vinda do Reino), tomou Jesus consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar. E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e suas vestes ficaram brancas e muito resplandecentes. E eis que estavam falando com ele dois homens, que eram Moisés e Elias, os quais apareceram revestidos de glória, e falavam da sua partida, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém. E Pedro e os seus

companheiros estavam carregados de sono; e, quando despertaram, viram a sua glória e a dos dois homens que estavam com ele. E aconteceu que, quando os homens se apartaram dele, disse Pedro a Jesus: ‘Mestre, bom é que nós estejamos aqui, e façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés, e uma para Elias’. Pedro não sabia o que dizia. E, dizendo isto, formou-se uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, se encheram de temor. E saiu da nuvem uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho, meu Eleito; escutai-o’. E, tendo soado aquela voz, Jesus se viu só; e eles calaram-se, e por aqueles dias não contaram a ninguém nada do que tinham visto”.

De acordo com o relato evangélico, naquela época Jesus devia se encontrar nas proximidades do Mar da Galileia, talvez em Betsaida ou na fronteira de Magadã. Desse local até as montanhas do Hermon, ao norte, podia-se chegar em questão de horas ou, no máximo, em um ou dois dias.

Para mim, a decisão do Nazareno de se afastar dos núcleos de povoa- mento e subir um monte alto – como diz São Marcos nessa mesma passagem da Transfiguração – tinha uma clara intenção. Ele sabia que ia acontecer um “contato” com parte de sua “equipe” – meu Deus, como as palavras limitam! –, e o lógico era que o encontro acontecesse em um lugar apropriado: longe dos olhares curiosos, longe das aldeias ou aglomerações humanas. Longe, enfim, de uma gente que não tinha condições de entender e que, na melhor das hipóteses, teria ficado em pânico ou confusa.

E que melhor cenário para um “encontro de terceiro grau” que o alto de um monte? Nós, que presenciamos dezenas de vezes o que se denomina “visão de óvnis ou de naves, após convocação”, entendemos muito bem esse desejo de se afastar da cidade, essa busca pela solidão.

Jesus podia ter esperado a noite cair e ter tido esse encontro em qualquer lugar do Mar da Galileia, onde pregava naqueles dias. Mas não foi assim. Ele chamou seus três discípulos mais “destacados” e subiu um monte. Talvez a forte luminosidade dessas naves – quase sempre especialmente aumentada na escuridão da noite – tivesse alarmado e despertado as numerosas aldeias que se alinhavam em volta do lago. Para que correr riscos desnecessários? E mentalmente, ou por algum procedimento que não podemos saber agora, Jesus teve conhecimento da necessidade desse encontro com seus “anjos” ou “astronautas”.

Porque também não acredito na gratuidade ou no acaso desses encontros. Precisavam ter um sentido, uma justificativa importante, que tornava totalmente necessário o contato físico.

Mas vamos prosseguir com o texto evangélico: “E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e suas vestes ficaram brancas e muito

resplandecentes". Mateus, por sua vez, acrescenta mais um dado a essa mudança: "Seu rosto resplandeceu como o sol, e suas vestes se tornaram brancas como a luz". Já o "repórter" Marcos reforça, com o seguinte comentário: "As suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear".

Os três evangelistas utilizam descrições muito similares: "brancas e muito resplandecentes", "brancas como a luz", "resplandecentes".

Está claro, portanto, que as três testemunhas – Pedro, João e Tiago – viram as vestes de seu Mestre brilhar ou emitir luz, assim como seu rosto.

E, embora eu saiba e reconheça que Jesus, como Filho de Deus, podia ser capaz de fazer sair luz de todo o seu corpo como se fosse uma lâmpada viva, não vejo o sentido prático dessa transformação. Seu corpo só experimentou a grande mudança – o corpo glorioso – na Ressurreição. Por que, então, mudar essa natureza humana no alto de um monte? Eu, pelo menos, não acho muito lógico.

Mas, para mim, outra explicação se encaixa melhor. Como os investigadores de óvnis comprovaram, há muitos casos, tanto de dia quanto de noite, em que essas naves emitem uma luminosidade espantosa. Se Jesus e os discípulos subiram ao monte e tiveram esse encontro quando ainda era dia – circunstância mais que lógica e que os próprios evangelistas indicam quase sem querer ao falar da sombra da nuvem –, cabe pensar que a fortíssima radiação luminosa da nave em que os dois homens do relato haviam se deslocado pode ter sido a causa direta daquela resplandecência nas vestes de Jesus. Se o encontro aconteceu à noite ou ao entardecer, com mais razão ainda.

E falo de nave porque, assim como ocorre em muitas outras passagens dos Evangelhos, ela aparece por todo lado, seja em forma de "estrela", de "glória", de "nuvem" ou de "luminosidade". Era, definitivamente, a única maneira que aquela gente de dois mil anos atrás tinha de descrever o que não podia entender e que – repito – associava imediatamente ao sagrado, desconhecido ou sobrenatural.

Os dois homens da Transfiguração – cujas vestes brilhavam também como as de Jesus – tinham de ter chegado de algum modo até o alto daquela montanha. E o fato de os evangelistas não citarem, desde o início do relato, a aproximação ou a presença da nave não significa que não estivesse ali mesmo ou nas proximidades.

Pouco depois, inclusive, os evangelistas se referem a uma estranha nuvem que os cobriu com sua sombra. Se a nave estava sobre a cabeça das testemunhas, se flutuava em silêncio, como é habitual nesses objetos e, além disso, se tinha uma forma lenticular ou fusiforme – como é típico também no caso de óvnis –, os pescadores só podiam relacionar aquela coisa com uma nuvem.

Como podiam imaginar que seres infinitamente mais evoluídos que eles haviam conseguido dominar a força da gravidade, construir máquinas com ligas desconhecidas e manipular a seu bel-prazer muitas das forças da Natureza que para eles, e ainda para nós, são incontroláveis?

E ainda há mais. Lucas afirma que os discípulos entraram na nuvem e que isso lhes provocou grande temor. Mateus fornece outro detalhe curioso em relação a essa nuvem. E diz: “Uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra”. Aqui há pontos que não se encaixam no que todos entendemos por nuvens.

Uma nuvem luminosa? Nenhuma formação nebulosa que conheçamos tem a propriedade de emitir luz. No máximo, elas podem ficar brevemente iluminadas quando são atravessadas ou afetadas pelo brilho de alguma faísca elétrica. Mas esse fenômeno tem duração muito curta.

Também não é a primeira vez que uma nuvem com essas características – brilhante ou luminosa como uma brasa – acompanha o povo de Israel. Lembro, por exemplo, os casos da travessia do Mar Vermelho ou da nuvem que ficava quase permanentemente sobre a Tenda da Reunião, em pleno deserto.

Mas não vamos nos desviar do assunto. Devemos supor que, em se tratando de homens que haviam vivido e trabalhado às margens do Mar da Galileia – Pedro era pescador –, estavam acostumados a distinguir todo tipo de nuvens, ventos, tempestades e outros fenômenos atmosféricos. E então, por que sentiram temor, como diz o Evangelho, diante da proximidade daquela nuvem?

Ou não era uma nuvem? Se o que os cobriu com sua sombra fosse pura e simplesmente névoa – fenômeno, inclusive, mais que raro nas secas terras da Palestina –, os três apóstolos também não teriam se assustado. Aliás, para serem cobertos pela sombra daquela nuvem, esta teria de oferecer mais que uma séria resistência à passagem dos raios solares.

Ainda por cima – concordam os evangelistas – “saiu da nuvem uma voz”. É possível que aquilo que os discípulos viram tenha sido realmente uma nuvem. Mas uma nuvem que encerrava luz dentro de si, que se comportava inteligentemente e que deve ter se situado a pouca altura da cabeça deles.

Vou explicar. Também na casuística ufológica há muitos testemunhos de óvnis que parecem se camuflar por trás de cortinas de fumaça ou até nuvens que cercam e escondem por completo a fuselagem delas. E, às vezes, essas nuvens andam sobre cidades, sem que ninguém, ou quase ninguém, perceba sua verdadeira natureza. No entanto, às vezes, as nuvens em questão são detectadas pelos radares militares, como aconteceu recentemente em Portugal. Segundo me consta, naquela ocasião, vários caças lusitanos, alertados pela presença de um eco não identificado nas telas do radar, voaram a seu encontro. Mas – ah, que surpreendente! – o que estava provocando o alarme era uma nuvem. Uma

enigmática nuvem, solitária no céu, que, desafiando todas as leis da meteorologia, resistia imóvel às fortes rajadas de vento. De repente – diante dos olhares atônitos dos pilotos –, a nuvem subiu vertiginosamente, perdendo-se de vista e das telas militares.

Ao longo dos anos de 1977 e 1978, diversas testemunhas puderam observar uma nuvem em forma de charuto descer sobre o Monte de Santoña, em Santander, na Espanha. Era a única nuvem em todo o céu aberto. E, dentro daquela nuvem peculiar, via-se também outra forma geométrica, mais escura.

Dois pilotos de linhas aéreas comerciais tiveram, em 1979, outro encontro com uma dessas misteriosas nuvens. E seus instrumentos eletrônicos ficaram paralisados por vários minutos. Coincidentemente, o tempo que permaneceram com o avião dentro da nuvem.

Os casos, enfim, seriam intermináveis. E, pensando bem – tendo o mais racional e prático dos raciocínios –, que melhor procedimento de ocultação ou camuflagem para alguém que quer ver sem ser visto do que ficar em meio a uma nuvem que ele mesmo pode fabricar e controlar?

Em qualquer um dos casos – uma nave de forma lenticular ou fusiforme ou uma nave dentro de uma nuvem –, o fundo do problema é o mesmo: os três discípulos, Jesus e seus dois "companheiros" estavam diante de algo físico, pilotado por seres inteligentes e, evidentemente, com um objetivo bem específico.

Se, como aponta Lucas, os apóstolos tivessem entrado na nuvem e esta fosse realmente um aparelho metálico, o assunto se complicaria. Isso significaria, nada mais nada menos, que as três testemunhas teriam sido introduzidas em um óvni, tal como hoje o entendemos.

Mas vamos nos ater estritamente ao que aparece no Evangelho. Prossegue São Lucas: "E eis que estavam falando com ele dois homens, que eram Moisés e Elias, os quais apareceram revestidos de glória, e falavam da sua partida, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém".

Tanto Mateus quanto Marcos afirmam igualmente que os homens conversavam com Jesus. É evidente, portanto, que os "anjos", ou "astronautas", ou "enviados" emitiam sons ao articular suas palavras. Senão, as três testemunhas não teriam feito referência à conversa, muito menos ao assunto dela: a "partida" do Mestre da cidade de Jerusalém.

Mas nenhum dos discípulos deve ter captado com clareza nem em sua totalidade a conversa de Jesus com os dois homens. Dentre outras razões, porque todos – diz Lucas – sentiam sono e estupor, além de medo. Nessas condições, a mente não pode ficar muito serena ou disposta para prestar atenção a uma conversa.

O fenômeno do sono também se repetiu – e ainda se repete – em testemunhas que, por qualquer que tenha sido a razão, chegaram muito perto dos óvnis. Não se trata de sono exatamente. Na maior parte dos casos, a testemunha é vítima de um grande torpor ou fica até paralisada. Uma das constantes nas ocasiões em que se fica próximo de óvnis, e muito especialmente de seus tripulantes, é a perda da noção do tempo. Em quase todos os casos típicos de entrada das testemunhas nas naves, elas são vítimas de amnésia ou, pelo menos, de lacunas mentais, que só podem ser dissipadas e reconstruídas mediante hipnose. Nós, pesquisadores, registramos uma infinidade de casos que confirmam isso.

É possível que esses fenômenos de perda da noção do tempo – de confusão mental, em suma – sejam provocados diretamente por aqueles que pilotam essas naves ou que sejam consequência da proximidade da testemunha com os óvnis, cujos sistemas de propulsão e autoproteção ainda ignoramos. Não sabemos com certeza o que pode acontecer no organismo de um ser humano quando invade o possível campo magnético ou eletromagnético que, sem dúvida, cerca essas naves. A única coisa que sabemos é que o homem enfrenta o desconhecido.

Porém, não cabe pensar que, no encontro de Jesus e seus três acompanhantes com os dois "homens" e a "nuvem", o "sono" de Pedro, João e Tiago tenha sido provocado pelos que manipulavam aquelas naves. Se assim fosse, Jesus não teria pedido aos três discípulos que o acompanhassem. Isso parece lógico. Talvez o mais natural seja que as três testemunhas tenham mergulhado naquela espécie de letargia ou sono por alguma razão acidental e puramente física. Uma razão que, diga-se de passagem, não afetava o Nazareno e cuja origem – insisto – podia estar na proximidade de uma ou várias naves.

Quanto ao relato coincidente dos três evangelistas em relação à identidade dos dois homens – Moisés e Elias –, eu, pessoalmente, tenho minhas dúvidas. Nem Pedro, nem João, nem Tiago os conheciam. Moisés e Elias haviam vivido centenas de anos antes dos apóstolos, e não creio que estes pudessem reconhecer com tanta facilidade personagens dos quais não havia – nem há – fidedignas referências pictóricas, escultóricas etc. Como podiam saber, então, que aqueles dois homens que conversavam com Jesus e que apareciam em glória eram Moisés e Elias? Nos textos evangélicos não há menção alguma de que Jesus ou os misteriosos homens tenham comunicado sua identidade aos apóstolos. E, pelo que se deduz das narrações, os homens em questão permaneceram o tempo todo a certa distância de Pedro, João e Tiago.

Os discípulos imaginaram, então? Moisés e Elias eram personagens de especial importância para o povo judeu, isso está provado. Se os discípulos, envolvidos pelo poder e santidade do Mestre, chegaram ao cume da montanha e ali, de repente, viram-se diante de seres que vestiam trajes de grande brilho –

possivelmente metalizados – e cuja origem e presença não era fácil de assimilar, que mais podiam fazer senão identificá-los como personagens tão importantes como Elias e Moisés?

E o fato de que esses homens usavam uma vestimenta deslumbrante pode ser deduzido das palavras de Lucas: “apareceram revestidos de glória”. A não ser que o evangelista quisesse nos dizer com isso que os interlocutores do Nazareno estavam dentro ou junto de uma das naves, ou veículos, para o que São Lucas não podia ter outras palavras e explicação senão a glória em si, entendendo-a como algo celestial, sobrenatural ou, simplesmente, com capacidade de voo.

Avançando no tempo – são só dois mil anos –, como teriam reagido os pastores de Belém ou o povo da Judeia, e até os mesmos apóstolos, se os colocássemos hoje na cabine de comando de um Concorde ou na sala de controle de Cabo Kennedy?

O súbito desaparecimento de Elias e Moisés e da nuvem que os cobriu com sua sombra também não constitui atualmente um fenômeno novo para nós que investigamos a problemática óvni. Quantos casos há de desaparecimentos repentinos de naves e tripulantes? Milhares. As testemunhas assombradas repetem sem parar que o objeto estava à vista e, sem saber como, já não estava mais.

A desmaterialização, ou qualquer outra técnica que talvez pudesse se encaixar nessa expressão, permitiria aos homens do espaço viajar e se transportar de um lugar a outro. Nós desconhecemos ainda o modo de fazer isso, mas as provas de que outras civilizações mais avançadas e superiores já o fazem estão aí, nos muitos testemunhos registrados pelos ufólogos.

Esse, aliás, como já comentei em outros livros[10], um dia pode ser para nós o verdadeiro procedimento para atravessar o cosmo e vencer, assim, as astronômicas distâncias intergalácticas. Com uma desmaterialização total, a nave e seus astronautas talvez pudessem saltar no tempo e no espaço, chegando a outros mundos quase instantaneamente. Tudo seria questão de se materializar depois no lugar certo.

Nem mesmo a luz, com seus 300.000 quilômetros por segundo, pode se comparar a esse revolucionário sistema de viagem.

“Falavam da sua partida, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém”. A partida só podia se referir a sua paixão e morte, que estavam próximas, e à posterior ressurreição. E assim, inclusive, confirma o próprio Jesus de Nazaré quando, ao descer da montanha, pediu-lhes que não comentassem com ninguém “até que o Filho do homem ressuscitasse dos mortos”.

O que pode ter acontecido realmente no cume daquela montanha? Por que o Nazareno conversou com os “astronautas” ou “mensageiros”? E por que

dialogaram sobre sua partida? Algo era evidente: o “plano” cósmico, ou divino, estava se realizando. E, por razões que nós não podemos entender agora, esse encontro era necessário.

Eis aqui, uma vez mais, um sinal claro de que Jesus desempenhava seu trabalho como redentor, auxiliado de alguma maneira por uma “equipe” de “anjos”, “enviados” ou “astronautas”. E parece igualmente evidente que o gigante de Nazaré era alguém muito importante para esses “anjos” ou “astronautas”, posto que, como veremos, todos estavam a seu serviço.

---

10 *Existiu outra humanidade*; *Óvnis: S.O.S. à humanidade*; *Óvnis: documentos oficiales del Gobierno español*; *100.000 km em busca de óvnis*; *TVE: Operación óvni*.

4. O que realmente aconteceu no deserto?

Os evangelistas Mateus e Marcos dizem: “Jesus foi conduzido ao deserto pelo Espírito, para ser posto à prova pelo diabo. Ele jejuou durante quarenta dias e quarenta noites. Depois, teve fome”. E Mateus conclui: “Por fim, o diabo o deixou (após as conhecidas tentações), e os anjos se aproximaram para servi-lo”.

Marcos também conclui de forma similar essa parte de seu evangelho: “Em seguida, o Espírito impeliu-o para o deserto. E esteve no deserto quarenta dias, tentado por Satanás. Estava entre as feras, e os anjos o serviam”.

Temos, aqui, outro capítulo tão fascinante quanto desconhecido da vida de Jesus de Nazaré. O que pode ter acontecido naquele deserto, durante tanto tempo?

Se os “enviados”, ou “astronautas”, acompanhavam – e muito de perto – a vida do Nazareno, é fácil imaginar que durante sua permanência de 40 dias naquele lugar desértico, a “equipe” celestial – para usar uma expressão acessível a nossa limitada linguagem – esteve perto do filho do Homem. Tão perto que, concluído o jejum, “se aproximaram para servi-lo”. E a palavra aproximar significa estar próximo ou chegar onde se encontra a pessoa interessada.

É curioso que justamente depois desse retiro e do encontro com os “anjos”, Jesus de Nazaré – que havia sido impelido pelo Espírito até o deserto – tenha se dedicado abertamente a pregar. Será que a “equipe” o fez ver a necessidade de iniciar de imediato a grande missão que o havia trazido a este planeta? Jesus foi definitivamente preparado naqueles 40 dias e 40 noites para sua chamada vida pública? Por que os evangelistas dizem que o Espírito impeliu o Nazareno – uma vez batizado no Jordão – a esse deserto?

5. 36.000 “anjos” à sua disposição

As alusões de Jesus de Nazaré a esses “anjos” são frequentes no Evangelho. Ele – não resta a menor dúvida – sabia de sua existência. E outros, junto com ele, também haviam sido testemunhas diretas, como já observamos, da chegada desses seres à Terra. São Lucas, por exemplo, transmite as seguintes frases, pronunciadas pelo Galileu: “Eu vos digo: Todo aquele que se declarar por Mim diante dos homens, também o Filho do Homem se declarará por ele diante dos anjos de Deus. Aquele, porém, que Me tiver negado diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus”.

E não creio que Jesus de Nazaré tenha utilizado aqui uma de suas costumeiras parábolas. Os “anjos” em questão eram “seres” visíveis, que deixavam vestígios e que foram vistos por alguns discípulos do Nazareno. Seres que, definitivamente, causaram um grande impacto emocional nos judeus.

Jesus, aliás, não fala de ficar a favor ou contra os homens “diante de Deus”. Diz “diante dos anjos de Deus”. Jesus devia ter fortes razões para saber que esses “anjos” eram importantes. Tão notáveis e poderosos a ponto de o Cristo – e cito novamente São Mateus – dizer ao ser capturado: “Guarda a espada na bainha! Pois todos os que usam a espada, pela espada morrerão. Ou pensas que eu não poderia recorrer ao meu Pai, que me mandaria logo mais de doze legiões de anjos?”

Doze legiões, segundo os cálculos feitos com base nas legiões romanas, somavam cerca de 36 mil soldados. Então, segundo as palavras de Jesus, a um desejo seu mais de 36 mil “anjos”, ou “seres do espaço”, teriam aparecido ali, em uma demonstração de força, como se diz em termos militares.

Embora seja evidente que não deve ter passado pela mente de Jesus, em nenhum momento, a intenção real de pedir socorro a seu Pai, aí está sua afirmação, clara e categórica, com estatísticas incluídas.

Em um momento de tensão, como deve ter sido o de sua detenção no Jardim das Oliveiras, o Nazareno não recorreu ao poder supremo de seu Pai, ou a

Moisés e Elias, ou ao próprio Espírito Santo, ou às forças da Natureza. Não. Jesus pensou nas “legiões de anjos”: personagens que o vinham acompanhando desde sua chegada a este planeta. “Anjos”, ou “enviados”, ou “astronautas” – por que não? – que não o perderam de vista nem na fascinante madrugada daquele domingo de glória.

6. Um “astronauta” junto ao sepulcro

Nestes últimos capítulos, esvaziei meu coração. O que aqui escrevo deve ser considerado – não me cansarei de repetir – fruto da inquietude de meu espírito, de minhas investigações e de minha crescente curiosidade por Jesus de Nazaré. Mas isso não me deixa – longe disso – em posse da Verdade. O fato de minha intenção ser honesta e limpa não significa que as coisas aconteceram realmente como eu as ilustro aqui. A única coisa que posso dizer é que se trata da verdade que eu sinto.

Mergulhado nas investigações e descobertas dos cientistas e especialistas da Nasa sobre o Santo Sudário de Turim, li com profunda surpresa o seguinte texto do Evangelho de São Mateus:

O sepulcro vazio. Mensagem do anjo.

“Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. De repente, houve um grande terremoto. Um anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve. Os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos. Então o anjo disse às mulheres: ‘Vós não precisais ter medo! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava. Ide depressa contar aos discípulos dele: Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis. É o que tenho a vos dizer’. E saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, elas correram para dar a notícia aos discípulos”.

Sem conseguir disfarçar minha emoção, consultei também essa mesma passagem nos demais Evangelhos. E, embora tenha notado algumas diferenças de forma, e até pequenas contradições quanto ao momento exato da aparição do anjo, ou anjos – porque os evangelistas também não entraram em acordo quanto a esse detalhe –, em essência os quatro dizem o mesmo: naquela madrugada, os

“anjos” – nossos velhos amigos – desceram junto ao sepulcro e anunciaram às mulheres que Jesus não estava ali, que havia ressuscitado.

Mateus, em minha opinião, se destaca novamente como melhor repórter que seus colegas. Ele dá maior riqueza de dados. Informações melhores.

Segundo São Mateus, “De repente, houve um grande terremoto. Um anjo do Senhor desceu do céu”. Tratava-se de um terremoto, um movimento sísmico, tal como hoje o interpretamos?

Embora Jerusalém se localize muito próximo da faixa sísmica que vai da atual Turquia até o Mar Vermelho e os vales da África Oriental, tocando praticamente toda a costa de Israel, o delta do Nilo e a costa da Arábia, os terremotos não são frequentes nem importantes nessa região. Desde 1456, por exemplo, até nossos dias, Israel jamais fez parte da terrível lista dos terremotos famosos.

Quero dizer com isso que, se realmente tivesse sido registrado naquela madrugada um abalo sísmico em Jerusalém e nos seus arredores, possivelmente teríamos encontrado um registro histórico. Flávio Josefo, por exemplo, grande historiador do povo judeu que viveu do ano 32 ao 107 de nossa Era e general das hostes galileias na guerra de 67 contra os romanos, que acompanhou Tito na destruição de Jerusalém, não faz a menor referência a esse terremoto. Mas Josefo faz menção – e por três vezes em seu livro *Antiguidades judias* – à realidade histórica de Jesus.

Um terremoto naqueles dias da Páscoa, com milhares de judeus apinhados na Cidade Santa, não teria passado despercebido, como não passou – ao que parece – aquele registrado pelos evangelistas em plena crucificação do Nazareno, que provocou algumas fissuras nas rochas. Supondo, claro, que aquilo fosse um movimento telúrico.

Porém, naquela madrugada, tudo foi diferente. O “terremoto” havia sido provocado por algo muito diferente do choque das placas tectônicas, afundamento de falhas e demais causas naturais. O próprio Mateus nos dá a explicação: “De repente, houve um grande terremoto. Um anjo do Senhor desceu do céu”.

Outro fenômeno muito frequente, contado na Bíblia até a exaustão: “anjos” do Senhor, “nuvens”, “carros de fogo” ou a “glória de Yaveh” que voam, pousam sobre as montanhas ou abrem as águas diante dos olhares e corações assustados do povo hebreu, que continua sem entender.

Essas aproximações das naves, e sobretudo as aterrissagens, aparecem quase sempre cercadas de estrondo, raios, luz e terremotos. Mas que melhor forma de explicar, para um povo do século i, a aterrissagem de um desses objetos?

Poderia ser também – seguindo o texto em questão – que a descida do chamado “anjo do Senhor” fosse, na realidade, não uma nave, mas vários tripulantes,

providos de um pequeno veículo de transporte para curtas distâncias. Até mesmo um único “astronauta”, com seu respectivo aparelho autopropulsor.

Por menor que fosse esse veículo de transporte para trajetos curtos, sempre disporia de capacidade para abrigar dois ou três “anjos” ou “astronautas”.

Hoje, a ufologia tem centenas de milhares de testemunhos iguais a esse de Mateus. Certo tempo atrás – descrevo isso em um de meus livros –, uma espécie de “cabine telefônica” (segundo o relato das testemunhas) foi vista descendo em uma mansão nos arredores da cidade biscainha de Baracaldo. O estranho objeto, ao aterrissar, destruiu metade de uma árvore e queimou boa parte da mata ao redor. Desse “veículo” saíram dois seres, de aparência totalmente humana, que mediam quase dois metros de altura e usavam trajes que brilhavam como alumínio e eram muito colados ao corpo. As testemunhas, apesar de viverem no século xx, ficaram aterrorizadas.

Em Valladolid também foi constatada uma aterrissagem de um pequeno óvni do qual saiu outro “piloto”, que ficou alguns minutos contemplando um campo de alfafa...

E o que pensar daquilo que aconteceu em San Román de la Hornija, quando uma nave, também de pequenas dimensões, em forma de cilindro, ficou descrevendo círculos em volta de um trator durante quase meia hora? Em vários momentos – segundo me contou o protagonista, Emiliano Velasco –, o óvni, que emitia um zumbido que parecia de mil moscas, emitiu várias cintilações de grande potência que o deixaram temporariamente cego. E aquela luz era branca e forte como um *flash*.

E há outras centenas e centenas de casos. Por que estranhamos, então, que o “anjo do Senhor” possa ser, na realidade, um “ser do espaço”, um “piloto” com seu veículo?

“E, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela.” Nessa segunda fase, depois da descida do céu, o “anjo”, ou “tripulante do veículo”, teve de se aproximar da pedra que fechava a gruta sepulcral e fazê-la rolar. Por último – não sabemos por que razão –, sentou-se nela.

É difícil acreditar que Jesus de Nazaré precisasse que abrissem seu sepulcro para poder sair dele. Se sua nova natureza tinha o caráter glorioso, era muito fácil atravessar até chumbo. Por que, então, a presença do “anjo” para rolar a pedra?

Talvez não se deva procurar a explicação do problema no ressuscitado, e sim nos mortais: nos judeus, nas mulheres que estavam ali, ao pé do sepulcro – estupefatas –, ou que estavam chegando. Conforme escreve São Marcos (16: 2-4), “E bem cedo no primeiro dia da semana, ao raiar do sol, foram ao túmulo. Elas comentavam entre si: ‘Quem vai remover para nós a pedra da entrada do

túmulo?’”

Era inteligente que alguém desobstruísse a entrada da cova e que comunicasse àquela gente, temerosa e simples, a “segunda boa-nova”. Repito que tenho plena certeza de que no grande “plano” da Redenção nada foi deixado por conta do acaso.

Por outro lado, aquela magnificência, com “anjos” e todo o resto, era mais que justificada se levarmos em conta que o “plano” havia se consumado com total sucesso. Nós, possivelmente, teríamos feito mais alarde ainda.

Mas vamos prosseguir com o magnífico relato de São Mateus: “Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve”.

Naquele momento – quando ainda estava escuro, segundo São João –, qualquer vestimenta espacial teria brilhado, refletindo talvez a luz da nave, que não devia estar muito longe. É possível, também, que o “astronauta” usasse algum mecanismo de iluminação, que foi o que fez o evangelista dizer que “sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve”.

Se dermos uma olhada nas fotografias dos astronautas do projeto Apolo, na superfície da Lua, notaremos que, efetivamente, seus trajes são brancos como a neve. E até brilhantes quando refletem a luz solar.

Também não há por que descartar a possibilidade de que suas vestimentas dispusessem de algum sistema de luz própria. Uma técnica tão avançada consegue isso e muito mais.

Mas não vamos esquecer que nem os judeus nem os romanos tinham a menor noção do que seja uma lanterna ou a corrente elétrica ou fotônica. E isso me faz lembrar um fato ocorrido no início do século XX, em uma pequena aldeia da província de Saragoça. Foi relatado por meu sogro, o ilustre advogado Julio Forniés, homem sério como poucos. O caso é que naquela época as forças vivas dessa localidade aragonesa tomaram a decisão de levar a luz elétrica à vila. E chegou a luz. Mas chegou com tanta má sorte que o momento de colocar a nova iluminação pública em funcionamento coincidiu com uma das maiores tempestades da história da aldeia.

Aquilo indignou e impressionou – em proporções iguais – os paroquianos a tal ponto que, utilizando pedras, paus e outros objetos, eles quebraram as lâmpadas. Diz-se que não deixaram pedra sobre pedra. E foi necessário um longo tempo para demonstrar àquelas pessoas que a luz elétrica não era coisa do demônio.

Não é absurda, portanto, a seguinte manifestação de São Mateus, que comenta que “os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos”.

Hoje, eu diria que quase 100% das testemunhas que afirmam ter visto óvnis e seus tripulantes sofrem essas crises de medo e confusão. E isso é natural. E,

embora os guardas que Pôncio Pilatos havia mandado se posicionar em frente ao sepulcro fossem profissionais da guerra e legionários experientes, o espetáculo, tão inesperado naquela calma noite de abril, deve ter corrompido seus esquemas mentais não muito sólidos até limites pouco decorosos.

Se a isso somarmos a profunda e arraigada superstição de quase todo cidadão romano, as reações da guarda são mais que justificadas.

Porém, há ainda mais. Outro fator que não devemos ignorar: Mateus registra que os soldados "ficaram como mortos". Isso pode ser traduzido como "paralisados" ou "inconscientes". Mas essa paralisia não podia ser provocada única e exclusivamente pelo medo. Se assim fosse, algum ou todos os romanos teriam fugido do descampado.

Eu me inclino a pensar que essa paralisia pode ter sido provocada por outras causas que não o próprio temor dos soldados e, como já apontei, ela se repete nos casos atuais de aproximação de óvnis.

Há algum tempo, outro morador da zona mineira de Gallarta, nas proximidades de Bilbao, presenciou a descida de uma nave de uns 50 metros de diâmetro. Ele me contou que ficou "imobilizado" na varanda de sua casa enquanto o óvni manobrava perto dele. "Conforme foi se afastando", acrescentou, "eu pude recuperar os movimentos e me senti livre."

Um piloto espanhol ficou igualmente paralisado em uma área rural de Algeciras – quando caçava – ao chegar perto de um disco de grande luminosidade que estava pousado em um vale. "Eu não conseguia me mexer", contou-me. "Eu via e ouvia, mas meu corpo não me obedecia. E só consegui andar quando o objeto levantou voo, perdendo-se no horizonte." Desde então, o piloto nunca mais conseguiu fazer funcionar seu relógio de pulso, que parou no instante daquela visão: às três da madrugada.

Por questão de segurança para o "anjo" ou "astronauta", seria compreensível a paralisia total dos três ou quatro soldados que deviam vigiar a entrada do sepulcro. Isso, pelo menos, é o que se depreende atualmente de muitos casos de óvnis.

O fato de os "anjos" estarem dentro ou fora do sepulcro não tem muita importância. Podem ter descido primeiro junto à cova, rolado a pedra, falado com as mulheres e, por último, entrado no sepulcro, onde, evidentemente, Jesus já não estava. Assim afirma o "anjo" no fim de sua mensagem às mulheres.

Mas, curiosamente, como se obedecessem com total fidelidade a um "plano" minuciosamente traçado, os citados "anjos", ou "enviados", ou "astronautas" não tocaram no lenço e no sudário que haviam sido usados para envolver o corpo de Jesus. Tudo estava no lugar, conforme constataram pouco depois os apóstolos, ao entrar na gruta.

Definitivamente, os “anjos” sabiam com o que estavam lidando.

7. “E foi levado ao céu”

Para concluir esta hipótese, eis outro assunto, muito pouco claro, em relação ao qual a Igreja preferiu se manter, prudentemente, “neutra”: a ascensão de Jesus aos céus.

Vamos ler novamente os Evangelhos: **“Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi levado ao céu e sentou-se à direita de Deus”** (São Marcos).

Versão de São Lucas: “Então Jesus levou-os para fora da cidade, até perto de Betânia. Ali ergueu as mãos e abençoou-os. E, enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi elevado ao céu”.

Talvez aqui os relatos não pareçam suficientemente claros para permitir conclusões. Contudo, tanto pela leitura desses textos quanto de acordo com o que a própria Igreja Católica pensa, deduz-se que Jesus de Nazaré foi elevado ou transportado – fisicamente – aos céus. Mas, como? Ele se elevou por conta própria, simplesmente? Talvez possa ter feito isso. De um ser que ressuscita dos mortos podemos esperar isso e muito mais.

Mas os evangelistas concordam quanto à circunstância de que “foi levado ou elevado”. Ou seja, por outros. Do contrário, é muito possível que tivessem escrito simplesmente “elevou-se”.

Talvez o “plano” geral exigisse também essa parte final, totalmente na medida da capacidade cerebral daquela gente. Uma súbita desmaterialização do Cristo não teria provocado nem desencadeado as mesmas reações entre seus apóstolos e seguidores. Isso era igualmente razoável.

Se Jesus de Nazaré já desfrutava de outro corpo, de natureza diferente da terrena, era quase certeza que poderia ter deixado este planeta sem maiores problemas. Quem pode descrever hoje, ou simplesmente imaginar, esse “organismo glorioso” e o Reino, Dimensão, Plano ou Vida a que se dirigia?

Mas o Nazareno foi obrigado a deixar sinais e provas externas de seu poder até o último momento. E talvez esses “anjos”, ou “enviados”, ou “astronautas” tenham sido – com suas naves – parte ativa, pela última vez, da definitiva partida

de Jesus deste velho, belo e cruel mundo ao qual teve de vir por expresso desejo do Pai.

Que cada um busque a resposta em seu próprio coração.

À guisa de conclusão

GRAÇAS À CIÊNCIA provou-se que o chamado Santo Sudário de Turim é um lençol do tempo de Jesus de Nazaré.

GRAÇAS À CIÊNCIA provou-se que a imagem que aparece nesse pano de linho é um “negativo fotográfico”.

GRAÇAS À CIÊNCIA especialistas da Nasa anunciaram ao mundo que essas marcas só poderiam ter sido formadas por uma enigmática e poderosa radiação.

GRAÇAS À CIÊNCIA demonstrou-se que algo tão estranho quanto revolucionário – chamado de Ressurreição por aqueles que creem – aconteceu na escuridão daquele sepulcro, há dois mil anos.

GRAÇAS À CIÊNCIA sabe-se que esse foi o primeiro caso, cientificamente analisado, de um cadáver que levitou e irradiou energia suficiente para chamuscar um sudário.

E A VOZ DE MEU CORAÇÃO E MINHAS INVESTIGAÇÕES me dizem que Jesus de Nazaré – o grande Enviado – foi acompanhado e ajudado no “plano” da Redenção por uma “equipe” de seres que hoje, quem sabe, associaríamos a nossos “astronautas”.

8. Jesus de Nazaré, ou a entrevista que nunca existiu

Acho que teria sido uma boa entrevista. De primeira página. Pelo menos, do ponto de vista deste repórter. Uma “entrevista” com Jesus de Nazaré, depois de ressuscitado, teria concretizado as ambições profissionais de muitos colegas. E, evidentemente, as minhas.

Mas o que o Nazareno teria respondido? E, já que é para imaginar, por que não escrever a entrevista?

Eis aqui algumas das muitas e variadas perguntas que eu teria lhe formulado. Talvez – por que não? – suas respostas fossem bastante parecidas com estas. Quem sabe?

Jesus de Nazaré parece praticar esportes intensamente. Suas costas são como as de um nadador, e sua altura é igual a de qualquer jogador de basquete que se preze. Acho que qualquer cidadão médio, como é meu caso, se sentiria levemente complexado diante dele. Pelo menos foi o que aconteceu comigo no início, quando o encontrei. Depois, conforme fomos conversando, tudo mudou.

Aquele Galileu de barba fina e meticulosamente aparada, de cabelos cor de ouro velho que repousavam levemente sobre seus ombros, era tão simples e disposto a qualquer tipo de brincadeira quanto qualquer outro. Deve ter notado meu nervosismo. Apesar de meus 17 anos de trabalho como jornalista, meus nervos começavam a se manifestar, e aquele meu velho gravador engasgava como um adolescente diante da primeira namorada.

“Droga!”, pensei. “Só falta esta porcaria não funcionar.”

E o Nazareno, após jogar o longo manto cor de vinho sobre o ombro esquerdo, tocou minha nuca com a mão direita e comentou, divertido:

– Calma!

E uma espécie de intenso calor acompanhou aquele gesto apaziguador em minha nuca. Jesus de Nazaré deve ter notado minha confusão e adiantou-se a meus pensamentos:

– É energia. Sai de minhas mãos sem querer. Como das de qualquer outro.

Olhei para as minhas, em um movimento reflexo, e levantando meu olhar para Ele, perguntei:

– Energia? De que tipo?

Mas Jesus não respondeu. Limitou-se a sorrir. E uma sequência de dentes branca e perfeita me deixou atônito. Estava claro que aquele homem não sofria das incômodas cáries.

Meu gravador já estava funcionando, e, dando de ombros, comentei:

– Não sei por onde começar. Tanto tempo esperando esta oportunidade e agora fico "travado"! Eu pensei que o senhor fosse mais baixinho. Como qualquer judeu mediano.

O Nazareno riu com prazer. E disse:

– Vamos deixar de formalidades? É melhor, não acha?

– Sim, claro – balbuciei.

– E por que acha que eu devia ser mais baixo?

– Bem, não sei. Mas também não tem importância – respondi, querendo já entrar a fundo nas perguntas. – Veja, não é que eu desconfie, mas você se importaria de me mostrar as cicatrizes?

Jesus levantou ligeiramente os braços e deixou cair as folgadas mangas de sua túnica cor de marfim. Ao ver aqueles sinais em seus punhos, senti uma onda de vergonha subindo do estômago e corando até minhas sobrancelhas. Que ridículo me senti, santo Deus!

– Desculpe! – sussurrei. E tentei me justificar. – Você sabe, as pessoas continuam desconfiando.

– E você também, pelo que vejo.

– Bem, você tem de reconhecer que é a primeira vez no mundo que alguém é condenado e morto e depois ressuscita.

– Sim, também é verdade.

E nós dois, em uníssono, como se tivéssemos combinado, caímos na risada, diante do olhar sério daqueles que nos cercavam e que afirmavam ser seus discípulos.

– Vamos por partes. Há algumas coisas que nunca consegui entender. Por exemplo: depois de tanto tempo andando e pregando por aí, como você resumiria sua mensagem?

O Nazareno me examinou com seus olhos negro-azulados. Oh, Deus! Aquele olhar parecia um raio *laser*. Senti tamanha angústia que quase peguei meu gravador e fui embora. Aquele personagem era demais para qualquer um.

Penso – porque jamais consegui comprovar – que Jesus lia meus sentimentos ou intenções. E deve ter ficado tranquilo de ver que não havia em mim o menor

indício de deboche ou frivolidade. E suas sobrancelhas negras – bastante marcadas – relaxaram. E falou assim:

– É triste que ainda não tenham compreendido. Eu só vim a este planeta para lhes dizer que o Pai deu de presente a salvação.

– Não importa o que façamos?

– Sim. Ainda não percebeu que ser filho de Deus, do Pai, é algo importante?

– Receio que não.

– Pois já era hora.

– Não, não pode ser – comentei. – Se, em vida, uma pessoa infringe a lei e mata, rouba etc., como vai ganhar a salvação?

Jesus se armou de paciência e me perguntou:

– O que você faria se um dos seus filhos fizesse todas as diabruras do mundo?

– Não sei. Tentaria convencê-lo de que está errado.

– Mas o esqueceria ou o destruiria?

– Não, pelo amor de Deus!

– Perfeito. Acho que você já respondeu à pergunta anterior.

– Mas e se alguém morre sem entender nada do que você disse e pregou?

– Sempre há uma segunda oportunidade.

– Sempre?

O Nazareno assentiu com a cabeça.

– Mas onde?

– Eu disse em certa ocasião – e você sabe – que na casa de meu Pai há muitas moradas. Por que você se preocupa com o lugar ou a forma, então? Viva intensamente agora, pois por algum motivo está aqui, como todos.

As perguntas começavam a se atropelar em minha mente. E eu tive de inspirar longa e profundamente. “Calma, calma”, pensei comigo mesmo.

– Então, esse negócio de inferno e de ranger de dentes...

– Diga-me outra coisa: o que você acha do mundo em que vive agora? É agradável ou é um inferno? E o que me diz da ignorância? Acha que pode haver algo pior que viver mergulhado na escuridão e na falta de conhecimento? Eu lhe garanto que quem está longe de Deus não sabe o que está perdendo. Esse é o grande inferno e a pior condenação.

– Mas você disse que sempre há uma segunda oportunidade.

– Tão certo quanto eu ter ressuscitado. O que acontece é que entender é mais difícil para alguns que para outros. E eles têm de repetir e repetir de ano, até que descobrem a Suprema Luz e sua verdadeira natureza. Então, começam realmente a ser felizes.

– E todos chegaremos a esse momento?

– Todos estão condenados a ser felizes. Cedo ou tarde. Isso foi o que tentei lhes

dizer com minha vinda.

– Mas para isso era necessário tanta confusão?

– Confusão?

– Sim, sua morte etc.

– As coisas ainda são aparentemente complicadas para vocês. Tudo tem e leva seu tempo. Só posso lhe dizer que aqui, no planeta Terra, havia chegado a plenitude dos tempos, e, quando esse momento ocorre, o Pai comunica sempre suas intenções e desejos a seus filhos.

– Engraçado. Você diz que havia chegado a plenitude dos tempos. Há dois mil anos?

– Vou lhe dar outro exemplo. Quando seus filhos são bebês e permanecem no berço, você, o pai deles, pensa em lhes explicar quem são e o que os aguarda?

– Não, claro.

– Esse momento depende sempre de cada criança ou adolescente. Não são todos iguais. Com uns, temos de falar antes e, com outros, mais tarde. Para a Terra, e não me pergunte por que, esse momento chegou quando o Pai me enviou.

– Mas, insisto, era absolutamente necessário que o matassem? Você poderia ter deixado seu recado, e adeus.

O Nazareno voltou a sorrir e apontou para a fita do gravador. Havia acabado. Enquanto eu trocava de fita, lamentei novamente minha falta de sorte. “Com certeza devo ter perdido palavras importantes”, pensei.

– Cada criança, cada filho, cada mundo, enfim, que forma a Casa de meu Pai exige um tratamento diferente, de acordo com sua evolução e características. A Terra, na época, tinha aquelas. Era difícil, e tivemos de forçar a barra. E se eu tivesse de morrer, ressuscitar e provar que a mensagem era verdadeira, pois muito bem. Como se diz por aí, tudo está bem quando acaba bem. Não é?

Devo ter feito cara de espanto, pois o Nazareno se adiantou a minha próxima pergunta:

– Sim, eu sei o que está pensando. Há muitos outros mundos, mais do que você pode compreender ou assimilar, e em todos há filhos do Pai.

– Então, não somos os únicos?

Nova gargalhada do Nazareno:

– Só lhe direi uma coisa: ali fora há mais trânsito que aqui embaixo.

– E por que os cientistas não acreditam?

– Repito que tudo tem seu tempo. Calma. Veja o que aconteceu com os papas. Quem poderia ter convencido Julio ii – aquele das desavenças com Michelangelo Buonarotti – que, poucos séculos depois, outros colegas seus – João xxiii, Paulo vi, João Paulo ii – iam servir-se de aviões para voar de um

lugar a outro do planeta para levar minha mensagem?

– Você tem toda a razão.

– Claro.

– Mas se há tantas moradas, tantas civilizações em seu Reino...

– Em nosso Reino, você quer dizer.

– Isso, em nosso Reino. Foi preciso levar o recado a todas elas?

– Sem nos esquecermos de nenhum.

– E em cada missão você teve de dar a vida, com perdão da expressão?

– Não. Já lhe disse que este seu planeta reunia algumas características diferentes.

– Mas a mensagem acaba sendo conhecida até pelo último filho do Pai?

– Até pelo menor e mais escondido, na última galáxia dos universos visíveis ou invisíveis.

– Então, de acordo com isso, deve haver outros mundos ou "Terras" como a nossa que ainda não sabem nada de você?

– Sim. Mas tudo está previsto.

– E o que vai acontecer quando todos os filhos do Pai souberem e entenderem o "negócio"?

– Não me faça falar. Há coisas que você vai ter de descobrir mais adiante.

– Voltando ao que falávamos antes... Apesar de sua encarnação na Terra e da mensagem, a verdade é que as coisas não andam nada bem aqui embaixo. Alguma coisa falhou de novo?

– Embora você não acredite, o Pai dá liberdade absoluta a seus filhos. Ele lhes diz o que devem fazer para serem felizes e prosperarem. E os filhos, se quiserem, obedecem. Na verdade, só as crianças pequenas – vocês, por exemplo – fazem algumas travessuras e sujam a casa dessa grande família cósmica. Mas também vão crescer, você vai ver. E tudo vai mudar. Como eu disse, vocês estão condenados à Felicidade.

– Então, diga-me, como posso ser feliz?

– A Felicidade não é uma flor natural deste mundo. Não se esqueça disso. Por ora, ame seus semelhantes.

– É fácil falar!

– Mesmo que não entenda, ame as pessoas. As que conhece e as que não conhece. O Amor: esse é o único passaporte para o outro lado.

– E se eu não quiser ou não souber fazê-lo?

– Vai precisar de mais tempo, até que aprenda a lição. Porque você, como todos, está aqui e agora por alguma razão. Lá em cima há muita gente trabalhando para o Pai. E nem o mais profundo pensamento e sentimento escapa ou se camufla.

– Então, como você diz, lá em cima há gente. Os mesmos que colaboraram com você no “plano” da Redenção?

Jesus, o Nazareno, pôs novamente a mão em meu ombro e respondeu com um sorriso prolongado:

– Se você já sabe, por que me pergunta?

– E um dia chegaremos a viver na Perfeição?

– Sim. De fato, já há gente que vive no Amor. Eles, por exemplo, já conquistaram um bom trecho.

– O que é o céu, então?

– A Perfeição. Viver no Conhecimento e na Harmonia com quem tudo pode e mantém.

– Ou seja, a santidade e a perfeição são compatíveis com a tecnologia e o progresso.

– Você não imagina quanto.

– Nós temos tecnologia e lançamos foguetes a outros planetas, mas não somos felizes. Por quê?

– Porque não entenderam a mensagem, ou o recado, como você diz, que o Pai me encarregou de passar a vocês, terráqueos. Há outras raças e humanidades que progrediram tanto ou mais que vocês e são infinitamente mais prudentes e felizes. E o segredo está só nisto que lhe digo: em saber que somos filhos do Chefe e que acima de tudo vêm o espírito e o amor. Ame a todos e a tudo que o cerca a cada segundo de sua vida neste mundo. Não se preocupe com o resto.

– E o que me diz das “plataformas” de algumas religiões?

– Isto: simples “plataformas”. Às vezes, nem sequer os mais próximos entendem que o “negócio” segue outros caminhos.

– Uma última pergunta: como é o Pai? É como você?

Jesus de Nazaré ficou sério. Foi a única vez que o vi se alterar. Por um momento pensei que eu havia passado dos limites. Mas nem o punho nem a voz do Enviado tremiam. E, enquanto se levantava e apertava minha mão, respondeu:

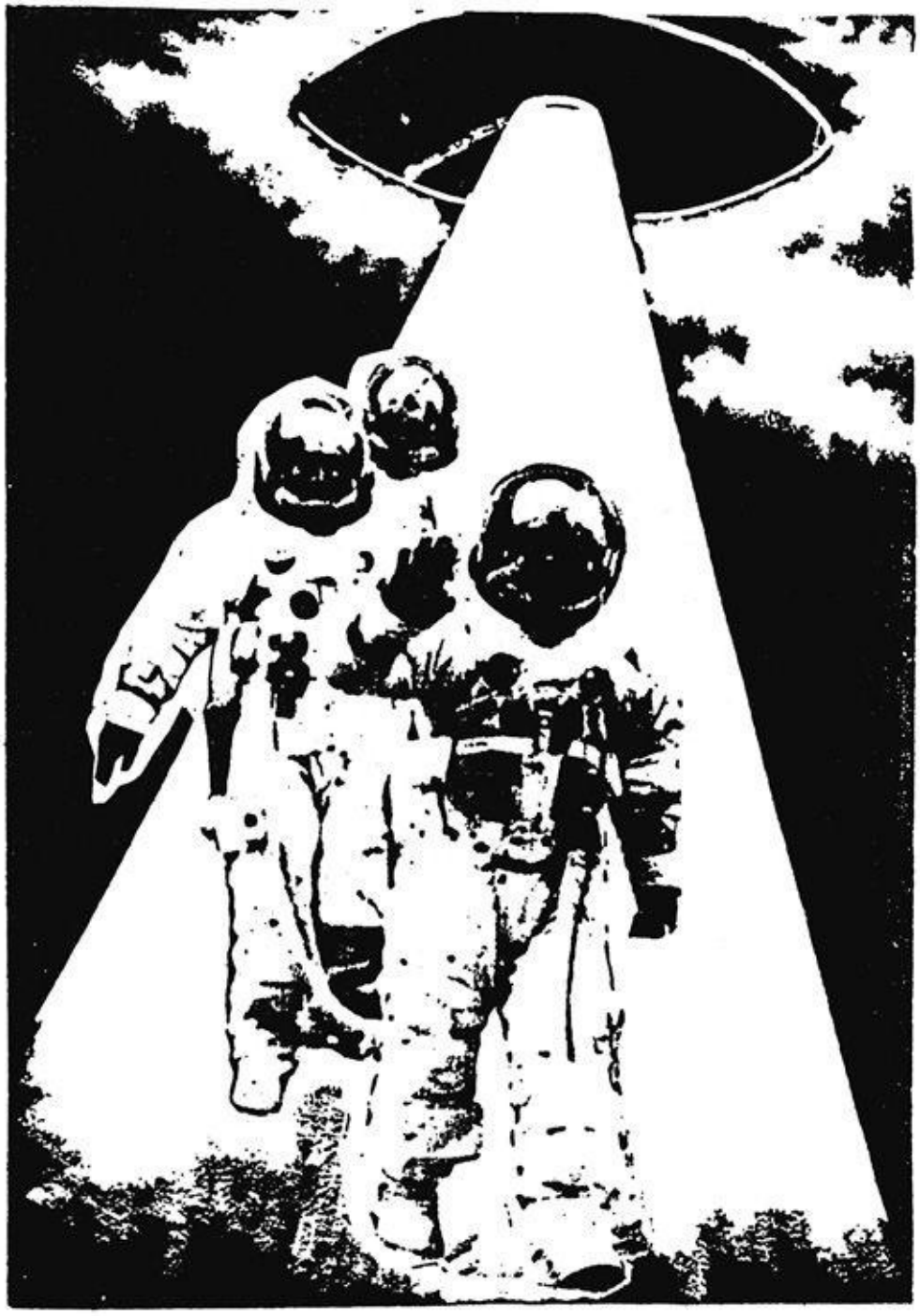
– Olhe a sua volta e, principalmente, olhe para si mesmo. Assim saberá como e quem é nosso Pai.

E uma paz enorme e branca invadiu meu coração estremecido.

E, desde então, o mundo em que agora vivo não é mais o mesmo.

Agradecimentos

A José Luis Carreño Etxeandía.
Ao padre jesuíta Igartua, doutor em Teologia.
A Arsenio Álvarez Gutiérrez, formado em Filosofia e Letras (Departamento de Filologia Românica).
A José María Lecea, presidente do Colégio de Farmacêuticos de Biscaia.
Ao padre jesuíta Romañá, ex-diretor do Observatório Astronômico do Ebro.
A Gloria de Larrañaga e Adita Alonso.
Aos sacerdotes Ignacio Mendieta e José Ignacio Amann.



“Havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor os cercou de resplendor. Eles tiveram grande temor. Mas o anjo lhes disse: ‘Não temais, porque eis que aqui vos trago novas de grande alegria, que serão para todo o povo. Pois, na cidade de Davi, vos nasceu

hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor’.” (Lucas, 2:8-11).

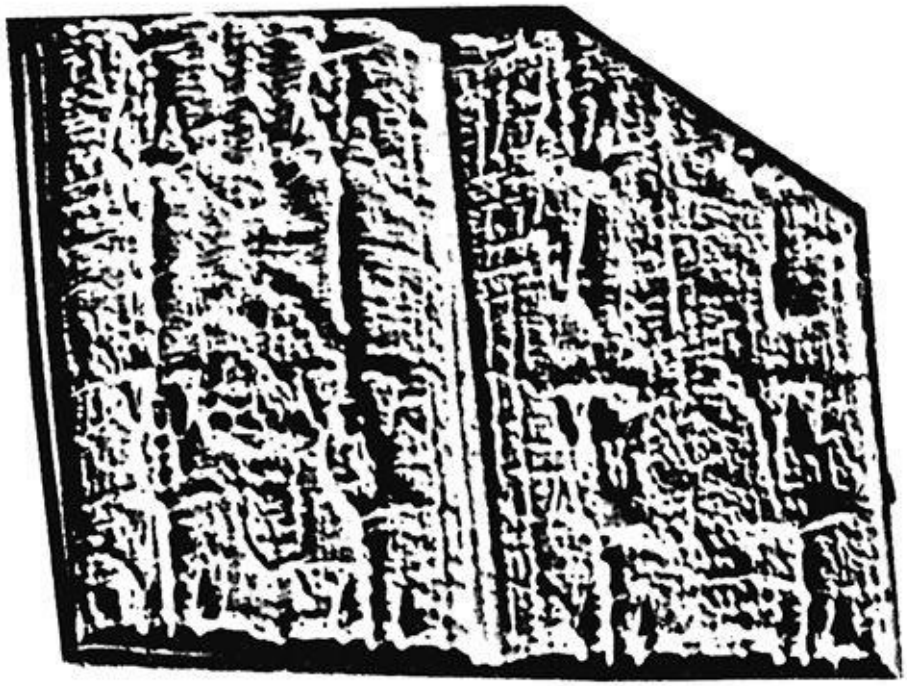


“Tendo eles [os magos] ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que finalmente se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, regozijaram-se com grande alegria”. (Mateus, 2:9-10).



“E aconteceu que [...] tomou Jesus consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar. E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e suas vestes ficaram brancas e muito resplandescentes. E eis que estavam falando com ele dois homens.” (Lucas, 9:28-30).

“Formou-se uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, [...] e saiu da nuvem uma voz.” (Marcos, 9:7).

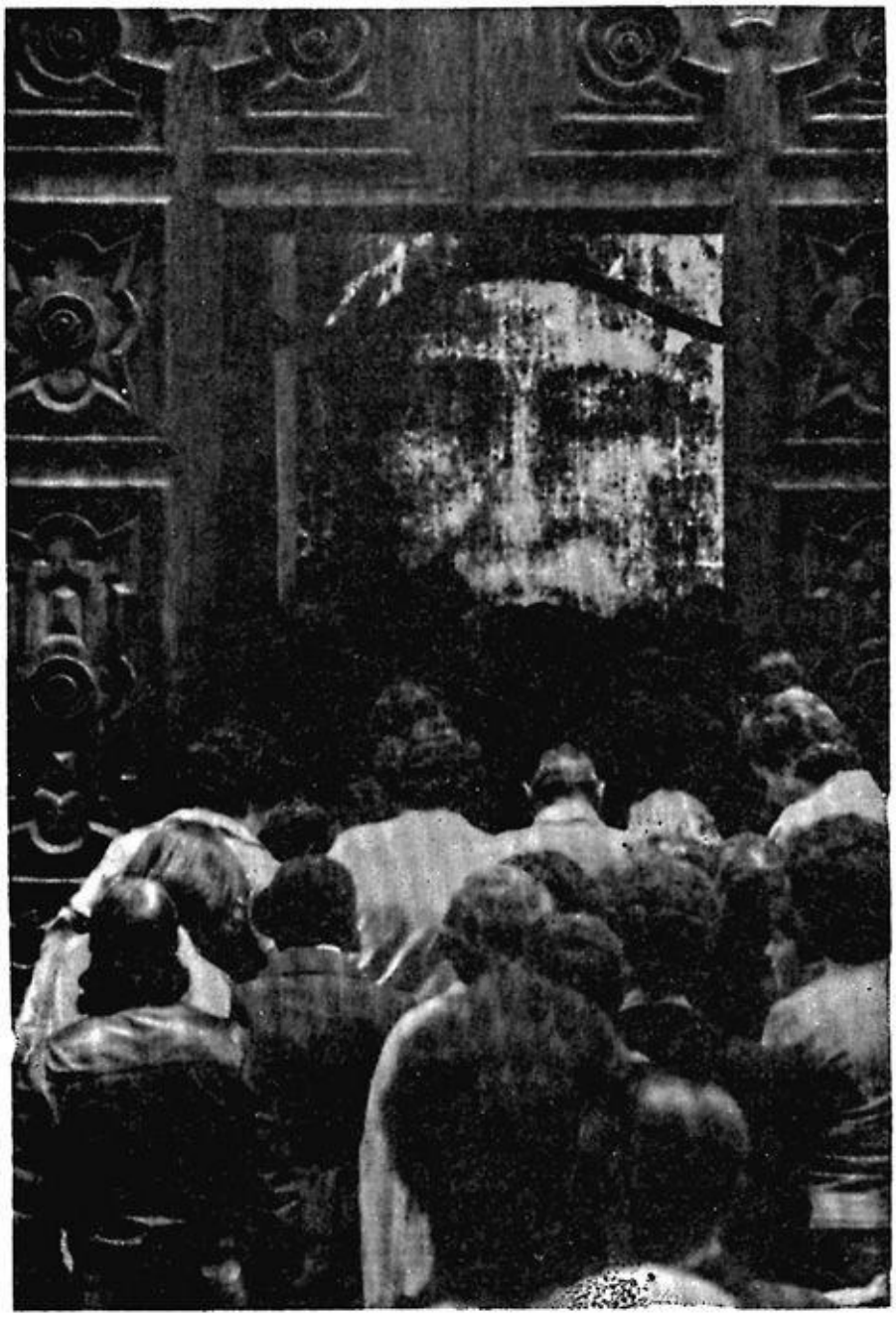


A grande surpresa: a imagem do Santo Sudário de Turim é tridimensional. À esquerda, a parte frontal. À direita, a dorsal. Essa descoberta sensacional foi feita por especialistas da Nasa em 1977.



Segundo os técnicos da Nasa, o corpo do “homem do sudário” não estava sujeito

à gravidade durante o tempo que durou a ressurreição. É possível que, nesse infinitesimal espaço de tempo, o corpo de Jesus de Nazaré tenha emitido uma radiação desconhecida, que chamuscou o lençol.



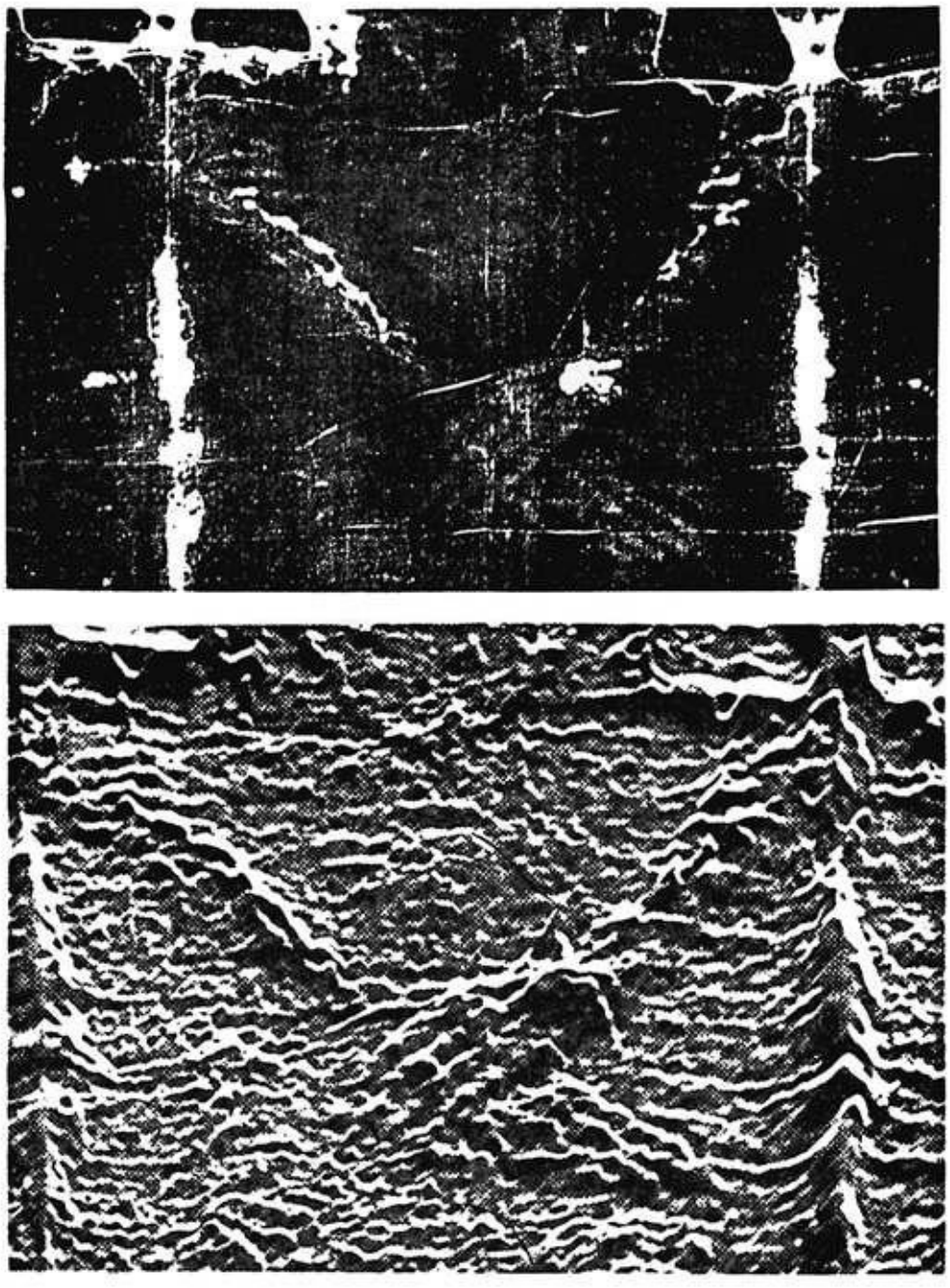
Uma estranha sensação percorre o corpo de todos aqueles que vão a Turim para contemplar o Santo Sudário.



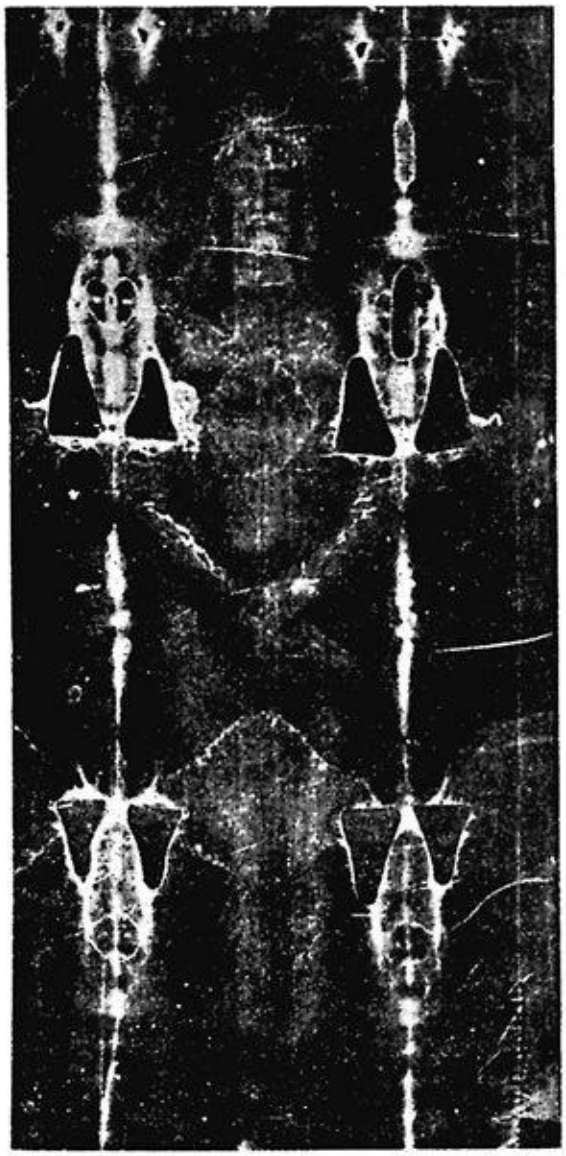


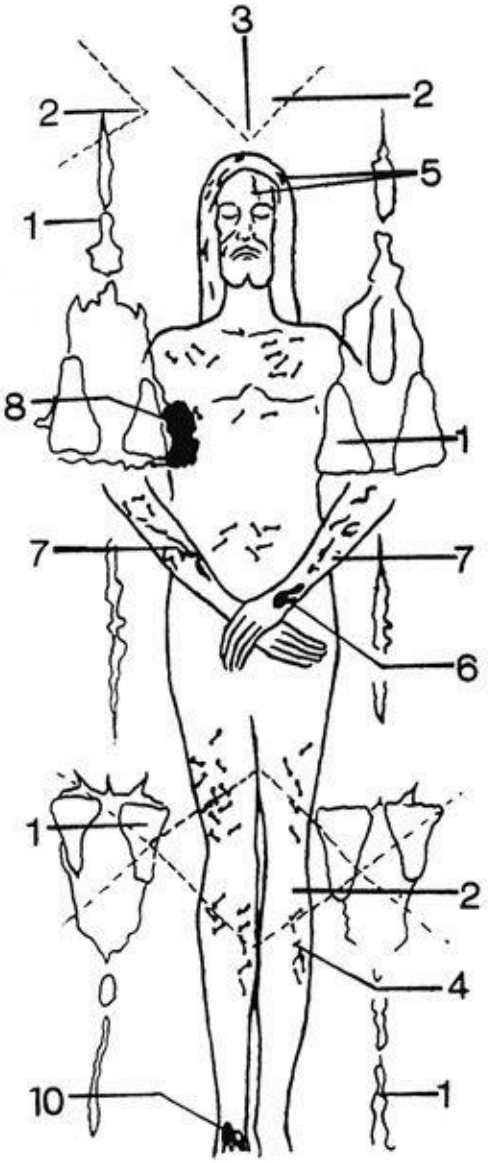


Os célebres médicos legistas J. Lordiglia e Romanese fizeram dezenas de testes com cadáveres para obter alguma marca como a que se vê no Sudário de Turim. Isso foi o melhor que conseguiram. A diferença em relação ao rosto de Jesus de Nazaré – acima – fala por si mesma.

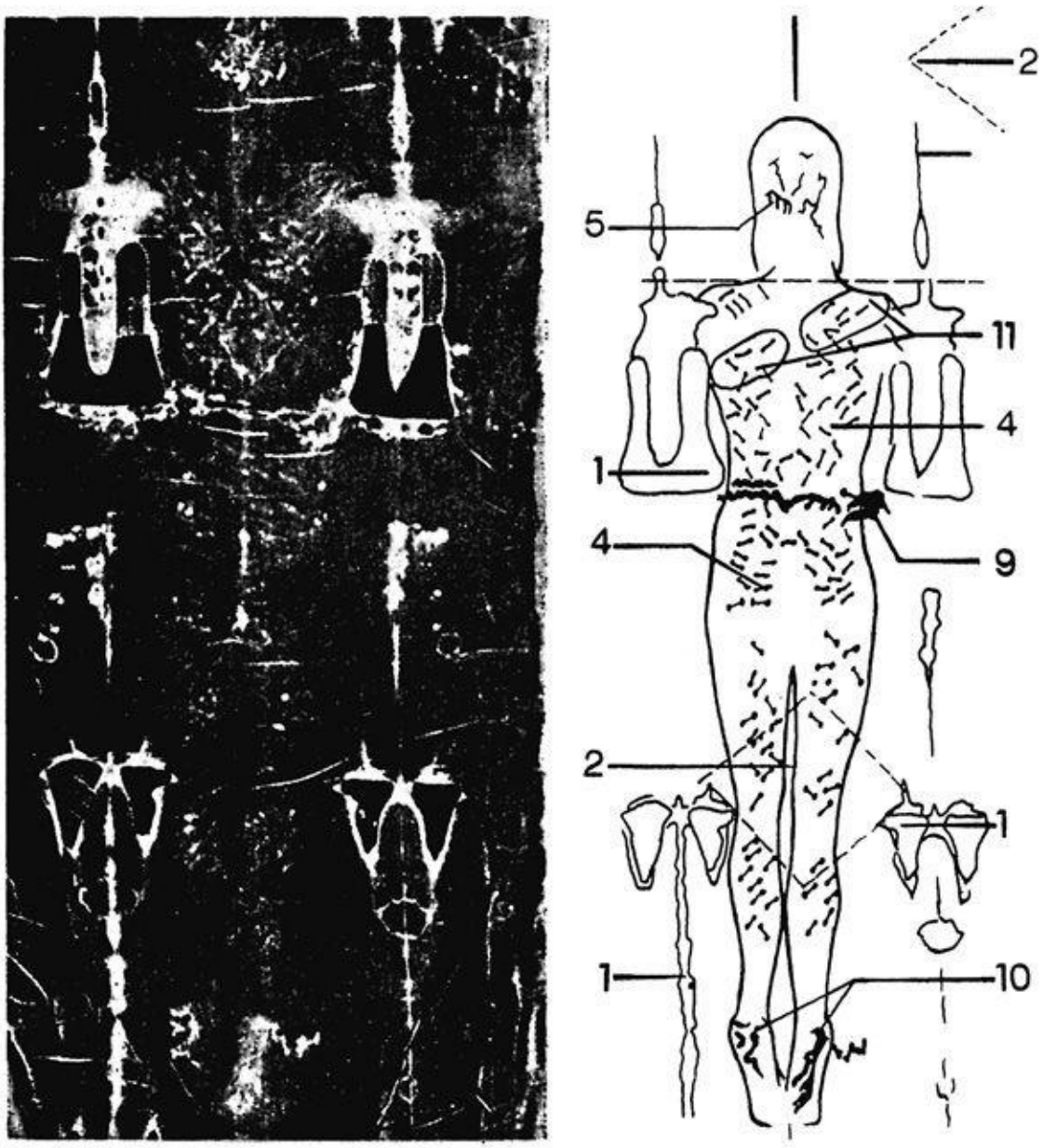


Na parte superior, os braços e mãos do Nazareno, com a mancha de sangue provocada pelo prego ao perfurar o punho esquerdo. Abaixo, a mesma imagem, em relevo, como nos oferecem os cientistas da Nasa.

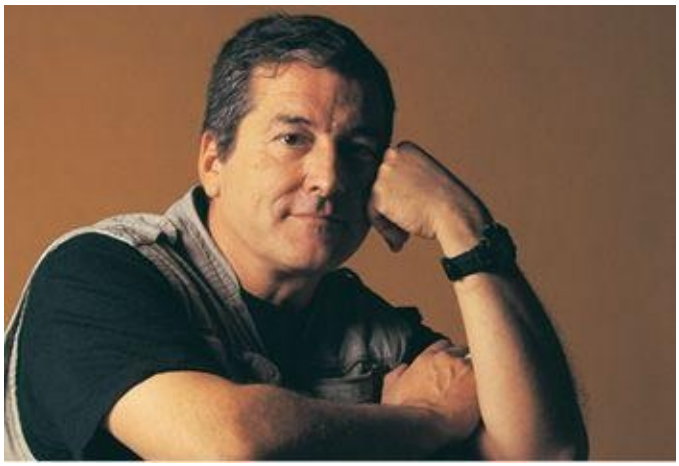




À esquerda, o “negativo fotográfico” (positivo óptico) da região frontal do corpo do homem que foi envolto no sudário guardado em Turim. À direita, um desenho com as marcas correspondentes a: 1) queimaduras; 2) água; 3) corpo inteiro; 4) açoites; 5) espinhos; 6) prego; 7) sangue; 8) golpe de lança; 10) prego do pé.



Região dorsal (à esquerda) do corpo do Nazareno. Pode-se visualizar as marcas dos espinhos na região occipital e na nuca, assim como no resto das costas, pernas etc. À direita, o esquema das marcas correspondentes a: 1) queimaduras; 2) água; 4) açoites; 5) espinhos; 9) descida; 10) prego do pé; e 11) *patibulum.*



J. J. Benítez nasceu em Pamplona, na Espanha, em 1946. Formou-se em jornalismo na Universidade de Navarra e é um pesquisador incansável do fenômeno constituído pelos óvnis, tema no qual se tornou máximo especialista em escala internacional. Em julho de 2002, esteve às portas da morte. Diz que continuará viajando e investigando enquanto seu “Deus favorito” quiser. Mora na Espanha junto ao mar e à esposa, Blanca.

Sumário

Abertura
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Apenas uma reportagem
As sensacionais descobertas de técnicos da Nasa sobre o chamado “Santo Sudário de Turim”
1. Com eles chegou o escândalo
2. Autenticidade: eis a questão
3. Uma pintura de Zurbarán sobre dácron
4. Um “ás” na manga de Jesus de Nazaré
5. A imagem não tem origem química
6. Os evangelistas, “repórteres” medíocres
7. “Projeção mental” para a paixão e morte do Nazareno: uma experiência inesquecível
Ouro do templo contra Jesus
Urinaram sobre o Galileu
“Uns cem golpes”
Chantagem política contra Pilatos
Amarrados pelos tornozelos
“Arrancaram-lhe tufos da barba”
O carrasco, um especialista
“Há algo errado: o prego do punho direito não entra”
O supersticioso temor do procurador
“Não houve eclipse solar”
Dados de marfim
Um denário para se aproximar de Jesus
Hora nona: volta a claridade
“Foi preciso despregá-lo”
Linho dos oásis de Palmira
O grito de Maria
“Antes do golpe de lança, o homem do Sudário já estava morto”
Ouro do templo contra Jesus
Urinaram sobre o Galileu

- “Uns cem golpes”
- Chantagem política contra Pilatos
- Amarrados pelos tornozelos
- “Arrancaram-lhe tufos da barba”
- O carrasco, um especialista
- “Há algo errado: o prego do punho direito não entra”
- O supersticioso temor do procurador
- “Não houve eclipse solar”
- Dados de marfim
- Um denário para se aproximar de Jesus
- Hora nona: volta a claridade
- “Foi preciso despregá-lo”
- Linho dos oásis de Palmira
- O grito de Maria
- “Antes do golpe de lança, o homem do Sudário já estava morto”
- 8. Uma radiação saiu do cadáver
- 9. Uma péssima tradução

Agora, quem sabe, poderemos começar a entendê-lo

1. Uma análise da chamada “estrela” de Belém
   - A “estrela” de Belém era uma estrela (um sol)?
   - Pode ter sido um cometa?
   - Os magos teriam visto um meteoro ou um meteorito?
   - A “estrela” de Belém pode ter sido uma nova ou uma supernova?
   - Foi uma conjunção planetária?
   - A “estrela” de Belém foi uma bela metáfora oriental?
   - A “estrela” de Belém era uma estrela (um sol)?
   - Pode ter sido um cometa?
   - Os magos teriam visto um meteoro ou um meteorito?
   - A “estrela” de Belém pode ter sido uma nova ou uma supernova?
   - Foi uma conjunção planetária?
   - A “estrela” de Belém foi uma bela metáfora oriental?
   - 2. A “estrela” de Belém: uma nave sideral?
   - 3. A “transfiguração”: um encontro de terceiro grau
     - A “transfiguração”
     - A “transfiguração”
     - 4. O que realmente aconteceu no deserto?
     - 5. 36.000 “anjos” à sua disposição
     - 6. Um “astronauta” junto ao sepulcro
     - 7. “E foi levado ao céu”

À guisa de conclusão
8. Jesus de Nazaré, ou a entrevista que nunca existiu
Agradecimentos
Sobre o autor